

Henrique Cláudio de Lima Vaz



Um sistema em resposta ao nihilismo ético

Marly Carvalho Soares

A síntese e a vivência de quatro razões

Marcelo Perine

O Platão de Lima Vaz

Rubens Godoy Sampaio

Um sistema em resposta ao nihilismo ético

E mais:

>> **Castor Ruiz**
A exceção jurídica
e a vida humana

>> **Alexandre Filordi:**
A função-educador e
a educação desviante

Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético

Há 90 anos nascia **Henrique Cláudio de Lima Vaz**, na bucólica Ouro Preto, no interior de Minas Gerais. Intelectual de saber enciclopédico e considerado uma “lenda” já em vida em função de sua trajetória filosófica, o jesuíta dedicou sua vida à filosofia, construindo um majestoso e importante edifício teórico centrado na importância do ser humano e de suas relações com a alteridade e a transcendência. Para isso confrontou-se com gigantes do porte de Aristóteles, Platão, Tomás de Aquino, Kant e Hegel.

Celebrando a memória desse filósofo brasileiro, a **IHU On-Line** entrevistou diversos especialistas no pensamento vaziano. Ex-aluno de Lima Vaz, **Álvaro Mendonça Pimentel**, professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, pontua que seu legado reflete as “urgências de nossa cultura”. **Marly Carvalho Soares**, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, ex-orientanda e amiga do mestre, menciona que sua obra está enraizada nas tradições clássica e escolástica, além de se confrontar com temas da filosofia moderna, em autores como Kant e Hegel principalmente. Para **Rubens Godoy Sampaio**, o sistema vaziano é uma resposta ao niilismo ético que grassa em nossa sociedade.

A doutoranda pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma - PUG, **Cláudia Maria Rocha de Oliveira**, segue o mesmo raciocínio e aponta que a ética de Lima Vaz vai além do relativismo e da fragmentação, confrontando-se com os dualismos do século XX, como a aparente oposição entre o cristianismo e o mundo moderno.

O filósofo **Delmar Cardoso**, coordenador do Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz e um dos pesquisadores ligados ao Memorial Padre Vaz, considera Lima Vaz como um autêntico trabalhador da filosofia, avesso aos rótulos acadêmicos. A dimensão comunitária de Lima Vaz, Taylor e MacIntyre é o tema abordado por **Elton Vitoriano Ribeiro**, professor da FAJE, que constata que a existência ética é exercício árduo a ser conquistado a cada dia pela humanidade. **Marcelo Perine**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, fala sobre “o Platão de Lima Vaz”, acentuando que o filósofo ouro-pretano ainda não possui o devido reconhecimento no panteão filosófico. “A razão calculadora reorganiza os traços comuns do sistema simbólico, ou sistema das razões, da civilização que se colocara sob a regência do logos filosófico greco-cristão”, constata **Marcelo Fernandes de Aquino**, da Unisinos. É o que Vaz denominará de ‘modernidade pós-cristã’.

Glauber e a catedral latino-americana. Ou o legado que não devemos renunciar! é o tema do artigo de **Augusto de Sá Oliveira**, professor do curso de Comunicação Social da Faculdade 2 de Julho (F2J/Bahia).

O livro Foucault e a função-educador é apresentado e comentado por seu próprio autor, **Alexandre Filordi de Carvalho**.

A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin é o tema do filósofo espanhol **Castor Bartolomé Ruiz**, adiantando aspectos que irá abordar hoje, 26-09-2011, no evento Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”.

A pesquisadora **Júlia Coelho de Souza** analisa o consumo responsável e a responsabilidade no consumo, tema que será discutido nesta quinta-feira, 29-09-2011, no **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura.

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiris Magalhães (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patrícia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 08 | Marly Carvalho Soares: A síntese e a vivência de quatro razões

PÁGINA 14 | Rubens Godoy Sampaio: Um sistema em resposta ao niilismo ético

PÁGINA 18 | Marcelo Fernandes de Aquino: Será a humanidade absorvida pelo mundo dos objetos, hoje virtuais? Uma pergunta que não cala

PÁGINA 22 | Cláudia Maria Rocha de Oliveira: Uma ética para além do relativismo e da fragmentação

PÁGINA 26 | Álvaro Mendonça Pimentel: Uma obra para refletir sobre nossa época

PÁGINA 30 | Marcelo Perine: O Platão de Lima Vaz

PÁGINA 36 | Elton Vitoriano Ribeiro: A dimensão comunitária de Lima Vaz, Taylor e MacIntyre

PÁGINA 41 | Delmar Cardoso: Lima Vaz, um trabalhador da filosofia

B. Destaques da semana

» Livro da Semana

PÁGINA 45 | Alexandre Filordi de Carvalho: A função-educador e a educação desviante

» Coluna do Cepos

PÁGINA 48 | Augusto de Sá Oliveira: Glauber e a catedral latino-americana. Ou o legado que não devemos renunciar!

» Destaques On-Line

PÁGINA 50 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 55 | Castor Bartolomé Ruiz: A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin

PÁGINA 60 | Júlia Coelho: Do consumo responsável à responsabilidade no consumo



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Biografia

Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ (Ouro Preto, 24 de agosto de 1921 - Belo Horizonte, 23 de maio de 2002) foi um padre jesuíta, professor, filósofo e humanista brasileiro.

Juventude e formação inicial

Lima Vaz nasceu em Ouro Preto. Entrou na Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Fez seus estudos filosóficos no antigo escolasticado dos jesuítas em Nova Friburgo, RJ. Em 1945, foi para Roma estudar Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde concluiu o curso de licenciatura com uma dissertação intitulada *O problema da beatitude em Aristóteles e Santo Tomás*.

Sua ordenação presbiteral deu-se a 15 de julho de 1948. Completou sua formação religiosa em Gandia, na Espanha. Voltando a Roma, obteve em 1953 o doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana, com a tese *De dialectica et contemplatione in Platonis dialogis*, que versou sobre a dialética e a intuição nos diálogos platônicos da maturidade.

Magistério

Lima Vaz trabalhou no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos. Primeiramente na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Nova Friburgo (1953-1963), que depois foi transferida para São Paulo (1963-1974)- período em que Lima Vaz esteve ausente do ensino na faculdade -, e depois para o Rio de Janeiro (1975-1981), e novamente transferida para Belo Horizonte (1982-). Ensinou também em cursos do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais de 1964 a 1986, da qual recebeu em 2001, o título de Professor Emérito.

Ação Popular

Aos anos 60 tornou-se mentor da Juventude Universitária Católica - JUC e da Ação Popular - AP, em sua primeira fase. Num cenário agitado e confuso como o da época, os artigos de Lima Vaz tiveram o impacto de uma lufada de ar puro sobre uma geração cristã, que se sentia asfisiada por uma tradição religiosa alheia aos desafios políticos e culturais do seu tempo. Lima Vaz soube como ninguém oferecer uma análise crítica do pensamento marxiano numa atitude intelectual firme e aberta ao debate, criticando todo reducionismo intra-histórico pelo chamado à transcendência, mas, ao mesmo tempo, questionando a posição tradicional a partir do pensamento dialético.



Fé e razão

A religião e a fé, para Lima Vaz, não eram algo extrínseco com o qual se relacionava: nelas vivia e delas se alimentava espiritualmente. Por isso ele afirmava não experimentar conflitos interiores a respeito da compatibilidade entre suas convicções religiosas e sua vocação de filósofo. Desde o início deixou-se guiar pela diretriz de Santo Agostinho: “crê para entenderes e entende para creres”. Dessa forma, seu trabalho filosófico manteve-se rigorosamente dentro das exigências metódicas e doutrinárias da razão. E, todas as vezes que atingia as fronteiras em que a razão se encontra com a fé, essa linha divisória era explicitamente traçada.

Erudição

Um erudito, Lima Vaz possuía uma sólida e vasta cultura científica e humanística, bem como um amplo conhecimento filosófico de todo o pensamento ocidental. Vinculado fundamentalmente à metafísica clássica, possuía um vivo interesse pelo pensamento moderno e seus principais representantes, deixando-se seriamente questionar pela modernidade. Grande destaque deve ser dado, também, ao seu profundo conhecimento da obra de Hegel.

Nos seus últimos trabalhos buscou analisar a realidade sociocultural contemporânea e a crise da modernidade sob os aspectos filosóficos, éticos, políticos e religiosos. Nestas suas investigações, tomou posição no debate de ideias a respeito do sentido transcendente da existência humana e dos rumos de nossa civilização.

Síntese filosófica

Sua síntese filosófica pessoal apoiava-se em três grandes



influências: Platão¹, Tomás de Aquino² e Hegel³. Mas seu autor predileto é, sem dúvida, Tomás de Aquino. Lima Vaz via na obra de Tomás de Aquino, especialmente na sua metafísica, tal profundidade, lucidez e equilíbrio nas questões fundamentais que, ainda hoje, suas intuições são, segundo Lima Vaz, capazes de fecundar a reflexão. E, nesta união fecunda de elementos antigos, como a metafísica de Tomás de Aquino, e perspectivas renovadoras, como a ênfase na dialética hegeliana, Lima Vaz colocava-se em busca de uma vida ética, onde fosse possível a realização da humanidade na liberdade, na verdade, na beleza e na justiça.

Nos seus últimos escritos, Lima Vaz busca recuperar a ideia de sistema no sentido da articulação ordenada do pensamento, sem a qual não há leitura coerente da realidade, e a filosofia se esvai em gratuitos jogos de linguagem.

1 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e *o Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “*As implicações éticas da cosmologia de Platão*”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

2 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

3 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

A partir desta ideia de sistema Lima Vaz constrói principalmente sua antropologia filosófica e sua ética filosófica. Seu último livro, *Raízes da Modernidade* (São Paulo: Loyola, 2002), propõe para o nosso tempo, tempo de incertezas e de renovadas articulações, o humanismo teocêntrico como itinerário para a realização plena do ser humano em sua existência pessoal e social.

Cultivou uma vida recolhida, simples, sem ostentação, impondo-se um ritmo de trabalho disciplinado e austero. Lima Vaz veio a falecer em Belo Horizonte no dia 23 de maio de 2002, devido a complicações pós-operatórias.

Bibliografia

Obras de Lima Vaz

Escritos de filosofia I: Problemas de fronteira. São Paulo: Loyola, 1986

Escritos de filosofia II: Ética e cultura. São Paulo: Loyola, 1988.

Escritos de filosofia III: Filosofia e cultura. São Paulo, 1997.

Escritos de filosofia IV: Introdução à ética Filosófica I. São Paulo: Loyola, 1999.

Escritos de filosofia V: Introdução à ética Filosófica II. São Paulo: Loyola, 2000.

Escritos de filosofia VI: Ontologia e história (2. ed.). São Paulo: Loyola, 2001.

Escritos de filosofia VII: Raízes da Modernidade. São Paulo: Loyola, 2002.

Antropologia filosófica I. São Paulo: Loyola, 1991.

Antropologia filosófica II. São Paulo: Loyola, 1992.

Experiência mística e filosófica da tradição ocidental. São Paulo: Loyola, 2000.

Obras sobre Lima Vaz

AQUINO, M. F. “Experiência e sentido I”, *Síntese*, n. 47, 1989, p. 29-50

AQUINO, M. F. “Experiência e sentido II”, *Síntese*, n. 50, 1990, p. 31-54.

AQUINO, M. F. “Metafísica da subjetividade e linguagem I”, *Síntese*, n. 61, 1993, p. 199-218.

AQUINO, M. F. “Metafísica da subjetividade e linguagem II”, *Síntese*, n. 67, 1994, p. 495-528.

AQUINO, M. F. “Metafísica da subjetividade e linguagem III”, *Síntese*, n. 71, 1995, p. 453-488.

AQUINO, M. F. “Sistema e Liberdade: a propósito de ‘Ontologia e História’”, *Síntese*, n. 55, 1991, p. 499-504.

BARILE, J. P. “O mundo das ideias do Padre Vaz” (entrevista), *Jornal O Tempo - Caderno Engenharia e Arte - Belo Horizonte*, domingo, 13/08/1997.

BARROS, J. T. “Ao mestre com carinho”, *Jornal de Opinião*, n. 680, Belo Horizonte, 10/06/2002.

BRUNELLI, M. “Ética e sua crise”, *Síntese*, n. 55,

1991, p. 585-593.

CRUZ, P. C. "Antropologia e razão moderna no pensamento de Lima Vaz", Pontificia Università della Santa Croce, Roma, 1997.

DE PAULA, J. A. "A dignidade da razão", Revista Ciência Hoje, n. 146, vol.25.

DRAWIN, C. R. "Henrique Vaz e a opção metafísica", Síntese, n. 94, 2002.

HERRERO, X. "Política e justiça", Síntese, n. 44, 1988.

KONDER, L. "Filosofia Brasileira", Jornal do Brasil - Rio de Janeiro, 28/08/2002.

LANDIM, R. "Entre a razão e a fé", Folha de S.Paulo, 14/09/2002.

MAC DOWELL, J. (org.). "Saber filosófico, história e transcendência". São Paulo: Loyola, 2002.

MONDONI, D. "In Memoriam", Síntese, n. 94, 2002.

NOBRE, M. e REGO, J. M. Conversa com filósofos brasileiros. São Paulo: Editora 34, 2000.

PALÁCIO, C. (org.), Cristianismo e história. São Paulo: Loyola, 1982.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. A questão da intersubjetividade no pensamento ético-filosófico de H. C. de Lima Vaz. Dissertação de mestrado. Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003. (Orientador: Edgar J. Jorge Filho).

SAMPAIO, R. G. O Ser e os Outros. São Paulo: Ed. Unimarc, 2001.

SANTOS, J. H. "Ética e medida", Síntese, n. 55, 1991, p. 577-584.

SOUZA, L. A. G. "Pe. Vaz, mestre de uma geração de cristãos", Síntese, n. 55, 1991, p. 643-651.

TEIXEIRA, F. "O vigor de um humanista", Jornal de Opinião, n. 680, Belo Horizonte, 10/06/2002.

TOLEDO, C. e MOREIRA, L. (org.), Ética e direito - Textos de H. C. de Lima Vaz, Belo Horizonte: Ed. Landy, 2002.

Fonte: <http://bit.ly/n16Opz>

BAÚ DA IHU ON-LINE

A IHU On-Line já publicou outras edições cujos temas se relacionam com a temática do legado filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Confira:

* Sábio, humanista e cristão. Edição 19 da Revista IHU On-Line, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/plFUV3>

* A política em tempos de niilismo ético. Edição 197 da Revista IHU On-Line, de 25-09-2006, disponível em <http://bit.ly/r5MiB5>

* Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007. Edição 217 da Revista IHU On-Line, de 30-04-2007, disponível em <http://bit.ly/pBHLcd>

* Platão, a totalidade em movimento. Edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, disponível em <http://bit.ly/iSqddU>

* Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação? Edição 354 da Revista IHU On-Line, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/ivdNuLj>

SEMINÁRIO OBSERVATÓRIOS, METODOLOGIAS E IMPACTOS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS “INDICADORES SOCIOECONÔMICOS E POLÍTICAS PÚBLICAS”

PROF. DR. PAULO DE
MARTINO JANUZZI -
SECRETÁRIO DE AVALIAÇÃO
E GESTÃO DA INFORMAÇÃO
DO MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

27 DE SETEMBRO DE 2011

INFORMAÇÕES EM
WWW.IHU.UNISINOS.BR

A síntese e a vivência de quatro razões

Obra de Lima Vaz está enraizada nas tradições clássica e escolástica, além de se confrontar com temas da filosofia moderna, em autores como Kant e Hegel, principalmente, aponta Marly Carvalho Soares

POR MÁRCIA JUNGES

“Um coração de homem, uma mente de filósofo e um espírito de Deus”. Essa é a definição de Marly Carvalho Soares sobre o mestre e amigo Henrique Cláudio de Lima Vaz, de quem foi orientanda. “Indivíduo histórico”, o jesuíta “soube perscrutar a história sem desfalecer diante das irracionalidades que ora campeiam os rumos da nossa civilização invadida por uma onda de violência e de ceticismo”. Seu maior legado foi “a síntese e a vivência de quatro razões que foram configurando os caminhos da sua existência: a razão escatológica, a razão teológica, a razão mística e a razão filosófica”, aponta. A pesquisadora comenta, também, o diálogo entre o sistema vaziano e a tradição clássica e escolástica, além da resolução da aporia kantiana entre o empírico e o racional, o natural e o transcendental: “O âmago dessa aporia é ter colocado o sujeito como causa sui, suprimindo qualquer comunidade analógica com o Absoluto transcendente, colocando sobre a pessoa humana o enorme peso ontológico de ser a criadora de si mesma e de seu mundo de verdade e de bem, dos valores e dos fins”. A respeito da influência de Hegel no pensamento de Lima Vaz, Marly observa: “Em Hegel, Lima Vaz identifica tanto a validade e o uso do procedimento dialético como o renascer de um novo paradigma no pensamento ocidental, considerando-o, por isso mesmo, um clássico inaugural”.

Marly Carvalho Soares é professora titular da Universidade Estadual do Ceará - UECE. É graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, em Teologia pelo Instituto de Ciências Religiosas e em Pedagogia pela UECE. Na Universidade Federal do Ceará - UFC cursou especialização em Filosofia Política, e na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, realizou mestrado em Filosofia com a tese *Direito e sociedade civil segundo Hegel* (2ª ed. Fortaleza: EdUECE, 2009), sob orientação de Lima Vaz. Doutorou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoria - PUG, em Roma. Escreveu *O filósofo e o político segundo Éric Weil* (Roma: Editrice Gregoriana, 1993). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o maior legado deixado por Lima Vaz?

Marly Carvalho Soares - O maior legado de Lima Vaz foi a síntese e a vivência de quatro razões que foram configurando os caminhos da sua existência: a razão escatológica, a razão teológica, a razão mística e a razão filosófica. Isto é, todo o seu ser foi plasmado por um Absoluto humano e divino que permeou o seu refletir e o seu agir, dando-lhe um coração de homem, uma mente de filósofo e um espírito de Deus. A razão escatológica, porque sempre viveu para o reino definitivo, afastando do homem a tentação de absolutizar o mundo criado e sensível. A razão teológica, enquanto

optou pelo primado do Absoluto no seguimento de Jesus Cristo. A razão mística, enquanto fez de sua vida um ato contínuo de liturgia numa doação livre na missão da Igreja, na ação popular e no exercício de seu magistério nas várias universidades e institutos de formação. Enfim, a razão filosófica, que a fez brilhar, apesar da sua modéstia e despretensão, no horizonte acadêmico de debates, diálogos, investigações e pesquisas numa constante busca de verdade conciliando a história e a transcendência. Todo o seu labor filosófico-teológico foi perscrutar e investigar as coordenadas do encontro do universo natural-humano com o Absoluto.

IHU On-Line - Como podemos compreender a antropologia e a ética na filosofia desse pensador?

Marly Carvalho Soares - Reconhecemos que a melhor contribuição filosófica de Lima Vaz nos foi dada no campo da metafísica, da antropologia e da ética quando une estas três disciplinas com o intuito de fundamentar e buscar orientações para implantar uma nova humanidade centrada numa outra subjetividade criadora e numa outra sociedade, proporcionando assim o aparecer de uma globalização humanizadora, cujo objetivo é desvendar o fenômeno e o mistério da pessoa humana e construir uma comunidade ética. O cerne da questão gira em tor-

no de recuperar certa ideia unitária do ser humano que foi posta em crise com o desenvolvimento das chamadas ciências do homem e com as profundas modificações sofridas desde então pelas sociedades ocidentais. O fenômeno humano pode ser reduzido somente à natureza material, ou por outro lado, acentuando o ser cultural, ou ainda um puro sujeito?

No movimento do pensamento vaziano há uma interconexão da antropologia, da ética e da metafísica, formando uma unidade ontológica na qual o ser humano possa estabelecer uma conexão na sua estrutura, nas suas relações e realizações em busca de uma totalidade de sentido na globalidade da vida. De tal maneira que a ideia de indivíduo seja superada pela ideia de pessoa, que é um conjunto de presenças: das coisas, do outro e do espírito. Daí que a estrutura do ser do homem se mediatiza através de três componentes que numa construção dialética integra o ser homem na sua individualidade, ou seja, no seu ser em si: a categoria da corporeidade, a categoria do psiquismo e a categorial do espiritual. Na dialética das relações que constitui o espaço de abertura do ser humano à realidade na qual se encontra situado: na esfera da relação de objetividade (ser-no-mundo), na esfera da relação de intersubjetividade (ser-com-o outro) e na esfera da relação de Transcendência (ser-para-o-Absoluto).

IHU On-Line - Em que aspectos Lima Vaz dialoga com a tradição filosófica, sobretudo com os idealistas, como Kant e Hegel?

Marly Carvalho Soares - O diálogo com a tradição clássica e escolástica é uma constante no pensamento de Lima Vaz, o que influenciou o caráter sistemático do seu modo de pensar filosófico e onde ele reflete os fundamentos do saber ético. Podemos constatar esta afirmação tanto em seu percurso biográfico como em seu percurso filosófico. Inicialmente dedicou-se com afinco à leitura do *Comentário de Santo Tomás à metafísica de Aristóteles*, e posteriormente, *O problema da beatitude em Aristóteles e Santo Tomás*, na qual

“Como orientanda e amiga tive a felicidade de dialogar com alguém que era capaz de descer da montanha do saber e das virtudes e brincar nas planícies com os iniciantes que também desejam trilhar o caminho não só da filosofia, mas também da sabedoria”

fez uma releitura da *Ética a Nicômaco* e das primeiras questões da *Secunda Secundae*, de S. Tomás de Aquino. Com efeito, em todo o seu discurso, Lima Vaz vai interagindo com a *Ética a Nicômaco*, reatualizando, assim, a tradição socrático-platônica em que a práxis é analisada não segundo a contingência da *physis*, mas conforme o finalismo imanente da razão (*logos*) e, com Tomás de Aquino, pela síntese que fez entre a ética grega e a ética cristã que marcou determinantemente essa cultura como uma cultura ética, em seguida, *De Dialectica et Contemplatione in Platonis Dialogis (Sobre a contemplação e a dialética nos diálogos de Platão)*, na qual tratou do problema das relações entre intuição e dialética das ideias, destacando o caráter profundamente intelectual da contemplação platônica e interpretando a *nóesis* em Platão como “um resultado intrinsecamente ligado ao caminho dialético, e não como uma intuição inefável e quase mística”. Com efeito, esses três filósofos destacaram-se na história da filosofia pela importância de seus pensamentos na construção simbólica da civilização ocidental, até o advento da modernidade.

Diálogo com Kant

A vinculação à metafísica clássica e tomista, no entanto, não lhe inibiu o interesse pelo pensamento moderno que emerge no espaço mental da Ilustração guiada pelas ideias diretrizes codificadas nas palavras: humanidade, civilização, tolerância e revolução, onde o homem ocupa o centro e irradia as linhas de inteligibilidade de toda a realidade. Nasce, assim, a antropologia como ciência do homem que engloba os vastos campos de investigações e sistematizações que se desenvolveram no século XVII. Sua investigação filosófica passa a concentrar-se mais efetivamente na apropriação de elementos significativos da filosofia moderna, através do estudo de seus principais representantes, cujo maior expoente será Kant, reconhecendo os seus questionamentos e, sobretudo, os de caráter metodológico e prático.

Na passagem da Idade Clássica para os tempos modernos, o fundamental não é uma mudança nos termos do pensamento filosófico, mas, acima de tudo, uma transformação na própria forma de pensamento, ou seja, no horizonte a partir do qual se move esse pensamento, o que significa uma reviravolta fundamental na compreensão do sentido da realidade e, conseqüentemente, na compreensão do homem. O conhecimento, a sociedade e a história começam a ser vistos como produtos da subjetividade: objetos da sua teoria e da sua ação.

Além dessa nova forma de pensar, Lima Vaz continua a investigar as duas linhas de desenvolvimento da concepção kantiana do homem, que ele chama: uma linha propriamente antropológica, cujo objeto é o estudo empírico do homem e outra linha, considerada crítica, que abrange as três atividades superiores do homem: a razão teórica, a razão prática e a faculdade de julgar, remodelando a imagem do homem transmitida pelo racionalismo clássico. Essa separação, ou seja, uma base empírica do homem objeto da antropologia e outra que pretende definir a essência verdadeira do homem faz com que essa ciência seja subordinada à *Metafísica dos costumes* ou à ética. São dois planos epistemológicos sobre os quais se edifica a concepção kantiana-

na do homem: o plano de uma ciência da observação que utiliza o procedimento analítico para unificar os dados da observação por meio de uma teoria das faculdades; e o plano de uma ciência *a priori* que situa no campo da ética ou da *Metafísica dos costumes* a possibilidade de determinação da essência do Homem (Vaz, 1991, p. 97).

A ideia do homem em Kant pode ser considerada uma síntese construída pela linha da estrutura sensitivo-racional, que acompanha o homem como ser cognoscente, cujo resultado é o desenvolvimento da relação entre “ser da natureza”, situado no espaço-tempo do mundo, e do ser racional, capaz de formular o ideal da Razão pura e as ideias transcendentais: (o mundo, a alma e Deus); a linha da estrutura físico-pragmático-prática que acompanha o homem como ser natural ou mundano, designando aqui o que a natureza opera no homem e o que o homem faz de si mesmo, e prática que acompanha o homem como ser livre e capaz de responder, fundando-se no fato da razão e a linha da estrutura histórica ou do destino do homem que obedece as duas direções fundamentais: religiosa que aponta para o fim último do homem, onde se apresenta a doutrina sobre o mal radical e sobre sua superação pelo princípio do bem, e apresenta as condições para a implantação do reino de Deus na terra; e a pedagógica-política, que Kant desenvolveu nos seus numerosos opúsculos sobre a filosofia da história, política e pedagógica, em que aparece a formação do indivíduo, a educação da humanidade, o regime político e a liberdade no indivíduo e na comunidade exposta na *Metafísica dos costumes*.

Aporia não resolvida

Essa complexidade filosófica de Kant, como foi posta anteriormente, influencia o pensamento de Lima Vaz na elaboração das suas obras: *Antropologia filosófica I e II*, quando tenta novamente tecer o espaço conceptual no qual se inscreve o ser homem através das seguintes coordenadas: conceito de estrutura, conceito de relação, conceito de unidade. Essas coordenadas se interligam e se formam seguindo um movimento dialético que

“O diálogo com a tradição clássica e escolástica é uma constante no pensamento de Lima Vaz, o que influenciou o caráter sistemático do seu modo de pensar filosófico e onde ele reflete os fundamentos do saber ético”

parte da ordem do dado para a ordem do conceito. De tal maneira que cada coordenada é demonstrada na sua tríplice inteligibilidade formando, assim, um todo coerente e sistemático. Daí que, partindo da estrutura do ser homem (corpo, mente e espírito) mediatizada pelas relações (objetividade, intersubjetividade e transcendência), chegaremos a uma visão unitária do ser humano (categoria da realização e categoria da Pessoa). Essa ideia unitária do ser humano é construída pela ideia de Pessoa como um Todo aberto à transcendência. Daí se conclui que a ciência do indivíduo-homem é subordinada à filosofia do homem-espiritual e, mais tarde, da filosofia da pessoa. Essa, por sua vez, é constituída no campo analógico que a orienta para o equilíbrio teológico - que ultrapassa os limites do conhecimento científico. Com efeito, como quer que seja a pessoa é sempre referida à interioridade espiritual, o indivíduo à exterioridade corporal.

A ideia de sujeito na filosofia moderna pretende resgatar da contingência e do destino de um lado, e de outro, elevá-lo à dignidade de causa e razão da própria existência do ser racional - sujeito. Porém Kant, segundo Lima Vaz, não resolveu essa aporia entre o empírico e o racional, o natural e o transcendental. O âmago dessa aporia é ter colocado o sujeito

como *causa sui*, suprimindo qualquer comunidade analógica com o Absoluto transcendente, colocando sobre a pessoa humana o enorme peso ontológico de ser a criadora de si mesma e de seu mundo de verdade e de bem, dos valores e dos fins.

Esse é o destino problemático da pessoa no horizonte da pós-modernidade. A pós-modernidade proclama, pois, a dissolução dos princípios fundadores e ordenadores desses discursos, tanto os transcendentais como Deus e as nações “transcendentais” da tradição clássica, como os imanentes, como o sujeito e sua atividade *a priori* na filosofia moderna. Deu-se, portanto “a morte do homem”. É inacreditável que, no momento em que a modernidade eleva a pessoa humana como fonte de valor e direitos, a pós-modernidade empreende essa multiforme desconstrução da ideia de homem.

A categoria da pessoa, elaborada por Lima Vaz não somente mostra o homem aberto à universalidade do ser, a partir da particularidade da sua atuação corporal no aqui e agora do mundo, mas mostra-se como o lugar na concretude da sua singularidade onde se entrelaçam as linhas que procedem de todas as regiões do ser: do sensível e do inteligível, do contingente e do necessário, do possível e do atual, do relativo e do absoluto e, finalmente, do universo e de Deus. A unidade dos opostos é assim, ao mesmo tempo, a marca da finitude e a comprovação de que nela se realiza a perfeição mais alta do universo.

Vencer os dualismos kantianos

Para tal reflexão e procedimento a respeito da ideia do homem, Lima Vaz lança mão da seguinte metodologia, que compreende os passos: a pré-compreensão própria da experiência natural - o pré-texto; a compreensão explicativa; o mundo dos múltiplos aspectos do fenômeno humano - ciência e a compreensão filosófica que supera todos os campos particulares e apresenta a compreensão sistemática do homem em vista da constituição de uma ontologia do ser humano capaz de responder ao problema clássico da essência: O que é o homem?

A filosofia contemporânea que po-

demos registrar dos tempos pós-kantianos aos nossos dias, ou seja, do século XIX e XX é fecundada por uma razão teórica tanto na sua vertente idealista como na sua vertente positivista, como também por uma razão histórica. Essa conjuntura também é invadida pelos problemas ou de questões sobre o próprio estatuto da filosofia, sobre sua razão de ser. Nesse contexto surge toda uma produção intelectual - denominada idealismo alemão, só comparado com a Grécia de Platão a Aristóteles. Os representantes dessa época tiveram um gigantesco esforço em organizar um sistema para vencer os dualismos kantianos, partindo da obra de Johann Gottlieb Fichte¹, avançando em novas direções com a obra de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling² e atingindo finalmente seu ápice e seu termo com a obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Essas filosofias são caracterizadas como filosofias da liberdade, que tentam reatar a tradição dos grandes sistemas da filosofia clássica. Mas é em Hegel que essa tentativa de articular o Todo alcança uma adequada expressão conceptual quando articula sistematicamente os momentos do Lógico, da Natureza e do Espírito num clima filosófico marcado pela primazia da subjetividade sobre o Ser. Cada momento desses é movimentado

¹ Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três *Críticas* de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos à nação alemã* são sua obra mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

² Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como "filosofia negativa". Schelling tentou desenvolver uma "filosofia positiva", que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

“Pensar vazianamente é pensar Hegel, e pensar Hegel é pensar dialeticamente”

numa tríplice dialética, que comporta tantas outras oposições e unidades na reconstituição da Razão como unidade na multiplicidade. Esse roteiro é alicerçado no terreno do inteligível, no caminho dialético que permite superar ou suprasumir as oposições.

Em Hegel, Lima Vaz identifica tanto a validade e o uso do procedimento dialético como o renascer de um novo paradigma no pensamento ocidental, considerando-o, por isso mesmo, um clássico inaugural, na medida em que algumas de suas ideias fundamentais passam a presidir ao desenvolvimento da filosofia já desde o final do século XIX como a ideia de sistema, um todo articulado na existência de oposições, o pensar dialético-especulativo no sentido que a forma não se separa do conteúdo, formando a cada momento um novo silogismo, que supere as oposições, em busca da compreensão do Todo, pois o Todo segundo Hegel é o verdadeiro. O movimento dialético tem seu termo último numa ideia última que integra todos os momentos. Lima Vaz põe em evidência essa nova concepção de racionalidade nos temas que marcaram seus escritos mais recentes: o ser humano, a ética, o mundo, a história, a cultura e a transcendência. Nessa forma são elaborados também os escritos da *Antropologia filosófica* e *Introdução à ética filosófica II*, que podem ser denominadas, como o próprio Lima Vaz reconhece, “Ontologia da pessoa humana” e “Ontologia do agir humano”, em que exatamente ele afirma que “o ser e o agir em nós, sendo por essência finitos, estão implicados numa presença do infinito que se manifesta em diferentes formas”. Portanto, a oposição finito/infinito é constitutiva do ser humano e de seu agir. Na dialética do ser, o sujeito é orientado para o Absoluto e na dialética do agir, o infinito já está presente no ponto de partida como norma primeira

do agir sob a razão transcendental do Bem. Daí que a síntese das categorias do discurso que envolve estruturas e relações da antropologia filosófica é a pessoa humana (ser finito) e abertura à transcendência, e começa o novo movimento que é a orientação para o Bem - que se constitui como pessoa moral. É a dialética que permite reconstituir esses dois caminhos do logos, para a Pessoa e para o Bem.

Consciência histórica

A influência hegeliana ainda é considerada por Lima Vaz em muitos outros aspectos. Quando na sua palestra sobre os 150 anos da morte de Hegel intitulada *Por que ler Hegel hoje?* ele exalta o Hegel da consciência histórica na obra *Fenomenologia do espírito* e a interpretação filosófica da história no texto das *Linhas fundamentais para uma filosofia do direito*, quando Hegel nos oferece ainda os conceitos e as regras para uma leitura filosófica daquela história que hoje vivemos e, que já no seu tempo, começara a manifestar os traços de uma história efetivamente universal. A grande dificuldade ontem e hoje é decifrar a complexa escritura da história real que se escrevia sob os seus olhos e, mais ainda, o problema da relação entre verdade e história e o problema da situação do homem no mundo histórico, superando assim a proposta do historicismo gnoseológico que reduz a verdade da história ao evento observável e contingente e, por outro lado, o historicismo antropológico que reduz a verdade ao homem como ator de toda significação que se descobre na história.

Para Hegel, não é a verdade que é histórica, mas a história que é verdadeira, isto é, a história seria norteada por uma diretriz que estrutura a história e nos permite decifrar um sentido presente na sucessão temporal do curso histórico, um sentido que não pode ser pensado senão como verdade da própria história e que nela e por ela manifesta. O tempo não é o outro do conceito, mas é o conceito no seu ser-outro, na sua exterioridade, o que torna possível a sucessão temporal como história verdadeira. A história é, pois, progresso, esse progresso se exprime em níveis de consciência e o objeto

dessa consciência é a liberdade. Daí se deduz três palavras fundamentais na articulação: consciência, liberdade e progresso. A história é o progresso na consciência da liberdade. O tempo histórico é, aqui, o lugar da manifestação sempre mais nítida de um sentido que não pode ser pensado senão como manifestação da ideia que torna pensável a historicidade humana, a ideia do reconhecimento entre os homens, do consenso racional em torno da obra comum. A violência, como forma da irracionalidade que se opõe à efetivação da liberdade, é negada, nessa perspectiva.

A partir de Hegel a consciência moderna assumirá o sentido e uso da nova forma da “consciência histórica”, cujo sentido emerge de uma aguda compreensão da subjetividade como radical transcendência sobre a ordem natural do mundo e como liberdade empenhada num destino histórico. Entende-se, portanto, subjetividade como a interioridade da consciência diante da exterioridade do mundo e que se revela exatamente como sujeito das significações e valores pelos quais o homem compreende o mundo. Essa nova modalidade da consciência liberta a subjetividade das correntes estáticas do cosmos antigo e eleva ao plano das significações profundas, da visão cristã. De tal maneira que a razão que contempla é a razão que constrói e é a razão que salva. Essa síntese constitui a subjetividade cristã que não é simples reflexo de uma harmonia natural. É a interioridade propriamente espiritual da imagem de Deus, de sua relação dialógica e dramática com esse Deus, que constitui a trama da história santa, da sucessão dos seus eventos, da sua tensão voltada para o desfecho e o julgamento do fim dos tempos. Essa superação do homem em relação à natureza manifestada através de tantas formas de culturas possibilitou radicalizar que o homem é eterna transcendência, uma aventura para o Absoluto onde a significação da relação entre o “tempo do mundo” e o “tempo do homem” escapa dos projetos históricos do próprio homem. O universo se descobre, pouco a pouco, a partir da experiência histórica do “encontro com Deus”.

“Se não tivesse conhecido Lima Vaz a minha vida estaria mais pobre de sentido e de conhecimento, pois enriqueci com a sua vida, tanto humana cristã como a acadêmica”

A história é crescimento para uma plenitude tecida por um sentido de uma ação que cria uma nova história de chamado e de dom que se concretiza na existência histórica que se dá no Encontro e na Revelação de Jesus de Nazaré.

A consciência histórica dos tempos modernos nasceu da exaltação da subjetividade como matriz do projeto de “humanização” da natureza construída pela ciência e pela técnica e a consciência cristã nasceu de uma confirmação da subjetividade criada como liberdade ética. A história é o chão da salvação e da perda.

IHU On-Line - Como se situa a filosofia de Lima Vaz dentro do panorama brasileiro e internacional?

Marly Carvalho Soares - Sabemos que Lima Vaz constitui um dos mais significativos representantes do pensamento humanista contemporâneo no Brasil. Esse testemunho provém de uma geração madura de intelectuais nacionais e internacionais, como também de geração de jovens que passaram por sua orientação em centenas de dissertações e teses dialogando com os seus textos e com os seus discursos. De modo que o seu nome e a sua obra são indispensáveis na literatura filosófica de antes, de agora e do futuro.

Na importância da sua filosofia ao longo das nossas leituras gostaria de registrar três aspectos. O primeiro seria o interesse e o exercício pela razão filosófica na sua história como na sua

sistemática desde as grandes tradições e tendências da filosofia ocidental. Entre essas culminâncias do pensamento humano, merecem destaque Platão na Antiguidade, Tomás de Aquino, na Idade Média e Hegel, na era moderna. Dominar esse contexto filosófico é uma das tarefas mais desafiadoras do passado e do presente. O segundo aspecto é ter trilhado o caminho hegeliano no seu método, na sua sistematicidade, nas suas categorias e a partir desse contexto abrir novas perspectivas para o filosofar e o existir humano. Pensar vazianamente é pensar Hegel, e pensar Hegel é pensar dialeticamente. Tal verdade se deve e se confirma nos seus leitores e amigos - como bem afirma Paulo Meneses³: “Creio que Henrique Vaz é o melhor intérprete de Hegel que já houve no Brasil e nas Américas. E ainda posso relatar a minha própria experiência nos espaços europeus, quando ouvi o mesmo reconhecimento de Peter Henrici⁴ - decano de filosofia da Universidade Gregoriana: ‘o estudo de Vaz é sério e digno de confiança’”. O terceiro aspecto é ter exaltado a modernidade como a condição de possibilidade da formação de uma consciência histórica e, conseqüentemente, do emergir da consciência cristã onde se manifesta não só o sentido da vida humana, mas a própria vida do Absoluto.

O seu pensamento filosófico é acolhido e investigado por centenas de pessoas convencidas da grandeza de sua reflexão, do rigor dos seus métodos e das inúmeras perguntas envolvidas nas suas temáticas nessa exposição do encontro da matéria com o Absoluto.

IHU On-Line - Como era Lima Vaz enquanto intelectual e como ser humano? Que lembranças tem da época em que foi seu orientador?

Marly Carvalho Soares - No percurso
³ Paulo Meneses: filósofo brasileiro, graduado em Filosofia pela Faculdade Pontifícia de Friburgo, e doutor pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, onde é professor. Entre outros, escreveu *Para ler a Fenomenologia do Espírito* (São Paulo: Loyola, 1985). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Peter Henrici (1928): filósofo alemão, sacerdote jesuíta e professor na Universidade Gregoriana de Roma de 1960 a 1993. Foi bispo auxiliar da igreja de 1993 a 2007 e bispo emérito. (Nota da IHU On-Line)

biográfico de Lima Vaz, ou seja, de 1921 até 2002 tive o privilégio de participar desta trajetória uns 18 anos de 1984 até a última despedida. Se não tivesse conhecido Lima Vaz a minha vida estaria mais pobre de sentido e de conhecimento, pois enriqueci com a sua vida, tanto humana cristã como a acadêmica. Testemunho universal de todas as pessoas que privaram da sua sabedoria e convivência, seja como sacerdote, seja como formador e professor. Ao ser comunicado do seu falecimento, senti uma dor única e uma lágrima brotou na minha face, e, como de imediato, anunciando que a Filosofia particularmente no Brasil e além fronteiras perdia o seu grande amante, que dedicou anos e anos, renúncias e renúncias, alegrias, tristezas a essa ciência que ele escolheu e amou para chegar à única verdade e ao sentido da vida, que não é uma ideia, mas uma Pessoa: Jesus Cristo. Ele encontrou o vértice da razão, como homem de razão e de fé, ao contrário daquele, ou daqueles, que preferem não mergulharem no mistério que a razão não consegue penetrar até o âmago.

Por que Lima Vaz morreu? Permita-nos expressar com esta pergunta o sentimento de perda que nos acompanhará no exercício do filosofar. Estamos mais pobres. A sua imagem de filósofo não mais nos seguirá com sua orientação e seus escritos originais não mais chegarão às nossas mãos. Porém deixou-nos virtudes, artigos e livros que nos guiarão nesta caminhada em busca do sentido último da vida. Somos gratos ao mestre por suas dádivas, que só os gênios deixam nas pegadas da sua existência. O senhor foi um “indivíduo histórico”, para usar uma expressão hegeliana, que soube perscrutar a história sem desfalecer diante das irracionalidades que ora campeiam os rumos da nossa civilização invadida por uma onda de violência e de ceticismo.

Lima Vaz era um amante da filosofia, e com que rigor intelectual ele defendia esta ciência, investigando e provando que é impossível a não existência e o não uso da filosofia. O interesse pela filosofia era notável. Esta aventura se materializou na sua

docência, na sua pesquisa e produção bibliográfica e na sua extensão universitária. No percurso filosófico Lima Vaz se situou nos três planos da originalidade filosófica, a saber: o da constituição de perspectivas; o da formulação de sistemas e, finalmente, o da consideração dos problemas. Esta postura e habilidade foram reconhecidas pelas gerações anteriores no contexto do cenário filosófico brasileiro, ao comentar a sua vida e o seu filosofar. De tal maneira que ao ler os seus escritos que são tantos, somos conduzidos por um procedimento dialético de perguntas e respostas que vão crescendo para além dos seus textos e nos coloca em diálogo com todo o universo filosófico.

Como orientanda e amiga tive a felicidade de dialogar com alguém que era capaz de descer da montanha do saber e das virtudes e brincar nas planícies com os iniciantes que também desejam trilhar o caminho não só da filosofia, mas também da sabedoria. Com que espírito de partilha e ajuda colocava à nossa disposição os seus manuscritos e, ainda mais a grande biblioteca do antigo ISI - hoje FAJE. Depois da orientação era convidada a ir ao refeitório e apreciar os jardins, que estavam na sua memória e ele me falava: “Belo Horizonte antigamente era um Jardim e hoje... Aqui é o lugar para se estudar. Rio e São Paulo têm muitas diversões e Porto Alegre fica isolado do resto do Brasil”. Passei três anos convivendo bem de perto e, no dia da defesa da dissertação, para admiração de todos, foi até onde eu morava - Instituto Santa Teresa, participar dos festejos comemorativos - coisa que não era mais habitual na sua vida. Depois desse momento fecundo continuei partilhando com ele as minhas aspirações acadêmicas e filosóficas e recebendo suas orientações através de cartas e telefonemas. E quantas vezes no frio tremendo da Europa, motivada pelas suas lições e sentimentos, quando batia o cansaço, ele me falava: espere o sol chegar, que certamente será mais forte do que no Nordeste e virá novamente a alegria... Com o passar do tempo e, ele já doente, era sempre uma alegria poder visitá-lo e contar as nossas histórias. Obrigada, Lima Vaz.

IHU On-Line - O que é a Rede de Estudos Vazianos? Pode contextualizar seu surgimento e atividades?

Marly Carvalho Soares - A pesquisa filosófica de Lima Vaz já estava consolidada no Brasil e no exterior. Seu nome e a análise de sua obra têm lugar assegurado nas publicações nacionais e internacionais dedicadas à filosofia. Esta certeza é comprovada pela imensa bibliografia de livros, artigos, teses, dissertações, eventos, grupos e projetos que se acrescentam a cada dia a seu pensamento. Após a sua morte inesperada (2002), várias iniciativas e atividades surgiram em busca de tornar mais conhecido esse cabedal de conhecimentos, essa vasta cultura científica e humanista que talvez ainda se restringisse à academia e à Igreja. Hoje, através desta Rede de Estudos Vazianos, aproveitando da tecnologia, fruto da modernidade, que ele tanto refletiu e exaltou, a sua riqueza filosófica, o seu testemunho de intelectual cristão invade o espaço histórico e avança para o além, onde fé e razão se encontram na mesma onda planetária. Por exemplo, temos como estratégia para tecer o seu pensar filosófico, os sítios eletrônicos. Cabe a nós alimentarmos este Memorial Padre Vaz com o objetivo ainda de explicitar o implícito que se mantém oculto e que só mentes brilhantes pelo seu rigor metodológico e filosófico poderão desvendar essa riqueza da civilização ocidental. Temos o compromisso ético de configurar a matriz filosófica do seu pensamento, as categorias fundantes da sua reflexão e descobrir qual é a preocupação que permeia a sua criação filosófica. Temos ainda a tarefa de fazer frutificar a razão filosófica muitas vezes sacudida nos seus próprios fundamentos pela onda de violência, que é exatamente a recusa da racionalidade. Os sítios têm como objetivo tornar conhecido todo o material elaborado por Lima Vaz e, a partir dele, o cabedal de conhecimento de toda tradição filosófica. Parabéns a àqueles que tiveram essa bela iniciativa.

Um sistema em resposta ao niilismo ético

De acordo com Rubens Godoy Sampaio, a envergadura sistemática da obra de Lima Vaz possui estrutura triádica e tem como desafio fundamental superar o niilismo. Relações intersubjetivas são constitutivas do ser humano, e ser-com-os-outros é seu aspecto ineliminável

POR MÁRCIA JUNGES

“O seu grande desafio como filósofo e padre foi justamente elaborar um discurso filosófico coerente, sólido, fundamentado em toda a grande tradição filosófica no seio mesmo da Modernidade, cujo selo é exatamente o do niilismo. Seu grande desafio foi estabelecer um diálogo com a tradição filosófica que permitisse a elaboração de um discurso sensato que superasse o niilismo. Ou seja, a filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz é a obra de um homem de fé, que professa o cristianismo e que tem como desafio elaborar de forma estritamente racional um discurso que alcance e inclua o tema do Absoluto como fundamento mesmo do próprio discurso e como exigência da racionalidade”. A explicação é do filósofo Rubens Godoy Sampaio, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Fundamentado na categoria da Transcendência, o sistema vaziano é a resposta elaborada “de forma original e inovadora à crítica contemporânea à metafísica cuja consequência mais devastadora para a nossa civilização é sem dúvida alguma o império de um horizonte marcado indelevelmente pelo niilismo ético”. Sobre a ontologia da intersubjetividade, assinala que as relações intersubjetivas são parte do ser humano. “O discurso que o homem tece sobre si mesmo não estaria completo se prescindisse desse aspecto constitutivo e ineliminável que é ser-com-os-outros, aspecto que é marcado sobretudo pela característica da reciprocidade”.

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* e doutor na mesma área pela Universidade Gama Filho - UGF, com a tese *Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimarco Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a ontologia da intersubjetividade no pensamento de Lima Vaz?

Rubens Godoy Sampaio - Antes de responder a essas perguntas vou desenhar uma moldura no interior da qual serão respondidas as outras questões. A primeira ideia importante a respeito do pensamento de Lima Vaz é a seguinte: o termo de toda a sua trajetória filosófica foi a elaboração de um sistema filosófico. Seu pensamento apresenta-se como uma obra de envergadura sistemática. Seu sistema caracteriza-se por uma estrutura triádica e tem como pilares sua antropologia (nos livros *Antropologia filosófica I e II*), sua ética

(nos livros *Escritos de filosofia IV e V*) e sua metafísica (*Escritos de filosofia VII - Raízes da Modernidade*). Estes são os livros principais do seu sistema. Todavia é possível encontrar aspectos de sua antropologia, de sua ética e de sua metafísica em outros livros bem como em muitos artigos nos quais certos assuntos são aprofundados. Por exemplo, o livro *Escritos de filosofia III* aprofunda em alguns artigos a categoria de transcendência apresentada sistematicamente no interior da seção sobre as categorias de relação do livro publicado anteriormente, a *Antropologia filosófica II*. Enfim, o sistema é o estuário, é o telos de toda a sua pro-

dução filosófica.

Pois bem, o problema da ontologia da intersubjetividade é trabalhado de forma bem pontual na categoria de intersubjetividade apresentada na região categorial das relações. A antropologia vaziana é organizada em grupos de categorias. O primeiro grupo são as categorias de estrutura que incluem as categorias de corpo próprio, psiquismo e espírito. O segundo grupo são as categorias de relação: objetividade, intersubjetividade e transcendência. E finalmente as categorias de unidade: realização e pessoa. Como se vê a categoria de intersubjetividade é desenvolvida no âmbito das relações

que o ser humano estabelece com o mundo (categoria de objetividade), com os outros (intersubjetividade) e com o Absoluto (transcendência).

Assim, quando Lima Vaz apresenta o homem se afirmando como um ser de natureza intersubjetiva, ele está dizendo que as relações humanas constituem o ser humano como tal, de forma que esse aspecto do discurso que o ser humano faz sobre si mesmo é ineliminável ou irreduzível a qualquer outra realidade possível. As relações intersubjetivas fazem parte do ser do homem. O discurso que o homem tece sobre si mesmo não estaria completo se prescindisse desse aspecto constitutivo e ineliminável que é ser-com-os-outros, aspecto que é marcado sobretudo pela característica da reciprocidade. Se a relação com o mundo dos objetos, da técnica, é marcada pela não reciprocidade, a relação intersubjetiva tem como principal elemento o reconhecimento e a reciprocidade constitutiva desse tipo de relação. Além do mais, é exatamente a partir da categoria de intersubjetividade que Lima Vaz realiza no plano do discurso o entrelaçamento entre antropologia e ética.

IHU On-Line - Como metafísica e Modernidade se entrelaçam na obra desse filósofo?

Rubens Godoy Sampaio - Metafísica e Modernidade são dois temas importantes que funcionam como grandes eixos organizadores de todo o pensamento de Lima Vaz. Se quisermos usar uma metáfora ou uma imagem da biologia, a hélice do DNA é um exemplo magnífico para demonstrarmos que as duas hélices, que giram dando origem àquele movimento helicoidal, no pensamento vaziano corresponderiam exatamente à metafísica de um lado, e à Modernidade, de outro. Assim, na busca de tratar do problema da afirmação do Absoluto no discurso filosófico (seja na antropologia, na ética e ou na metafísica) Lima Vaz apresenta em chave dialética, de inspiração platônica e hegeliana, a metafísica do existir de São Tomás de Aquino em confronto com todo o processo de gênese da Modernidade. Em outras palavras, a compreensão vaziana da tensão entre razão moderna e metafísica apresenta-se na forma de um sistema com uma base teórica de inspiração tomásica, fundada na metafísica

do existir, e com uma base metodológica de inspiração dialética (platônico-hegeliana). É no interior desse diálogo entre razão metafísica e razão moderna que Lima Vaz vai ao longo de toda sua vida desenvolvendo os temas da consciência histórica, do mundo, da intersubjetividade, da ética, da Transcendência até que, a partir dos anos 1990, ele começa a organizar todos esses assuntos de forma sistemática e metódica, o que resultará no sistema que anunciamos na primeira resposta. E o método utilizado por Lima Vaz para articular os termos e os temas de seu sistema está minuciosamente desenvolvido no capítulo *Objeto e método da antropologia filosófica* no livro *Antropologia filosófica I*. Esse capítulo inaugura a parte sistemática da antropologia filosófica e será repetidamente utilizado em todas as categorias da antropologia, da ética e da metafísica. Portanto, para se entender como Lima Vaz elabora seu discurso, passo a passo, é imprescindível a assimilação do método descrito nesse capítulo.

IHU On-Line - De que forma Lima Vaz rebate as críticas à metafísica, como aquelas empreendidas por Nietzsche¹

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada "*Nietzsche e Paulo*", disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330

e Heidegger², por exemplo?

Rubens Godoy Sampaio - Lima Vaz é jesuíta, membro da Companhia de Jesus fundada por Inácio de Loyola³ no século XVI. Sua formação é cristã e católica. Lima Vaz é um filósofo erudito que leu os gregos no original com uma formação sólida encontrada apenas nas melhores universidades do mundo. Sem dúvida alguma nosso autor, brasileiro e mineiro de Ouro Preto, Minas Gerais, está entre os maiores filósofos do século XX. O seu grande desafio como filósofo e padre foi justamente elaborar um discurso filosófico coerente, sólido, fundamentado em toda a grande tradição filosófica no seio mesmo da Modernidade, cujo selo é exatamente o do niilismo. Seu grande desafio foi estabelecer um diálogo com a tradição filosófica que permitisse a elaboração de um discurso sensato que superasse o niilismo. Ou seja, a filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz é a obra de um homem de fé, que professa o cristianismo e que tem como desafio elabo-

da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvg>. (Nota da IHU On-Line)

2 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

3 Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

rar de forma estritamente racional um discurso que alcance e inclua o tema do Absoluto como fundamento mesmo do próprio discurso e como exigência da racionalidade. Desta forma, seu sistema, cujo fundamento é a categoria de Transcendência, presente desde o início de seu discurso como fundamento e condição de possibilidade do mesmo discurso, é a resposta que Lima Vaz elaborou de forma original e inovadora à crítica contemporânea à metafísica cuja consequência mais devastadora para a nossa civilização é, sem dúvida alguma, o império de um horizonte marcado indelevelmente pelo niilismo ético.

IHU On-Line - Quais são as maiores influências filosóficas de Lima Vaz?

Rubens Godoy Sampaio - Lima Vaz foi um leitor e um intérprete de toda a tradição filosófica. Ele leu os grandes autores sempre no original em grego, latim, alemão ou em qualquer língua que fosse. Tal como eu já disse, Lima Vaz foi um homem de profunda e inigualável erudição. Então, em primeiro lugar é necessário saber que este homem leu e estudou o que de melhor podia ser lido e estudado a respeito da tradição filosófica do Ocidente. Ele foi um profundo conhecedor da nossa tradição filosófica e tal fato permitiu que ele dialogasse com mais de dois mil anos de produção filosófica. Mas é claro que alguns autores o marcaram de forma indelével. São eles, Platão, Aristóteles, Agostinho, São Tomás e Hegel. E a presença desses autores é explícita em toda a sua obra, seja pelo conteúdo propriamente dito, seja pelo método assimilado e utilizado, sobretudo por Platão e Hegel.

IHU On-Line - Dentro desse contexto, como podemos compreender o impacto de Hegel no pensamento vaziano? Em que aspectos Lima Vaz conserva e supera o hegelianismo?

Rubens Godoy Sampaio - O pensamento vaziano desdobra-se em sistema por meio do método dialético de matriz platônico-hegeliana. Lima Vaz entende a dialética platônica como ontologia e método, por meio da qual Platão busca realizar a *reductio ad unum* mostrando que existe uma unidade do *logos*

“Sem dúvida alguma nosso autor [...] está entre os maiores filósofos do século XX”

epistêmico quando ele descreve seu movimento de unificação dos conceitos supremos e dos primeiros princípios da Razão. Segundo o próprio Lima Vaz, o projeto hegeliano consistiu em “repensar a antiga metafísica como *Lógica*” e teve como lugar o terreno da subjetividade moderna ou da forma moderna de uma metafísica da *imanência*. Contudo este projeto não logrou restaurar o movimento ascendente em direção a uma transcendência real do ser, próprio e constitutivo do *noûs* ou do *intellectus* da tradição grega. Pois bem, quando Lima Vaz trata do tema da transcendência, ele o faz, apropriando-se do método dialético e apontando em direção a um Absoluto real, ao Ser Infinito que é ato puro de existir, ao *Ipsium esse subsistens*, tratado na *Antropologia filosófica* como categoria de Transcendência e como Pessoa Infinita, tratado na *Ética* como Bem e Fim, e na *Metafísica* como Ser e Existência, fundamento da metafísica do existir de São Tomás de Aquino. Isto é possível porque o procedimento dialético não é um simples procedimento formal no qual uma lógica qualquer é aplicada a um conteúdo que lhe é exterior. O procedimento dialético traduz a lógica intrínseca do conteúdo, o dinamismo da sua própria inteligibilidade. “Eis por que o método dialético parte do conteúdo mais elementar, ou seja, a afirmação ‘alguma coisa é’ e tem início com a suprassunção, por meio do argumento de retorsão da mais primitiva oposição, a que opõe o *ser* e o *nada*, suprassunção expressa logicamente pelo princípio de não contradição” (*Raízes da Modernidade*, p. 158).

IHU On-Line - Lima Vaz constatava o avanço prodigioso da razão técnica e a indignação da razão ética em nossa civilização. A partir dessa ideia, em que aspectos sua filosofia promove uma reflexão e uma crítica ao para-

doxo da racionalidade ao qual estamos submetidos?

Rubens Godoy Sampaio - A reflexão sobre a técnica está presente em vários lugares da obra vaziana. Mas alcança seu ponto de elaboração sistemática na categoria de objetividade. Esta é a primeira categoria de relação. Na sequência vem a categoria de intersubjetividade e depois a categoria de transcendência. Todas trabalhadas no segundo volume da *Antropologia filosófica*.

A categoria de Objetividade inaugura o segundo livro da *Antropologia*, e nela Lima Vaz elabora de forma discursiva, submetendo ao mesmo método do volume I, o problema da relação do ser humano com o mundo, com as coisas que estão ao seu redor, com a técnica e com a ciência. Os termos do desenvolvimento desta categoria situam-se entre os dois extremos da tecnocracia e da tecnoclastia. Para Lima Vaz o homem é um ser no mundo, mas o discurso do homem sobre si mesmo não se esgota na sua relação com a natureza, pois, pelo princípio da ilimitação tética, o discurso é lançado para níveis superiores de relação, a saber, a relação com os outros e a relação com o Absoluto. Contudo, o lugar da técnica no mundo atual tem feito com que exista uma certa predominância desta forma de compreender o mundo, explicá-lo e transformá-lo. O domínio da razão técnica e do discurso científico não se mantém nos limites do mundo objetivo. Ao contrário, o êxito da racionalidade científica fez com a mesma modalidade de produção de conhecimento transbordasse o campo do seu objeto específico para que, por meio dela, se pretendesse compreender todas as outras dimensões da vida humana. Assim, os termos dessa pergunta, o domínio da razão técnica e a indignação da razão ética, podem ser tratados como um desdobramento da tensão existente entre metafísica e Modernidade. Em decorrência da hipertrofia do discurso tecnocientífico, tudo aquilo que extrapolasse os lindes do hipotético-dedutivo foi tido como irracional e, portanto, incapaz de ser submetido aos cânones do discurso da racionalidade técnica. É justamente isso que Lima Vaz tenta reinventar, tornando possível um dis-

curso racional sobre o Absoluto, sobre o Bem, sobre o Fim, sobre o Ser, partindo da metafísica do existir de Santo Tomás e utilizando-se do método dialético para a elaboração desse discurso filosófico.

IHU On-Line - Como podemos compreender os conceitos de vida vivida e vida pensada, apontados por Vaz na transição da primeira para a segunda Modernidade? E o que seriam essa primeira e segunda Modernidade a que se refere?

Rubens Godoy Sampaio - Os conceitos de vida vivida, pensada e refletida têm sua correspondência com as etapas de elaboração de cada uma das categorias antropológicas, éticas e metafísicas. Ao construir cada uma de suas categorias, Lima Vaz apresenta a pré-compreensão (a expressão natural, não elaborada conceitualmente) de cada uma delas, a compreensão explicativa (dada pela ciência) e a compreensão filosófica ou dialética, por meio da qual se dá efetivamente a construção do discurso filosófico a respeito de cada uma das categorias.

Agora, para encerrar e apresentar o que Lima Vaz entende por Modernidade, prefiro transcrever uma página de seu livro *Escritos de filosofia VII - Raízes da Modernidade*, seja como forma de homenageá-lo, seja como forma de apresentar, para quem nunca o leu, o brilhantismo e a profundidade filosófica deste autor, que, como eu já disse e torno a repetir, é um dos maiores filósofos do século XX:

“A aspiração talvez mais genuína do projeto filosófico da Modernidade, cuja primeira realização histórica foi, sem dúvida, a razão cartesiana, reencontra de alguma maneira, após o declínio do pensamento medieval e da tradição renascentista, os desafios teóricos que estão na origem da filosofia antiga. Em correspondência com a crítica do mito, a filosofia moderna é, principalmente, uma crítica da tradição teológica cristã. É igualmente, a descoberta de uma nova forma de *razão*, capaz, por um lado, de submeter o *destino* aos designios humanos e, por outro, de interpretar a *natureza* para melhor dominá-la e transformá-la. Esse grandioso projeto, não obstante sua pretensão de ser a instauração

“Em decorrência da hipertrofia do discurso tecnocientífico tudo aquilo que extrapolasse os lindes do hipotético-dedutivo foi tido como irracional e, portanto, incapaz de ser submetido aos cânones do discurso da racionalidade técnica”

radical de um novo mundo humano, tem suas raízes históricas. Pensamos identificá-las justamente na transformação medieval da razão antiga como pensamento das *essências* pela afirmação primeira da inteligibilidade do *esse*. Em virtude dessa transformação, e dela dependendo, a razão filosófica moderna se vê em face da interrogação primeira, que atinge o ser da realidade no seu núcleo mais profundo: que forma de inteligibilidade se deve pressupor ou pré-compreender no *existir* como tal, no simples ato de ser? Para a razão moderna, essa interrogação não pode ser evitada, tendo ela herdado das suas raízes medievais a injunção teórica incontornável de *pensar a existência* na sua singularidade irreduzível à universalidade da *essência*: o *esse* só é pensável protologicamente, ou seja, segundo a identidade do *primum ontologicum* e do *primum logicum*: como *esse* absoluto.

O verdadeiro coração teórico da Modernidade é o projeto de extrema audácia, cuja execução vem transformando radicalmente a vida humana nos últimos quatro séculos, que tem em vista a plena reinscrição teórica e operacionalmente, nos códigos da razão científica, do universo, da vida, do ser humano e das suas condutas. In-

terpretado como projeto histórico que se justifica a si mesmo, ou seja, que encontra sua razão de ser no próprio devir imanente da história, esse projeto deixa muito longe, em radicalidade, os paradigmas da “vida na razão” (*bíos theorétikós*) como ideal da filosofia antiga. Mas, paradoxalmente ou mesmo contraditoriamente, trata-se de um projeto que tem por objeto a construção de um *absoluto* no interior do próprio devir histórico. É permitido afirmar, por conseguinte, que o desafio especulativo de pensar um *absoluto* que se exterioriza no movimento mesmo que o constitui é verdadeiramente, o problema matricial, o problema-fonte de todos os grandes problemas da filosofia moderna.

Nesse ponto convém lembrar que as origens longínguas do propósito de pensar o *ser* como *absoluto*, constituindo o primeiro passo da razão teórica, remontam a Parmênides⁴. O pensador eleata é, pois, o iniciador da ontologia como ciência do *ser*. No entanto, a ontologia parmenidiana se exaure na tautologia do princípio de identidade: *o ser é*. Como introduzir a *diferença* na *identidade* sem relativizar o ser uno e absoluto na pluralidade do múltiplo? (...) Essa situação *metafísica* na qual tem lugar o primeiro passo do itinerário do discurso do *esse* encontrou um primeiro modelo de explicação na teoria neoplatônica da processão da primeira Inteligência a partir do Uno, e, na filosofia cristã, um segundo modelo na teoria agostiniana da *iluminação*. Ora, tal situação reaparece, em analogia eloquente, no problema filosófico moderno da relação entre Razão e Existência. É possível reconduzir a *existência*, desde o simples ato de existir, aos cânones explicativos da *Razão* humana, entendida como geratriz de toda inteligibilidade? Em outras palavras, a Razão humana pode reivindicar os atributos do *Esse* subsistente? Essa interrogação é inevitável como consequência do postulado imanentista radical da filosofia moderna. Tal postulado anima o projeto de construção da “cidade do homem”, onde os problemas metafísicos terão sua solução natural ou declaradamente pós-metafísica. A carta magna da “cidade do ho-

⁴ Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C.); filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da IHU On-Line)

“O termo de toda a sua trajetória filosófica foi a elaboração de um sistema filosófico. Seu pensamento apresenta-se como uma obra de envergadura sistemática. Seu sistema caracteriza-se por uma estrutura triádica”

mem” é promulgada em nome da Razão na sua modalidade de razão *científica* e no seu uso *operacional*, medido pela sua eficácia na produção de *objetos*. Ora, a razão científico-operacional é uma razão intrinsecamente ligada ao agir e ao fazer humanos. Ela observa, estabelece normas, formula hipóteses, mede e calcula, rege a produção de objetos. Pressupõe, portanto, o *estar-no-mundo* do sujeito racional, o seu simples *existir* enquanto *dado* a si mesmo, em meio às coisas que igualmente lhe são *dadas*. Mas essa situação, que pode ser denominada *situação ôntico-primária*, permanece impensada pela razão científico-operacional. Como recuperar para o universo luminoso da razão o fundo obscuro do simples *existir*? É a essa interrogação, vinda dos começos do caminho grego do *logos*, que a metafísica de Tomás de Aquino respondeu com a intuição da inteligibilidade do *Esse* absoluto como *ato* de infinita perfeição. Tal intuição assume então a forma de uma pré-compreensão fundante de toda a atividade da razão. No entanto, como antes já observamos, ela contempla o *Esse* absoluto como fonte de toda inteligibilidade na sua *objetividade* transcendente. Em outras palavras, a intuição do *Esse* é ato de uma razão que se mostra assim capaz de elevar-se à *theoria* desinteressada do Ser (*capax entis*)” (H. C. de Lima Vaz. *Escritos de filosofia VII - Raízes da Modernidade.*, 1ª edição, São Paulo, Loyola, 2002. p. 100).

Será a humanidade absorvida pelo mundo dos objetos, hoje virtuais? Uma pergunta que não cala

“Vaz foi dos primeiros a fazer a metacrítica teórica à razão instrumental, aceitando soberanamente o rótulo de se ter tornado reacionário. O que nunca foi”, assevera Marcelo Fernandes de Aquino

POR MÁRCIA JUNGES

“**E**ntre os séculos XVII e XIX d.C., o agora do ato de filosofar - sua modernidade - não se eleva mais a um fundamento transmundano e transtemporal para assegurar as pretensões de seus métodos. A razão calculadora reorganiza os traços comuns do sistema simbólico, ou sistema das razões, da civilização que se colocara sob a regência do logos filosófico greco-cristão. Lima Vaz o denomina, inicialmente, idade pós-sacral, cultura pós-teísta, em seguida modernidade pós-moderna, fixando-se finalmente em modernidade pós-cristã”, afirma Marcelo Fernandes de Aquino, professor e pesquisador do PPG em Filosofia da Unisinos e reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

O Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino é pós-doutor em Filosofia pelo Boston College, Estados Unidos. Especialista em Hegel, fez doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde também obteve dois títulos de mestre, em Teologia e em Filosofia. Realizou graduação em Filosofia na Pontifícia Faculdade Aloisianum, Itália, e especialização em Filosofia na Hochschule für Philosophie, em Munique, Alemanha. Foi reitor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG. É autor de *O conceito de religião em Hegel* (São Paulo: Loyola, 1989). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Poderia explicar em que consiste a tríade que compõe o sistema vaziano: Antropologia, Ética e Metafísica? Quais são as relações que se estabelecem entre esses aspectos?

Marcelo Fernandes de Aquino - Antes de tudo, é preciso esclarecer a significação da ideia de sistema no pensamento de Lima Vaz. Segundo ele, o termo sistema é a transliteração do grego *sýstema*, proveniente do verbo *synístánai*, *synístemí*, que significa “estar de pé” ou “estou de pé”. Da acepção metafórica inicial aplicada

a significar “conjunto” ou “reunião”, o termo *sýstema* foi empregado para designar o discurso (logos) cujas partes se interrelacionam por meio de conexões lógicas de sorte a formar um todo ordenado segundo critérios de natureza lógica. Melhor, significa um todo ordenado linguisticamente segundo critérios de natureza lógica cujas partes se interrelacionam por meio de conexões lógicas.

Para Vaz, a ideia de sistema é uma das raízes da civilização que ao longo de 26 séculos coloca a razão demonstrativa no centro do seu uni-

verso simbólico. Esse construto especulativo propõe-se pensar a liberdade ou unir dialeticamente liberdade e razão. Nele a liberdade não é exterior à razão. É intrínseca ao movimento de sua autoconstituição, ou, antes, é essa autoconstituição mesma. O desafio maior inerente à ideia de sistema é o de pensar a liberdade no próprio coração da necessidade racional que preside a construção do sistema das razões universais, e instaurar, assim, uma ordem translúcida às razões individuais numa história enfim sensata.

O problema das relações entre Sistema e Liberdade, para Vaz, configura uma opção intelectual básica cujas repercussões marcam profunda e decisivamente a história espiritual do ocidente. Se a razão demonstrativa é, por essência, sistemática, e se o sistema postula uma homologia com a realidade, onde situar a liberdade no interior do sistema? Essa é uma questão decisiva que, segundo ele, de Platão a Hegel, impele o desenvolvimento da ideia de sistema na filosofia ocidental.

Antropologia, Ética e Metafísica são dimensões fundamentais do discurso filosófico do todo. Essa ordem da exposição sinótica proposta por Vaz reflete a seriação cronológica do aparecimento dos livros *Antropologia Filosófica*, *Introdução à Ética Filosófica* e *Raízes da Modernidade* profundamente imbricada com as vicissitudes pessoais e as contingências históricas do existir individual de Lima Vaz. Não creio que esta ordem exponha o entrelaçamento do tempo histórico e do tempo lógico que tecem a trama da história da filosofia como intrínseca ao próprio ato de filosofar em favor da qual ele tanto se empenhou, nas aulas, nas conferências, nos escritos e nas conversas ao longo de sua fecunda atividade filosófica.

O leitor atento saberá matizar a eventual aproximação com a doutrina hegeliana dos três silogismos apresentada como fecho da exposição do Espírito Absoluto na Enciclopédia das Ciências Filosóficas. Antes de tudo, seria o caso de aproximar Antropologia e Ética para entender o desenho e a envergadura especulativa da eventual doutrina vaziana do Espírito, nas ver-

teses subjetiva e objetiva. Pari passu, reconstruir a Filosofia da Natureza que Lima Vaz deixou nas notas e apostilas de cursos que deu em diferentes ocasiões e instituições.

Lembro que ele foi aluno e privou de intensa proximidade intelectual do Pe. Roser, fundador do Instituto de Física da PUC-Rio. Creio ter sido uma pena ele não ter dado continuidade à sua aproximação das categorias da mecânica da relatividade, pois ele teria feito com ela, o que Kant logrou fazer com as categorias da mecânica newtoniana.

IHU On-Line - De que forma a obra filosófica de Pe. relê criticamente a modernidade, diagnosticando sua crise?

Marcelo Fernandes de Aquino - Para Lima Vaz, a história intelectual da razão ideonômica que se desdobra de Platão a Hegel segue o curso das vicissitudes histórico-teóricas da noção de Ser na sua procedência aristotélica, passando pela inflexão henológica de Plotino¹, pela interpretação da especulação árabe, sobretudo aviceniiana, pela recepção e evolução no pensamento latino-medieval desde as primeiras indicações de Boécio² até seu apogeu metafísico no século XIII com Tomás de Aquino, pela inflexão desencadeada por Duns Scotus, pela sistematização suareziana do século XVI e sua posteridade na ontologia moderna de matiz cartesiano.

O significado desse curso histórico-conceitual é a passagem da concepção polissêmica ou analógica da noção de

Ser da tradição aristotélico-tomásica para a concepção monossêmica ou unívoca de Ser da tradição escotista-suareziana. Duns Scotus³, Guilherme de Ockham⁴ e Francisco Suarez⁵ anunciam outro ciclo de modernidade que eclode, grosso modo, com Descartes⁶.

³ **Duns Scotus** (1265-1308): pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da IHU On-line)

⁴ **William de Ockham** (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham, que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Francisco Suarez** (1548-1619): teólogo jesuíta espanhol nascido em Granada. Estudou latim, direito, filosofia e teologia em Salamanca. É um dos fundadores do direito internacional e criador da doutrina do suarismo. A partir de 1570, trabalhou como instrutor de teologia em vários centros dos jesuítas, na Espanha e em Roma, até se estabelecer como professor de teologia na Universidade de Coimbra (1597), Portugal, pertencente então à coroa espanhola, por indicação do rei Filipe II. Ali firmou sua conduta erudita e tornou-se o principal representante da nova escolástica do século XVI. Sua obra mais influente foi *Disputationes Metaphysicae* (1597), um amplo tratado que articulava todo o saber metafísico, concebido como teologia natural. Escreveu várias obras por encomenda do papa Paulo V e de outras autoridades religiosas, como *De legibus* (1612) e *Defensio fidei catholicae* (1613), destinadas a elaborar uma teoria jurídica e política baseada nos princípios católicos. Negou o direito divino dos reis e pregou o direito do povo derubar qualquer monarca que atuasse contra o interesse social. Também criticou muitas das práticas da colonização espanhola nas Índias. Lecionou filosofia em Segóvia e teologia em Valladolid. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de

¹ **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletivo grupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóteses: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

² **Anício Mânlio Torquato Severino Boécio** (480-524): filósofo, estadista e teólogo romano que se notabilizou pela sua tradução e comentário do *Isagoge* de Porfírio, obra que se transformou num dos textos mais influentes da Filosofia medieval europeia. (Nota da IHU On-Line)

Kant e Hegel o levam a sua complexidade. Feuerbach⁷, Marx⁸, Nietzsche, Freud⁹ são seus construtores maiores.

Como consequência dessa transformação da razão ideonômica em razão hipotético-dedutiva, esta história intelectual acompanha a rota da reformulação da metafísica em sistema,

filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

7 Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandonou os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª. ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

8 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

9 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jF>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da IHU On-Line)

segundo a acepção deste termo consagrado na epistémica moderna. Essa transformação assinala o abandono da concepção da metafísica como ciência estruturalmente aberta no seu procedimento mais elevado como ciência do Absoluto ou *theologia*, para a concepção da metafísica como sistema fechado, de natureza axiomático-dedutiva, regido pelos princípios de causalidade e razão suficiente e pela noção unívoca de ser.

Entre os séculos XVII e XIX d.C., o agora do ato de filosofar - sua modernidade - não se eleva mais a um fundamento transmundano e transtemporal para assegurar as pretensões de seus métodos. A razão calculadora reorganiza os traços comuns do sistema simbólico, ou sistema das razões, da civilização que se colocara sob a regência do logos filosófico greco-cristão. Lima Vaz o denomina, inicialmente, idade pós-sacral, cultura pós-teísta, em seguida modernidade pós-moderna, fixando-se finalmente em modernidade pós-cristã.

O pensamento do mundo e do tempo, nos sucessivos ciclos da modernidade pós-cristã, passa a ser acompanhado pela intenção de efetivo e definitivo instalar-se no próprio tempo. A História passa a ser o *primum ontologicum* na fundamentação das razões da filosofia, o agora do ato de filosofar. As linhas fundamentais da representação do mundo e do tempo passam a ter outro traçado.

IHU On-Line - Qual é o impacto da filosofia de Hegel no pensamento vaziano? Em que aspectos Lima Vaz conserva e supera o hegelianismo?

Marcelo Fernandes de Aquino - Vaz considera a filosofia hegeliana como uma filosofia que pensa a liberdade no próprio coração da necessidade racional que preside à construção do sistema das razões universais e tende a instaurar uma ordem translúcida às razões individuais, numa história enfim sensata. Tenta remodelar - com que resultado? - a estrutura teórica da metafísica tomásica em chave dialética de inspiração hegeliana.

Inicialmente, procede por síntese dialética do simples ao complexo, para então seguir por procedimento analítico

do complexo ao simples. A remodelação dialética do método metafísico desenhada por Lima Vaz diz respeito a um caminho do logos através de oposições que se apresentam tanto na ordem real quanto na ordem nocional, que o logos integra numa unidade superior. Oposição significa sempre distinção dos termos que se opõem. Oposição real implica uma distinção real dos seus termos. Oposição nocional implica distinção de razão dos conceitos que se opõem.

O procedimento dialético para Lima Vaz traduz a lógica intrínseca, o dinamismo próprio da inteligibilidade do conteúdo, da qual sua consideração e avaliação são inseparáveis. Não se deixa guiar por rígida necessidade em termos de lógica formal cujo procedimento aplica formas lógicas ao conteúdo que lhe é exterior. O caminho dialético avança através de opções ontológicas, onde razão e liberdade interagem para responder ao desafio das oposições que se manifestam na realidade. A afirmação “alguma coisa é”, segundo ele, constitui o conteúdo inteligível mais elementar do método dialético. Mediante o argumento de retorsão se exprime logicamente pelo princípio de não-contradição, suprassume a oposição mais primitiva que opõe o ser ao nada. Esse é o fundamento a partir do qual se forma a oposição do uno e do múltiplo que sobrelevada na relação de alteridade, dá início ao caminho da metafísica.

A síntese dialética percorrida por Lima Vaz aplica-se primeiramente à esfera do *Esse* absoluto, em seguida à esfera dos *esse* relativos. Parte da intuição e afirmação originais do *esse* e desenvolve as implicações lógico-dialéticas dessa posição inicial. A intuição do *esse*, no roteiro vaziano, não é uma intuição pura, a priori. Ao termo do percurso, obedecendo a procedimento analítico, retorna ao princípio. Instaura-se uma totalidade de estrutura dialética que realiza a natureza de um sistema aberto, já que seu termo é o reconhecimento de um hiato metafísico infinito, intransponível pelo discurso e que separa a esfera dos *esse* relativos da esfera do *Esse* absoluto e com ela a articula pela via da causalidade. Penso que na fase final de sua jornada

filosófica, Lima Vaz tornou-se reticente quanto ao projeto hegeliano e, sem dúvida, quanto à própria modernidade pós-cristã.

IHU On-Line - Em que medida Lima Vaz procura responder ao avanço prodigioso da razão técnica e sua indigência ética, bem como ao niilismo na cultura que vem se firmando na modernidade pós-cristã? A partir dessa percepção, em que aspectos sua filosofia promove uma reflexão e uma crítica ao paradoxo da racionalidade ao qual estamos submetidos?

Marcelo Fernandes de Aquino - Segundo Vaz, os herdeiros de Duns Scotus aprofundaram o abandono da concepção da metafísica como ciência estruturalmente aberta no seu procedimento mais elevado como ciência do ser absoluto ou theologia pela concepção da metafísica como sistema fechado, de natureza axiomático-dedutiva regido pelos princípios de causalidade e razão suficiente e pela noção unívoca de ser. O conceito unívoco de ser da metafísica escotista recupera a primazia da essência inerente à metafísica grega.

Transformará profundamente a configuração do campo noético-especulativo sobre o qual se edificou a metafísica greco-cristã. Traçará o horizonte

último da epistême moderna. A idéia de Deus e sua nomeação filosófica, nesta primeira figura da modernidade pós-metafísica, migram da noção de ser do paradigma ideonômico clássico para o da onto-antropologia moderna. Inaugura-se o primeiro ciclo moderno do “fim da metafísica”, ao cabo do qual a antropologia passa a ocupar o lugar antes reservado à metafísica. Seu desdobramento resultará no advento da metafísica da subjetividade e, finalmente, na modernidade pós-metafísica. O niilismo contemporâneo será o ponto de chegada desta pretendida desconstrução da metafísica.

A teoria da representação desenhada pelo nominalismo tardo medieval suprimiu, pelo menos virtualmente, a distinção aristotélica entre as três grandes formas de conhecimento, o teórico, o prático e o poético. Um campo ilimitado de possibilidades de referir-se ao objeto - na sua verdade, bondade ou utilidade - como sendo um ergon, isto é, um produto da atividade poética do próprio sujeito abre-se para o sujeito nesta concepção que privilegia a representação como sendo o objeto imediato da intenção cognoscitiva. O espaço da representação submete o objeto aos procedimentos operacionais definidos e estabelecidos

pelo sujeito, inaugurando novo estilo de trabalho teórico. Este novo estilo de trabalho teórico dá origem à forma de razão estruturalmente operacional, isto é calculadora, e à ciência físico-matemática. Razão calculadora e ciência físico-matemática são raízes da revolução científica, que transformou profundamente as referências do universo mental do ocidente, tornando possível a revolução tecnológica que criou para os humanos um novo mundo de objetos. Seremos absorvidos em nossa humanidade por este prodigioso mundo de objetos, hoje virtuais? Esta era a pergunta que não se calava a Lima Vaz em seus últimos anos de vida.

IHU On-Line - Qual é a importância do legado filosófico e teológico de Lima Vaz para a filosofia brasileira?

Marcelo Fernandes de Aquino - Antes de tudo, como ser humano, Lima Vaz nunca negociou suas convicções mais profundas no altar da fama. Nunca traiu os jovens que nele confiaram por medo da violência física, ou por conveniência aos vários oportunismos que rondam a vida intelectual brasileira. Cometeu acertos e erros sem escamotear sua fé cristã e sem esconder que era um sacerdote jesuíta.

Do consumo responsável à responsabilidade no consumo: reflexões sobre cadeias agroalimentares, slow food e mercados alternativos

MS Júlia Coelho de Souza - Pesquisadora Associada e Técnica do NEA/ITCP/UFRGS

Data: 29/9/2011

Informações em www.ihu.unisinos.br

Uma ética para além do relativismo e da fragmentação

Agir ético não é uma ação do sujeito isolado, mas daquele em relação de conhecimento e consenso com o outro, pondera Cláudia Maria Rocha de Oliveira. Lima Vaz confronta-se com dualismos do século XX como a aparente oposição entre o cristianismo e o mundo moderno

POR MÁRCIA JUNGES

“Uma ação do sujeito racional e livre na sua relação de reconhecimento e de consenso com o outro e que possui como norma o horizonte universal do Bem”. Assim pode ser definida a ação ética intersubjetiva na ética filosófica de Lima Vaz, explica Cláudia Maria Rocha de Oliveira. “O outro com o qual eu me relaciono não é um objeto ao meu dispor. Como sujeito racional e livre, ele deve ser reconhecido na sua dignidade de fim em si”, acentua. A pesquisadora afirma que, inspirado na ética aristotélica com vistas a superar os limites do modelo kantiano, “Lima Vaz nos mostra a possibilidade de uma ética para além da fragmentação e do relativismo, capaz de superar o hedonismo e o utilitarismo. Ele nos aponta a possibilidade e a necessidade de pensar os atos humanos numa unidade de sentido e de afirmar, assim, a integridade e unidade da pessoa humana na sua dignidade”. E completa: “a meu ver, é justamente ao propor uma renovação do humanismo teocêntrico que Lima Vaz contribui para a revisão do humanismo no contexto da pós-modernidade”.

Cláudia Maria Rocha de Oliveira é doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, Itália com a tese *A relação entre ética e metafísica na filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz*. Kursou mestrado e graduação em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje. De agosto de 2004 a janeiro de 2006 foi professora assistente na Universidade Presidente Antônio Carlos - Unipac. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a ação ética intersubjetiva na filosofia de Lima Vaz?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Racionalidade e liberdade são atributos fundamentais de nosso ser. Em consequência, o ato pelo qual nos exprimimos de modo mais elevado deve necessariamente ser um ato razoável e livre. Ele deve ser *autoexplicativo* e *autodeterminativo*. A esse ato eminentemente pessoal que empenha o sujeito como um todo, Lima Vaz, seguindo a tradição, denominou *agir ético*. Podemos afirmar, então, que, na ética filosófica de Lima Vaz, a ação ética é pensada como sendo a expressão mais própria da pessoa.

Existencialmente simples, a ação ou o agir ético manifesta enorme riqueza e complexidade ontológica: ela é uma ação do indivíduo, realiza-se no seio de uma comunidade histórica

e possui como norma o conteúdo histórico de determinado *ethos*. Como ação do indivíduo, ela se distingue de outros modos de agir à medida que possui como diretriz a razão prática. Implícita na ação ética, a razão prática se distingue tanto da razão teórica quanto da razão *poiética* ou técnica. Ao contrário da razão teórica, ela não visa ao conhecimento por ele mesmo. Também ao contrário da razão *poiética*, ela não possui como *telos* a perfeição do objeto produzido pelo *fazer*. Compreendida como inter-relação entre razão e vontade, a razão prática possui como norma e *fim* a própria realização ou perfeição do sujeito que age. A razão prática orienta, portanto, o sujeito no caminho da sua própria realização.

Contudo, a ação ética, ato do indivíduo orientado pela razão prática, não se realiza no espaço vazio. Ela não

é obra do sujeito isolado, mas se dá no seio de uma determinada comunidade histórica. Estamos sempre envolvidos numa rede complexa de relações, tanto com a natureza como com outros seres humanos. A relação com o outro é constitutiva de nosso ser. A ação ética só pode ser pensada, portanto, enquanto tal, como expressão de um sujeito em relação com o outro. A categoria de intersubjetividade surge como noção fundamental intrinsecamente presente na ideia de agir ético.

Na dimensão da intersubjetividade, a inter-relação entre razão e vontade se realiza como reconhecimento e consenso. O outro com o qual eu me relaciono não é um objeto ao meu dispor. Como sujeito racional e livre, ele deve ser reconhecido na sua dignidade de fim em si. Na relação intersubjetiva o reconhecimento recíproco entre

os sujeitos torna possível o estabelecimento da relação primordial eu/tu. Através dessa relação, eu reconheço e sou reconhecido pelo outro no horizonte do Bem. Tal reconhecimento inclina a minha vontade a alcançar com o outro um consenso que assegura a possibilidade da vida em comum, isto é, da vida no seio da comunidade. A comunidade ética, por sua vez, fornece aos sujeitos as regras da convivência em comum. O *ethos* histórico fornece as normas da vida em comunidade e da realização concreta do Bem.

A ação ética intersubjetiva na ética filosófica de Lima Vaz pode ser definida, então, como uma ação do sujeito racional e livre na sua relação de reconhecimento e de consenso com o outro e que possui como norma o horizonte universal do Bem.

IHU On-Line - Quais são os principais horizontes que se abrem para repensar a ética a partir dessa concepção?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Ao pensar a ação ética, Lima Vaz se vê diante de dois grandes paradigmas: o aristotélico e o kantiano. Para Aristóteles a ação ética é orientada pelo *telos* da *eudaimonia*. Sendo o fim mais alto visado pela ação, a *eudaimonia* orienta a *práxis* de modo que ela possa corresponder ao bem viver e ao bem agir. Ora, o que permite definir o viver e o agir do homem como bem viver e bem agir? De acordo com Aristóteles, o bem de alguma coisa está relacionado à função que ela exerce. O que distingue o homem dos outros seres é o princípio racional. Em consequência, as ações orientadas pela razão podem tornar o homem bom, virtuoso. Contudo, a racionalidade da ação não garante a sua virtuosidade. Para que ela seja virtuosa precisa ser também voluntária. O princípio movente deve se encontrar no próprio agente. Logo, a ação na qual o homem realiza a sua função mais própria é uma ação racional e voluntária.

A razão implícita no agir é justamente aquela caracterizada pela intercausalidade de razão (causa formal) e desejo (causa eficiente). A ela Aristóteles atribuiu o nome de *phronesis*, sabedoria prática. Segundo Aristóteles, a *phronesis* diz respeito

“Estamos sempre envolvidos numa rede complexa de relações, tanto com a natureza quanto com outros seres humanos. A relação com o outro é constitutiva de nosso ser”

à capacidade que o homem possui de, no confronto com as coisas humanas que podem ser objeto de deliberação e escolha, encontrar o justo meio que conduz ao bem moral. A *phronesis*, no entanto, não determina a *eudaimonia*, mas a pressupõe como *telos*, como polo norteador do movimento da ação. A *eudaimonia* é pressuposta, portanto, como causa final da *práxis*. A razão prática ao articular a razão e o desejo orienta a ação em direção ao bem.

Kant, por sua vez, se opõe a Aristóteles. Ele não aceita a *eudaimonia* como causa final do movimento da ação. Para ele, a vontade não deve ser boa como meio para alcançar algo, mas ela deve ser *boa em si mesma*. A vontade boa em si mesma é aquela determinada objetivamente “pela lei” e subjetivamente “pelo puro respeito à lei”. Ora, de acordo com Kant, todos os conceitos morais têm sua origem *a priori* na razão. Em consequência, a razão deve determinar a vontade por motivos *a priori*, sem nenhum tipo de influência empírica. Contudo, o homem não é um ser puramente racional. Ele não age unicamente de acordo com a razão, mas também se deixa guiar por inclinações. Em consequência, as ações humanas estão sempre sujeitas a condições subjetivas. A relação entre razão prática e vontade empírica precisa ser pensada então como *obrigação*. A representação da razão como princípio obrigante da vontade recebe, por sua vez, o nome de mandamento. Os mandamentos assumem a fórmula de imperativo que exprime a obrigação através do uso do verbo *dever*. Kant classifica os imperativos em imperativos hipoté-

uticos e em imperativo categórico. Nos hipotéticos a obrigação é pensada como uma determinação da vontade em vistas de alcançar o fim desejado: quem quer o fim quer também os meios que permitem alcançar esse fim. O imperativo categórico, por sua vez, representa uma ação objetivamente necessária por si mesma. Ele não depende de nenhuma intenção, mas é completamente *a priori*. A sua fórmula está contida no seu próprio conceito e exprime basicamente três ações: a atitude de autolegisador, o exame das máximas em questão a fim de avaliar qual delas pode ser universal e a exigência da ação. Essas três ações correspondem a um processo de aprendizagem através do qual o homem eleva-se como autor à universalidade da razão, à luz dessa universalidade avalia as suas máximas e, então, apenas após seu exame racional e confirmação de que elas possam ser aceitas como universais, ele age.

Solipsismo metódico

Ora, a ética deontológica kantiana, ao colocar em questão qualquer referência ao transcendente como norma do agir e ao afirmar que a ação moral é aquela determinada unicamente por princípios *a priori*, acabou se tornando sujeita a objeções. Ela estaria presa ao modelo do solipsismo metódico; seria uma ética monológica. Ao conferir ao sujeito solitário a tarefa de examinar através de experimento mental se a máxima pode ser elevada à lei universal, corre-se o risco de confundir o universal com o que apenas é aceito de modo generalizado por determinada coletividade. Além disso, ao apoiar-se em princípios *a priori* da razão a ética kantiana também parece não levar em consideração a normatividade implícita no *ethos*. Em consequência de seus limites, na sociedade atual a ética kantiana parece ter cedido lugar ao hedonismo e ao utilitarismo. Lima Vaz se confrontou então com um cenário marcado pela banalização do conceito ético, por uma anomia e por um relativismo que se pretendem cada vez mais universais.

Ao buscar inspiração na ética aristotélica, Lima Vaz pretende superar os limites da ética kantiana e, ao mesmo tempo, encontrar uma saída para o he-

donismo e o utilitarismo reinantes na sociedade atual. Para ele, o agir ético não é uma ação do sujeito isolado, mas sim do sujeito numa relação de reconhecimento e consenso com o outro orientado pela norma do bem viver e do bem agir. Ao afirmar a ação moral como uma ação do indivíduo, cumprida no seio de uma comunidade histórica e orientada pela normatividade do *ethos*, Lima Vaz pensa o ser humano na sua unidade num processo de autorrealização. Aberto à universalidade do Bem, o homem realiza o seu ser na relação de reconhecimento e consenso com o outro. Essa relação, por um lado, é orientada pela normatividade do *ethos*. Mas, por outro lado, ela permite julgar a universalidade do *ethos* particular e corrigir assim as deformações e limitações do próprio *ethos*.

Logo, diante desse complexo cenário, Lima Vaz nos mostra a possibilidade de uma ética para além da fragmentação e do relativismo, capaz de superar o hedonismo e o utilitarismo. Ele nos aponta a possibilidade e a necessidade de pensar os atos humanos numa unidade de sentido e de afirmar, assim, a integridade e unidade da pessoa humana na sua dignidade.

IHU On-Line - Como é a recepção da obra filosófica de Lima Vaz no exterior?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Como mostrou em sua tese de doutorado o professor Dr. Elton Vitoriano Ribeiro, SJ, a obra filosófica de Lima Vaz pode ser situada, pelos temas que aborda e pela novidade e rigor de seus argumentos, no mesmo nível de validade e reconhecimento que adquiriram as obras de autores tais como Charles Taylor¹ e Alasdair MacIntyre². É pos-

1 Charles Taylor: filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). Nas *Notícias do Dia* 09-06-2009, do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, leia o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito por Charles Taylor. O material está disponível para download no link <http://bit.ly/qvAqNZ>. (Nota da IHU On-Line)

2 Alasdair MacIntyre: professor de filosofia na

“Na dimensão da intersubjetividade, a inter-relação entre razão e vontade se realiza como reconhecimento e consenso”

sível ainda situar a obra de Lima Vaz na trilha da renovação do pensamento tomista. Seguindo o caminho iniciado por Joseph Marechal e seguido por autores tais como Joseph de Finance, Gustav Sieweth, Gaston Fessard³, Bernhard Lakebrink e J. B. Lotz, também Lima Vaz propôs, a partir do confronto com as ideias filosóficas modernas, uma releitura da metafísica de Tomás de Aquino.

Contudo, apesar do imenso valor filosófico de sua obra, infelizmente, Lima Vaz é ainda pouco conhecido no exterior. A língua portuguesa é pouco utilizada no meio acadêmico internacional. Talvez essa seja hoje uma das grandes dificuldades com a qual esbarra a divulgação da rica obra do eminente pensador ouro-pretano.

IHU On-Line - Qual considera o maior legado de Lima Vaz para o diálogo com a cultura contemporânea?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Para Lima Vaz, a filosofia, mais do que mera profissão ou atividade acadêmica, é um modo exigente de vida. Por um lado, é necessário obedecer ao rigor da investigação filosófica. Mas o rigor não pode ser sinônimo de esquecimento da realidade. A filosofia não pode se esgotar no exercício também importante da interpretação dos pensadores e dos termos clássicos. Ela exi-

Vanderbilt University, EUA e autor de *Marxism and Christianity and Against the Self-Images of the Age*. É autor também do importante livro *After Virtue*, publicado em 1981, pela primeira vez, e que foi traduzido no Brasil sob o título *Depois da Virtude* (Bauru: Edusc, 2001). (Nota da IHU On-Line).

3 Gaston Fessard (1897-1978): sacerdote jesuíta, filósofo e teólogo francês. De suas obras, destacamos *Hegel, le christianisme et l'histoire* (Paris: Presses Universitaires de France, 1990). (Nota da IHU On-Line)

ge que a leitura desses pensadores e a interpretação desses termos sirvam de apoio para que se torne possível um verdadeiro diálogo do filósofo com o seu tempo, ou seja, com a cultura na qual está inserido. Lima Vaz, portanto, não pretende fornecer nenhuma resposta definitiva sobre a realidade e a vida. Mas a sua filosofia é um convite a cada um de nós para que possamos pensar a realidade na qual vivemos. Além disso, Lima Vaz mostrou que é possível a partir do próprio seio da fé cristã estabelecer um diálogo fecundo com a cultura contemporânea. Enquanto modo de vida, a filosofia não permite que adotemos um tom de neutralidade em nossos discursos. Ao envolver e empenhar todo o nosso ser, o exercício filosófico exige que assumamos abertamente os pressupostos em que subjazem nossos discursos, não para afirmá-los de modo arbitrário ou autoritário, mas sim para, a partir deles, estabelecer um diálogo lúcido e coerente com o diferente e o novo.

IHU On-Line - Poderia explicar em que consiste a síntese filosófica de Lima Vaz?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Lima Vaz era um filósofo preocupado com a realidade histórico-social na qual estava inserido. A sua obra filosófica pode ser interpretada como uma tentativa de reconduzir os dualismos que marcam o universo simbólico-cultural do século XX a uma unidade de sentido e de orientação. Um dos principais dualismos com o qual Lima Vaz se confronta é a aparente oposição entre o cristianismo e o mundo moderno. As oposições entre imanência e transcendência, finito e infinito, relativo e Absoluto serão constante tema de sua reflexão. Apoiando-se na firme convicção de que por trás do aparente sem-sentido do mundo e dos acontecimentos é possível afirmar uma inteligibilidade radical para a existência humana, ele assume como ponto de partida fundamental que norteia todo o seu pensamento a experiência místico-religiosa do transcendente, fundamento da existência e do agir humanos. A partir dessa experiência do transcendente ele procura lançar luzes sobre as ambiguidades da modernidade. A partir

do método dialético de inspiração platônico-hegeliano, propõe uma releitura da filosofia de Tomás de Aquino. Compreendido como um caminho de busca que orienta a atividade intelectual em direção à solução de *aporias*, o método dialético permite a Lima Vaz pensar os dualismos que marcam a cultura numa síntese de identidade na diferença. Com a ajuda desse método, ele mostrará que é no solo da teologia cristã, de modo especial, no solo do século XIII que irão se desenvolver as grandes intuições que marcam o pensamento moderno e que, portanto, é possível um diálogo entre o cristianismo e a modernidade.

IHU On-Line - Como se dá o diálogo de Lima Vaz com o legado hegeliano?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Para Lima Vaz, Hegel é um dos autores inaugurais da Filosofia. A ontologia clássica, da qual a dialética platônica constitui-se como expressão, é essencialmente cosmológica. A filosofia moderna, ao contrário, é eminentemente antropológica. Além disso, Hegel não afirma um sujeito puro *cogito* como Descartes. Ao colocar em evidência a historicidade de nosso *ser-aí*, ele inaugura na filosofia um novo modo de interrogar a respeito da história. O sujeito passa a ser definido pelo seu ser histórico. Ele é compreendido a partir das suas manifestações no tempo.

Ao inspirar-se na dialética hegeliana, Lima Vaz pretende, como Hegel, afirmar uma unidade de sentido para as várias manifestações do espírito no tempo. Ele pensa, pois, a pessoa humana no seu movimento de autorrealização através do desenvolvimento do seu ser na história. Contudo, se para Hegel o sentido das várias manifestações do espírito se encontra na imanência da história, para Lima Vaz, o ser *situado* do sujeito é continuamente interpelado pela sua aber-

“Ao buscar inspiração na ética aristotélica, Lima Vaz pretende superar os limites da ética kantiana e, ao mesmo tempo, encontrar uma saída para o hedonismo e o utilitarismo reinantes na sociedade atual”

tura intencional infinita ao horizonte transcendente da Verdade e do Bem. Uma unidade de sentido para as manifestações do sujeito na história deve ser buscada à luz de uma dialética entre o finito e o infinito, a imanência e a transcendência. Para Lima Vaz, a tarefa da filosofia consiste, então, em exprimir discursivamente as diferentes formas de presença do infinito no finito. Ou ainda, em exprimir discursivamente o próprio movimento de autodesenvolvimento histórico do ser finito na sua relação constitutiva com o Absoluto transcendente.

IHU On-Line - Em que medida seu pensamento contribui para uma revisão do humanismo na pós-modernidade?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Por humanismo Lima Vaz compreende um projeto de efetivação histórica de uma ideia exemplar de homem em todos os domínios da realidade. Essa ideia passa a ser assumida como pressuposto que orienta as experiências, as interpretações, o agir e o fazer dos homens. As origens da tradição do humanismo remontam ao século XII e, para Lima Vaz, a sua expressão mais elevada se encontra nas obras dos teólogos do século XIII,

de modo especial na obra de Tomás de Aquino. Nas origens da tradição humanista, portanto, a ideia exemplar de homem se desenvolve a partir de uma referência essencialmente teológica. O homem, ser de razão e vontade, abre-se à universalidade do Ser. Ele acolhe o Ser na sua universalidade e se ordena ontologicamente ao Absoluto.

Contudo, a partir da modernidade, o humanismo teocêntrico cedeu lugar ao humanismo antropocêntrico. O homem passou a ser afirmado como o fundamento de sua própria existência. O abandono do Absoluto transcendente conduziu, no entanto, à dispersão semântica do termo humanismo e a uma proliferação de “humanismos”: o “humanismo ateu”, o “humanismo evolucionista”, o “humanismo existencialista”, entre outros. Esses novos humanismos passaram a se opor ao humanismo teocêntrico e terminaram por gerar um espírito anti-humanista. A ideia de homem entrou em crise e perdeu a sua unidade. Todos esses acontecimentos acabaram por conduzir à proclamação do niilismo pós-metafísico.

Diante desse contexto, Lima Vaz se propõe reencontrar uma ideia unitária de ser humano que permita afirmar um sentido radical para o simples existir. Ao defender a tese de que as raízes da modernidade devem ser buscadas no solo do século XIII, de modo especial na metafísica de Tomás de Aquino, ele propõe como alternativa à crise de seu tempo uma releitura da metafísica tomásica a partir da dialética de inspiração platônico-hegeliana. Nessa releitura, ele afirma o homem como ser histórico, constitutivamente aberto ao transcendente. A referência ao transcendente o permite conferir inteligibilidade radical para o existir e o agir humanos. Ora, a meu ver, é justamente ao propor uma renovação do humanismo teocêntrico que Lima Vaz contribui para a revisão do humanismo no contexto da pós-modernidade.

www.ihu.unisinos.br

Uma obra para refletir sobre nossa época

Legado vaziano reflete as “urgências de nossa cultura”, pontua Álvaro Mendonça Pimentel, ex-aluno de Lima Vaz. Apesar de ser considerado uma “lenda” pelos alunos, o grande mestre mantinha sua simplicidade e modéstia

POR MÁRCIA JUNGES

“**V**encendo a tendência contemporânea a dilacerar o sentido presente na linguagem, Vaz convida seu leitor a rememorar os modos de expressão do ser humano e o conduz, nessa rememoração, a percorrer os grandes problemas teóricos e culturais de nosso tempo”. A análise é de Álvaro Mendonça Pimentel, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo ele, “o que marca a obra de Vaz é a sua reflexão sobre o nosso tempo, as nossas questões, as urgências de nossa cultura”. A respeito do humanismo teocêntrico de Lima Vaz, Pimentel observa: “Nesse sentido, contra o desalento de um ser humano que se compreenderia como mero acidente de um universo determinista, ou como ser puramente biológico e condicionado geneticamente, o humanismo teocêntrico vem defender a dignidade única do humano, sua liberdade e capacidade criativa”. Orientando na graduação em Filosofia por Lima Vaz, Pimentel recorda que os estudantes o consideravam uma lenda, embora ele não se comportasse como tal: “para minha surpresa e alegria, Vaz se mostrou disponível, simples e até modesto”.

Álvaro Mendonça Pimentel é professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. É graduado em Filosofia nessa instituição e em Teologia pelo Centre Sèvres, nas Faculdades Jesuítas de Paris. cursou mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG com a tese *A lógica da ação de Maurice Blondel: explicitação crítica na ação*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são suas maiores recordações de Lima Vaz como pessoa?

Álvaro Mendonça Pimentel - Minha convivência com Lima Vaz ocorreu principalmente nos três anos em que fui aluno do curso de filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, em Belo Horizonte, no período de 1993 a 1995. Assim, o conheci primeiramente como professor de história da Filosofia Antiga e de Ética. Já era então filósofo consagrado no cenário acadêmico nacional. Suas publicações faziam dele um dos principais pesquisadores da área de filosofia, nos domínios da ética, da antropologia filosófica e da metafísica. Sua fama e o respeito unânime por sua produção intelectual também promoviam uma tradição oral em torno de vários momentos de sua vida, criando, como é comum nesses

casos, verdadeiras lendas. Não mentiras, mas fatos narrados fielmente, em que sempre se acrescenta algo saboroso, para tentar traduzir o sentimento vivido. Assim, por exemplo, o Vaz dos anos da UFMG, cujas aulas eram gravadas e filmadas por alunos e em que, dizem os que lá estiveram, reinava um silêncio e uma atenção reverente ao mestre em sua cátedra. Ou antes, o Vaz da época da ditadura militar que, interrogado em Juiz de Fora, respondia a todas as questões que lhe eram feitas, embora nem sempre quem o interrogasse conseguisse compreender o que ele dizia... E há dezenas de pequenas histórias divertidas e mesmo comoventes em que a realidade se transfigura em lenda, para traduzir seu sentido profundo.

Digo tudo isso para que o leitor compreenda que, quando conheci o

Lima Vaz, ele já era um grande intelectual, um filósofo e pesquisador respeitado e, no círculo de amigos mais próximos, uma verdadeira lenda. Era normal, portanto, que um jovem iniciante em filosofia temesse aproximar-se de um mestre daquela estatura. Mas, para minha surpresa e alegria, Vaz se mostrou disponível, simples e até modesto. Estava sempre pronto para responder a minhas dúvidas e com que paciência! Acolhia-me para conversas filosóficas em privado, aconselhava leituras, sempre oferecendo livros em que houvesse um pequeno (por vezes, grande!) desafio ao leitor. Lembro-me, por exemplo, de me fazer ler o primeiro volume da *Histoire de la pensée*, de Jacques Chevalier¹, no primeiro semestre do curso. Quanto à lista de obras de grandes filósofos da

¹ Jacques Chevalier (1882-1962): filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

tradição, essa incluía textos escolhidos de Platão, Aristóteles, Agostinho, Santo Tomás, Descartes, etc. Textos cheios de enigmas indecifráveis para um iniciante, mas também já repletos de luzes e conduzindo a horizontes amplos e desafiadores.

Sabedoria encarnada

Após o curso, parti para continuar minha formação e mantive contato epistolar e por telefone. Nascia assim uma amizade discreta e fiel, marcas da personalidade desse mestre ouro-pretano. Quando retornei à FAJE, em 2002, encontrei Lima Vaz mais debilitado fisicamente, lutando contra momentos passageiros de depressão senil, mas com aquele mesmo brilho, aquela mesma memória impressionantes. Tínhamos planos de trabalhar juntos, pois eu desejava fazer meu doutorado em Belo Horizonte. Mas Vaz submeteu-se a uma cirurgia que, mal sucedida, o conduziria a um calvário hospitalar de um mês - e à morte. Pude então testemunhar sua nobreza diante do sofrimento, consolando e animando os parentes que vinham visitá-lo. Conheci a força que lhe vinha da oração dos salmos e da eucaristia. Vaz não era apenas um erudito, mas um filósofo cuja sabedoria se encarnou na vida: ele não temeu a morte. E um cristão cuja fé não esmoreceu no último momento.

IHU On-Line - A máxima de Santo Agostinho “crê para entenderes e entende para creres” norteava Lima Vaz desde o início de sua trajetória intelectual e religiosa. A partir dessa concepção, como podemos entender sua relação com a filosofia e a fé?

Álvaro Mendonça Pimentel - Creio que não seria correto falar em “relação com a filosofia e a fé”, no caso de Vaz, caso se entendesse assim que filosofia e fé são objetos com os quais alguém se relaciona. Vaz era filósofo porque acreditava em Deus. Trata-se de uma atitude vivida. O encontro com Deus veio primeiro. A fé pessoal em Deus era vivida por Lima Vaz numa referência constante e agradecida ao testemunho recebido na família e, sobretudo, de sua mãe. Com isso não estou dizendo que Vaz tinha uma fé in-

“O encontro com Deus veio primeiro. A fé pessoal em Deus era vivida por Lima Vaz numa referência constante e agradecida ao testemunho recebido na família e, sobretudo, de sua mãe”

fantil, mas recordando um dado antropológico fundamental, e que marcará, aliás, a reflexão ética do filósofo Vaz: somos introduzidos no dom gracioso da fé graças ao testemunho que alguém, também digno de fé, dá da existência de Deus e de seu bem-querer para com a humanidade. A confiança é experiência inaugural de toda abertura humana ao mistério de Deus. Mas também de toda adesão livre aos costumes, valores e modo de vida de uma comunidade ética. Penso que essa confiança originária explica a coragem intelectual do Lima Vaz e a sua capacidade de enfrentar grandes desafios.

A fé cristã é dom gratuito. No entanto, mais cedo ou mais tarde, ela deverá ser acolhida livremente na vida. Eis o momento preciso, o momento da liberdade, em que a fé solicita a inteligência, pois, como não cessou de recordar-nos o Pe Vaz, não há ato livre que não carregue em seu seio um juízo sobre a verdade do bem em jogo nesse ato. O ato de fé, portanto, solicita a inteligência. E, no caso de Vaz, a solicitava, a provocava, a pensar a ação humana e o ser humano como capazes de Deus.

O teólogo desdobra, interpreta, acolhe o conteúdo da fé em seu discurso teológico. O filósofo, como é o caso de Vaz, examina o que é a realidade e o que é homem, para que também algo como a fé tenha se produzido. Nesse sentido, e embora não seja essa a intenção de sua *Antropologia filosófica* (vol. I e II) ou de sua *Ética*

filosófica (Escritos de Filosofia IV e V), o estudo desses dois grandes textos pode preparar o caminho humano de quem um dia, não tendo recebido a fé no seio materno, sinte-se chamado a crer em Deus.

IHU On-Line - Em que aspectos Lima Vaz promoveu uma análise crítica do pensamento marxista?

Álvaro Mendonça Pimentel - Eis uma questão que precisaria de um longo desenvolvimento, porque, como se sabe, desde muito cedo Vaz participou ativamente do debate a respeito do marxismo. O pesquisador que quiser enfrentar tal desafio encontrará farto material, inclusive todas as notas tomadas por Vaz, mostrando que seu juízo crítico a respeito do marxismo encontra-se respaldado pelo estudo da obra de Marx e de eminentes marxólogos. Todo esse material inédito encontra-se no Memorial Padre Vaz, instalado atualmente na FAJE. Aí o historiador da filosofia terá acesso aos cadernos de notas e a dezenas de inéditos do nosso filósofo.

Mas, voltando à questão, eu destaco dois aspectos de grande interesse ainda hoje. Um referente à pastoral eclesial, outro de cunho mais teórico, respectivamente: a) Diante dos diversos marxismos, ou seja, das sistematizações inspiradas no pensamento de Marx, Vaz demonstrou, por um lado, a impossibilidade de um “marxismo cristão” ou de uma “pastoral marxista”, uma vez que o pensamento marxista exclui qualquer referência transcendente. Mas, por outro lado, assim como o jusnaturalismo foi uma condição para a doutrina dos direitos humanos, e esta, por sua vez, não fere, antes é confirmada pela fé cristã; assim também, Vaz percebia na análise marxista elementos que incidem sobre aspectos fundamentais da sociedade industrial moderna, compreendida como “civilização da produção organizada e (teoricamente) ilimitada de bens”. Ora, não é de se estranhar que esse e outros aspectos da análise marxista, com a crítica que eles representam a um modo de civilização potencialmente autodestrutivo, tenham sido assimilados pelo discurso cristão. E, assim, a previsão de Vaz, feita nas décadas

de 1960 e 1970, de que “no século XXI o confronto com o marxismo será uma página virada na longa história do pensamento cristão”, parece hoje realizar-se. b) O aspecto de cunho mais teórico que desejo salientar é, justamente, o da negação de qualquer referência transcendente nas doutrinas marxistas. Vaz viu nesse aspecto uma perversão da compreensão da consciência humana. O fruto de tal perversão é a criação de uma “consciência revolucionária” que, estranhamente, por um lado, deve tecer-se num processo histórico e é, portanto, *resultado* desse processo; mas, por outro lado, é aquela que *compreende* e guia tal processo revolucionário e, portanto, o transcende e o produz! Ela é fruto da imanência, mas arvora-se um conhecimento transcendente, algo como o fim absoluto da história! Em sua *contradição*, ela se torna uma impossibilidade teórica e deriva, finalmente, para a linguagem mitológica. De fato, Vaz denuncia um ato de fé marxista que, teoricamente, não se sustenta.

IHU On-Line - Qual é a influência de Platão, Tomás de Aquino e Hegel em sua síntese filosófica?

Álvaro Mendonça Pimentel - É preciso distinguir um ato filosófico de uma “síntese” filosófica. Ou melhor, explicar o que se entende por síntese. Por exemplo, alguém poderia compreender tal questão como se filosofar significasse simplesmente organizar uma série de contribuições da tradição. E que avaliar uma “síntese filosófica” corresponderia, portanto, a ver se esses elementos se encontram bem organizados em determinado autor e, neste, melhor organizados que em outros. Mas isso significaria identificar a filosofia a um jogo de quebra-cabeça, em que a mesma figura se encontraria mais ou menos completa, mais ou menos fiel ao modelo original.

Não é assim que entendo a obra do Lima Vaz. Sem dúvida, Platão, Santo Tomás e Hegel são autores de grande importância para ele. Se considerarmos, por exemplo, a estrutura dialética de seus grandes cursos de antropologia filosófica e de ética (acima citados), sentimos imediatamente o ambiente hegeliano e platônico do filosofar de

“A filosofia não vale um minuto de aflição se ela não é também sabedoria, ou seja, se a coragem de pensar não traz consigo a força para viver”

nosso autor. No entanto, tal dialética não faz de Vaz um hegeliano, pois seu ponto de partida não é “a força prodigiosa do negativo”, mas sim a superabundância ontológica de Deus, que cria livremente. E aqui o pensamento de Tomás de Aquino é fundamental. Esse é um exemplo de confluência e mútua correção que só um pensador como Vaz, profundo conhecedor da tradição filosófica, seria capaz de realizar. Ele introduz na dialética o dom ontológico e, na ontologia, o dinamismo histórico, transformando, assim, um método e um conteúdo da tradição. Portanto, se é importante conhecer as influências sofridas por um autor como Vaz, é mais importante perceber como essas influências encontram-se por ele transformadas - e não apenas nele reorganizadas! - obedecendo a uma intuição original e pessoal. Muitos outros exemplos como esse, incluindo, aliás, vários outros autores, poderiam ser dados.

IHU On-Line - Qual é a atualidade e importância dessa síntese e em que ela consiste?

Álvaro Mendonça Pimentel - Creio que a principal contribuição do pensamento de Lima Vaz não está numa “síntese” que se mostre atual, mas sim em sua coragem de pensar os problemas atuais à luz da grande tradição filosófica. Platão, Tomás de Aquino e Hegel viveram em mundos que não são mais os nossos. Se quisermos filosofar hoje, não basta conhecê-los bem e elaborar uma síntese. A filosofia nasce da vida, das questões que se colocam na existência humana. E a tradição filosófica, representada aqui por essa tríade de gigantes, nos ensina, não as respostas, mas um modo de vida que permite tra-

tar nossas questões e elaborar nossas respostas.

Veja, por exemplo, o que se diz hoje constantemente sobre a fragmentação do ser humano. Trata-se, é claro, de uma fragmentação de discursos sobre o ser humano, da ausência de uma imagem unificada de nosso ser e, mesmo, de discursos concorrentes e mutuamente excludentes. Somos seres fundamentalmente biológicos, sociais, ou culturais? Vaz propõe então uma antropologia filosófica. Ele não é o único nem o primeiro a fazê-lo no século XX. Mas ele o faz a seu modo, com seu estilo próprio de escritura. E o ser humano que se desenha ao longo do discurso dialético é um excesso de ser que não se esgota no discurso, mas que aí se unifica. Vencendo a tendência contemporânea a dilacerar o sentido presente na linguagem, Vaz convida seu leitor a rememorar os modos de expressão do ser humano e o conduz, nessa rememoração, a percorrer os grandes problemas teóricos e culturais de nosso tempo. O mesmo ocorre nos escritos de ética, quando Vaz decide enfrentar o niilismo contemporâneo. Ou em seus textos metafísicos em que ele pergunta pelos fundamentos últimos do real.

IHU On-Line - Qual é a importância e o maior legado de Lima Vaz dentro da filosofia brasileira?

Álvaro Mendonça Pimentel - A filosofia acadêmica brasileira cresceu de modo admirável nas últimas décadas. Seu principal desenvolvimento concentrou-se no estudo e na recepção da tradição filosófica. Grandes professores de filosofia enveredaram pela trilha da filologia. Com isso, o acesso e a interpretação dos textos da tradição encontra-se hoje facilitado. Comentários detalhados e tecnicamente impecáveis, escritos por professores brasileiros, começam a surgir no mercado editorial especializado.

Nesse contexto, a obra do Lima Vaz (e de alguns outros pensadores contemporâneos) desponta como uma contribuição diferente. Vaz também praticou o comentário detalhado de textos importantes, traduziu grandes autores da tradição e deu atenção a vários debates teóricos ao longo de

sua carreira. O que eu disse acima a respeito do marxismo é um exemplo, talvez o mais marcante; mas haveria outros, como é o caso de seu confronto com Heidegger. No entanto, o que marca a obra de Vaz é a sua reflexão sobre o nosso tempo, as nossas questões, as urgências de nossa cultura. Ele a teceu lentamente ao longo de vários anos. Ele ordenou seus argumentos sempre em largos quadros teóricos, tratando integralmente as questões contempladas, vencendo as tendências parciais e as tentações fáceis dos modismos de autores. Ler Vaz é situar-se nesses horizontes amplos, ganhar os vários ângulos de cada questão por ele tratada e perceber, nas entrelinhas, o que não se diz, o que não se pode talvez mesmo dizer, a intuição que guia um grande autor e que ele apenas nos sugere, para que nós também a encontremos por nós mesmos.

IHU On-Line - O que é o humanismo teocêntrico que Vaz propõe em *Raízes da Modernidade*? Como esse conceito ajuda o sujeito a viver e superar o tempo de incertezas de hoje?

Álvaro Mendonça Pimentel - Falar em “humanismo teocêntrico” pode parecer contraditório. Afinal, humanismo não consistiria numa centrali-

dade do humano? Dever-se-ia, pois, preferir a expressão “humanismo antropocêntrico”? Triste expressão, seja porque encerra um pleonasma (*homo* = *anthropos*), seja porque desconhece as matrizes históricas formadoras do humanismo. Ler Vaz traz-nos, ao contrário, a alegria de beber nas fontes geradoras da ideia de humanismo e que se encontram na cultura grega e seu legado metafísico, na cultura latina com seu legado ético-jurídico e teológico e, finalmente, na cultura bíblico-cristã e sua herança religiosa. O humanismo teocêntrico nada mais é do que esse longo percurso ideal e histórico em que a consciência humana se diferenciou e, portanto, se enriqueceu, situando o ser humano como um movimento de realização, que não se esgota em sua história, tampouco em suas obras, mas abre-se a Deus, simbolicamente representado nas formas da metafísica, realmente conhecido na afirmação de Deus e no ato de fé.

A filosofia não vale um minuto de aflição se ela não é também sabedoria, ou seja, se a coragem de pensar não traz consigo a força para viver. Nesse sentido, contra o desalento de um ser humano que se compreenderia como mero acidente de um universo determinista, ou como ser puramente

biológico e condicionado geneticamente, o humanismo teocêntrico vem defender a dignidade única do humano, sua liberdade e capacidade criativa. Se a realidade última é mero determinismo; não há espaço para a liberdade e a criatividade, para a novidade e a comunhão, para a amizade e o amor. Não há lugar para a diferença, pois tudo se encontra determinado pelas mesmas leis universais e necessárias, tendendo à mera identidade formal. Não há, finalmente, sequer razão suficiente para lutar pela justiça e para dedicar-se à tarefa política.

Mas se, na origem do mundo, encontra-se uma liberdade criadora que chama ao ser outras liberdades, então se pode conceber nossa existência, por sua vez, como prolongamento da criação livre, voltada à construção de um mundo humano. Afirmar Deus e afirmar a humanidade são tarefas teóricas inseparáveis, cujas consequências práticas são enormes, como se pode ver. Ninguém está obrigado a fazer metafísica, mas é preciso ter clareza do que se encontra em jogo quando se adere sem exame crítico a posturas teóricas que supõem sempre uma metafísica qualquer. Eis o que Lima Vaz nos ensina e nos recorda ao propor para nossa época um “humanismo teocêntrico”.

Evento: Tópicos Especiais II: Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III . A exceção jurídica e o governo da vida humana”

Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos

Data: 3/10/2011

Informações em www.ihu.unisinos.br

O Platão de Lima Vaz

Ainda sem o devido reconhecimento no panteão filosófico, a obra do jesuíta brasileiro aponta a similaridade das raízes do niilismo ético e da modernidade, reportando-se ao sistema platônico de maneira peculiar, aponta Marcelo Perine. Meditação sobre o Ser é “o mais grave e sério empenho da vida”, acentuava

POR MÁRCIA JUNGES

“**P**latão e a Grécia estão presentes do início ao fim do itinerário filosófico do Pe. Vaz”, observa Marcelo Perine, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Considerado pelo jesuíta o “gênio tutelar da cidade dos filósofos”, há peculiaridades no platonismo que adotou ao longo de sua trajetória intelectual. Um dos grandes temas sobre os quais se debruçou foi o niilismo ético da modernidade, um dos sintomas que mais o preocuparam nas últimas três décadas de sua produção filosófica. Lima Vaz procurou desvendar o “enigma de uma civilização tão prodigiosamente avançada na sua razão técnica e tão dramaticamente indigente na sua razão ética”, recorda Perine. Assim, “as raízes do niilismo ético seriam as mesmas da modernidade, forjada no cerne das revoluções que abalaram todas as estruturas do mundo ocidental a partir do final do século XVI, dentre as quais se inscreve o cartesianismo como a maior revolução filosófica depois de Platão”. Até o momento, pontua Perine, a obra vazina “não recebeu o lugar que lhe é devido no panteão das grandes filosofias do nosso tempo, particularmente no Brasil”.

Coordenador da Comissão da área de Filosofia e Teologia da Capes, Perine é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, São Paulo, e em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. É mestre e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, na Itália, com a tese *Filosofia e violência. Um estudo sobre o sentido e a intenção da filosofia de Eric Weil* (São Paulo: Edições Loyola, 1987). Fez pós-doutorado na Università Vita Salute San Raffaele, na Itália. De sua produção intelectual, citamos as obras *Um conflito de humanismos* (Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2001), escrito em parceria com Henrique Cláudio de Lima Vaz, *Platão. A República* (São Paulo: Scipione, 2002) e *Quatro lições sobre a ética de Aristóteles* (São Paulo: Edições Loyola, 2006). Leciona na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, no Departamento de Filosofia. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que se pode falar em um “Platão de Lima Vaz”?

Marcelo Perine - A presença de Platão no roteiro da formação das ideias filosóficas do Pe. Lima Vaz é inconteste. O autotestemunho mais antigo a respeito encontra-se na sua *Bio-Bibliografia*, publicada inicialmente em 1976, no volume *Rumos da filosofia atual no Brasil*¹ e republicado, em 1982, no volume *Cristianismo e história*, organizado por Carlos Palácio como homenagem à celebração dos 60

anos de Lima Vaz.² Nesse autotestemunho Lima Vaz afirma que “a meditação do problema do sobrenatural no seu desenrolar histórico”, provocada pela obra do Pe. de Lubac³, lhe descobriu “a posição arquetipal do platonismo

2 Cf. *Bio-Bibliografia*, in: PALACIO, C. (org.), *Cristianismo e história*, São Paulo, Loyola, 1982, p. 415-425.

3 Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

nas estruturas mentais do Ocidente, e da teologia cristã em particular”, de modo que a partir de 1948, ainda como estudante de Teologia em Roma, ele afirma que se entregou “totalmente ao estudo dos ‘Diálogos’” e começou a “dar os primeiros passos incertos no campo sem fim da bibliografia platônica”. Esse primeiro contato com o texto de Platão foi fecundo, pois já no início do seu doutorado em Filosofia na Gregoriana, em 1950, ele afirma que “algumas linhas de uma possível tese já estavam esboçadas e era uma tese sobre Platão”.⁴ Além desse autotestemunho, o minucioso trabalho de

4 *Ibidem*, p. 420. (Nota do entrevistado)

1 Cf. LADUSÁNS, S. (Org.), *Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos*, São Paulo, Loyola, 1976, p. 297-311. (Nota do entrevistado)

Rubens Godoy Sampaio⁵ demonstrou exaustivamente a presença “fundacional” de Platão no método e na estrutura, nos temas e no sistema filosófico de Lima Vaz.⁶ Já no primeiro capítulo, intitulado “Apresentação textual-cronológica dos temas de Lima Vaz”, Rubens Sampaio identifica em dois textos publicados em *Ontologia e história*, a saber, “A dialética das ideias no Sofista” e “Itinerário da ontologia clássica”,⁷ o que ele chama de “o ponto de partida da apresentação da metafísica do existir”.⁸ De maneira mais detalhada, no capítulo quatro, sobre “O método dialético e a rememoração filosófica”, Rubens Sampaio demonstra que “o pensamento filosófico vaziano desdobra-se em sistema graças ao método dialético”, e que “Lima Vaz reinventou os métodos dialéticos platônico e hegeliano”, a ponto de determinar toda estrutura do seu sistema filosófico.⁹

IHU On-Line - Quais são as peculiaridades de seu platonismo? E como esse platonismo se expressa em sua filosofia?

Marcelo Perine - Quando interrogado por Marcos Nobre e José Marcio Rego, em *Conversas com filósofos brasileiros*, sobre os conceitos mais representativos da sua posição filosófica, como eles surgiram e como os via então, Lima Vaz afirmou que se ligava a uma tradição para a qual a filosofia eleva-se sobre o transitório em busca de *princípios* que são também *fundamentos*. Os conceitos fundacionais que o acompanharam ao longo de sua evolução são o de “ato de existir”, recebido de Tomás de Aquino, que é a pedra angular da metafísica. Da antropologia filosófica, o conceito fundamental é o de

5 Confira a entrevista com Rubens Godoy Sampaio nesta edição, intitulada *Um sistema em resposta ao nihilismo ético*. (Nota da IHU On-Line)

6 Cf. SAMPAIO, R. G., *Metafísica e modernidade*. Método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz, São Paulo, Loyola, 2006. (Nota do entrevistado)

7 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Ontologia e história*, São Paulo, Duas Cidades, 1968. A reedição desta obra, por Edições Loyola em 2001, reproduz a primeira sem alterações. (Nota do entrevistado)

8 Cf. SAMPAIO, R. G., *op. cit.*, p. 45. A exposição dos capítulos citados encontra-se nas p. 45-56. (Nota do entrevistado)

9 *Ibidem*, p. 225, 226. A exposição completa do método está nas p. 225-280. (Nota do entrevistado)

eu como *expressividade*. A metafísica e a antropologia filosófica abriram-lhe o caminho para a ética, cujo conceito fundamental é o de *bem*, recebido de Platão e Aristóteles. E concluiu a sua resposta com uma afirmação que, a meu ver, revela a peculiaridade do seu platonismo e o modo como ele se expressa em sua filosofia: “Penso que os conceitos que chamo ‘fundacionais’, presentes já desde o início no núcleo básico das ideias filosóficas nas quais fui formado, foram sendo explicitados e adquirindo uma estrutura formal mais definida ao longo do meu magistério e do trabalho de preparação dos meus cursos. Aqui está realmente o roteiro da formação das minhas ideias filosóficas fundamentais”.¹⁰

IHU On-Line - Em que medida Platão e a Grécia se constituíram em elementos importantes para a compreensão filosófica vaziana?

Marcelo Perine - Num texto originalmente escrito como conferência de encerramento da II Semana Filosófica da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, ocorrida de 2 a 6 de agosto de 1993, sob a epígrafe temática “Cultura e Filosofia”, publicado na revista *Síntese*¹¹, e retomado como primeiro capítulo dos *Escritos de filosofia III*, cujo subtítulo é, justamente, Filosofia e Cultura, Lima Vaz escreve algo que, a meu ver, responde a esta questão. Ele diz: “Platão e Hegel situam-se no começo e no fim da aventura da filosofia ocidental, entendida como o projeto talvez desmesurado, fruto da audácia de alguns efêmeros mortais, de recriar o mundo das coisas e o mundo dos homens à luz de um *logos* que julga, demonstra e unifica. Fazer-se o servidor e o seguidor desse *logos*, assim como Platão o propõe no *Fédon*, representa o risco da existência filosófica marcada [...] por essa *atopia* que a torna estranha ao torvelinho dos afazeres mundanos. Mas é justamente sobre esse torvelinho que o filósofo se debruça na intenção de reordená-lo segundo os cânones desse *logos* que

10 Cf. NOBRE, M.; REGO, J. M., *Conversas com filósofos brasileiros*, São Paulo, Editora 34, p. 37. (Nota do entrevistado)

11 “Filosofia e cultura na tradição ocidental”, *Síntese* 63 (1993) 533-578. (Nota do entrevistado)

ele se propôs seguir. Platão e Hegel representam, justamente, dois modelos dessa reordenação e, igualmente, duas possibilidades arquetípicas de interpretação da cultura segundo a matriz do *logos* filosófico”.¹²

Na resposta anterior já citei a palavra de Lima Vaz referindo-se à presença de Platão e de Aristóteles, dos quais herdou o conceito fundamental da ética, que é o conceito de bem. Além disso, como demonstrou Rubens Sampaio, “a exposição da dialética platônica como ontologia e como método, recuperada e enriquecida por Hegel, faz-se presente na obra de Lima Vaz”.¹³ A prova disso encontra-se num dos últimos textos de Lima Vaz, “Método e dialética”, escrito para o Terceiro Colóquio Filosófico da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, em outubro de 2000 e publicado em 2002 no volume *Filosofia e método*, que reúne as comunicações do evento.¹⁴ Nesse texto, que é quase um testamento filosófico, Lima Vaz reflete novamente sobre a presença da dialética na história do pensamento ocidental e conclui exemplificando o uso da dialética na elaboração da sua *Antropologia filosófica* e no segundo volume da sua *Introdução à ética filosófica*.¹⁵ Segundo Lima Vaz, esses dois textos podem ser considerados, respectivamente, como uma ontologia da pessoa humana e uma ontologia do agir humano, porque pretendem ser uma reflexão e um discurso sobre o ser humano e o seu agir do ponto de vista da sua inteligibilidade radical. Como se vê, por mais este autotestemunho, Platão e a Grécia estão presentes do início ao fim do itinerário filosófico de Lima Vaz.

12 perspectiva história, *Escritos de filosofia III*. Ética e cultura, São Paulo, Loyola, 1997, 4-80, aqui 16. As pequenas citações deste texto serão indicadas no corpo do trabalho com a sigla EF III, seguida do número da página. (Nota do entrevistado)

13 Cf. SAMPAIO, R. G., *op. cit.*, p. 244. (Nota do entrevistado)

14 Cf. BRITO, E. F. de; CHANG, L. H. (org.), *Filosofia e método*, São Paulo, Loyola, 2002, p. 9-17. (Nota do entrevistado)

15 Note-se que o primeiro volume da *Antropologia filosófica* foi publicado em 1991, o segundo volume em 1999; o primeiro volume da *Introdução à ética filosófica* é de 1999 e o segundo volume é de 2000. Portanto, os últimos 10 anos da produção filosófica do Pe. Vaz nos oferecem os frutos maduros de uma convivência com Platão iniciada nos anos 1950. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - Que características fundamentais apontaria em seu pensamento?

Marcelo Perine - Na resposta à segunda pergunta já lembrei que Lima Vaz afirmava que se ligava a uma tradição para a qual a filosofia se eleva, como por um movimento inato à sua natureza, sobre o transitório e o *événementiel*, e vai em busca de *principios*, que são também *fundamentos*. Num de seus últimos textos dedicados a Platão, escrito em 1993 para a aula inaugural do Curso de Doutorado em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, com o sugestivo título “Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas”, republicado recentemente no volume de *Escritos de filosofia VIII. Platonica*, Lima Vaz serve-se da ocasião para fazer um inventário do patrimônio que Platão legou à nossa tradição de filosofia. Logo no início do texto ele afirma: “a história de quase dois milênios e meio da *pragmateia* filosófica no Ocidente, a começar pelos discípulos imediatos de Platão e pelo maior deles, Aristóteles, nos mostra que o gesto inaugural de toda decisão autêntica de filosofar dentro da nossa tradição é um encontro ou um reencontro com Platão. Platão é o gênio tutelar da cidade dos filósofos, e seu pensamento é o pórtico por onde se entra nessa cidade que cresceu até tornar-se a *megalopolis* de ideias e sistemas por onde hoje andamos e muitas vezes nos perdemos”.¹⁶ Na conclusão deste texto, Lima Vaz afirma que a atual “desplatonização” da filosofia, iniciada com Feuerbach, traduz-se hoje como “desconstrução” do edifício metafísico erguido por Platão na primeira metade do século IV a.C. Mas, continua Lima Vaz, “desconstruir esse edifício é também não deixar pedra sobre pedra na morada oferecida pela ordem das razões normativas do agir que o homem ocidental habitou durante tantos séculos e que denominamos Ética. O que resta depois dessa ‘desconstrução’ é o niilismo ou os escombros do sentido, que jazem sob os pés do homem errante do nosso tem-

16 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Platonica*. Escritos de filosofia VIII, São Paulo, Loyola, 2011, p. 103.

“Platão e Hegel
situam-se no começo e
no fim da aventura da
filosofia ocidental,
entendida como o
projeto talvez
desmesurado, fruto da
audácia de alguns
efêmeros mortais, de
recriar o mundo das
coisas e o mundo dos
homens à luz de um
logos que julga,
demonstra e unifica”

Lima Vaz

po. Para mim, em todo caso, filosofar não é ‘desconstruir’ mas, como queria Hegel, ‘rememorar’, vem a ser, retomar no esforço presente do conceito a longa história do ser tal como foi inaugurada exatamente pela audácia do filosofar platônico; e reiterar igualmente a experiência que Platão nos mostra vivida exemplarmente por Sócrates¹⁷ e que se tornou o modelo proposto aos alunos da primeira escola de filosofia que a nossa tradição conheceu: a de que a meditação sobre o Ser não é um inocente prazer da inteligência: é o mais grave e sério empenho da vida, é a passagem incessante do ser ao dever-ser (*on-deon*, Fed. 97 C, 99 C), do Ser ao Bem, da Metafísica à Ética”.¹⁸ Portanto, a *noesis* em busca dos prin-

17 Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia e Críton*). (Nota da IHU On-Line)

18 *Ibidem*, p. 128 s. (Nota do entrevistado)

cípios e dos fundamentos, junto com a *rememoração* do esforço do conceito são, a meu ver, as características centrais do seu pensamento.

IHU On-Line - Qual é a atualidade e originalidade da análise de Lima Vaz sobre a modernidade?

Marcelo Perine - A meu ver, Lima Vaz nunca fez uma análise *ex professo* da modernidade, mas preocupou-se principalmente com alguns sintomas do que se poderia chamar de “crise da modernidade”. Talvez o sintoma que mais o preocupou foi o niilismo ético, anunciado de maneira tão impressionante por Nietzsche na aurora do século XX, com o qual a reflexão de Henrique Vaz se defrontou longa e silenciosamente nas últimas três décadas da sua vida filosófica. Como procurei mostrar num artigo publicado na Revista Síntese¹⁹, o niilismo ético pode ser tomado como a chave de compreensão para o que Henrique Vaz chamou de “enigma da modernidade”, que, segundo ele, se traduz no “trágico paradoxo de uma civilização sem ética ou de uma cultura que no seu impetuoso e, aparentemente, irresistível avanço para a universalização, não se fez acompanhar pela formação de um *ethos* igualmente universal, que fosse a expressão simbólica das suas razões de ser e do seu sentido”²⁰, ou ainda, de maneira mais sintética, o “enigma de uma civilização tão prodigiosamente avançada na sua razão técnica e tão dramaticamente indigente na sua razão ética”.²¹ As raízes desse niilismo ético deveriam ser buscadas numa tríplice ruptura apontada por Henrique Vaz: uma ruptura com a estrutura axiológica e normativa do *ethos*, que organiza teleologicamente as estruturas objetivas da socialidade; uma ruptura com a tradição pela primazia do futuro na concepção do tempo na modernidade, que levou ao predomínio do fazer técnico na concepção da

19 Cf. PERINE, M., Ética e sociedade. Razão teórica versus razão técnica, *Síntese. Revista de Filosofia*, v. 29, n. 93, p. 49-68, jan/abr 2002. (Nota do entrevistado)

20 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, Ética e Civilização. *Síntese Nova Fase*, v. 17, n. 49, p. 5-14, abr/jun 1990, aqui p. 10. (Nota do entrevistado)

21 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, Ética e Comunidade. *Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 52, p. 5-11, jan/mar 1991, aqui p. 11. (Nota do entrevistado)

ação humana, e, finalmente, uma ruptura com o fundamento transcendente das normas e dos fins da ação humana pela imanentização do *sentido* e do fundamento do *valor* na razão finita e na liberdade situada. Portanto, as raízes do niilismo ético seriam as mesmas da modernidade, forjada no cerne das revoluções que abalaram todas as estruturas do mundo ocidental a partir do final do século XVI, dentre as quais se inscreve o cartesianismo como a maior revolução filosófica depois de Platão. De fato, afirma Lima Vaz, “é na revolução operada por Descartes na estrutura do pensamento clássico que devem ser buscadas as origens de uma nova ideia da Ética e de uma nova figura da consciência moral”.²²

IHU On-Line - Qual é a importância de Deus e da espiritualidade nessa compreensão do nosso tempo realizada por Lima Vaz?

Marcelo Perine - Se a pergunta diz respeito a como isso se verifica na obra de Lima Vaz, remeto-me aqui, mais uma vez, à entrevista concedida a Marcos Nobre e José Marcio Rego, em *Conversas com filósofos brasileiros*. Interrogado sobre como ele, como sacerdote, descreveria a sua vivência do conflito ético e, em seguida, sobre como caracterizaria a sua relação com a religião e a fé, Lima Vaz afirmou que mesmo a crise ética que caracteriza o nosso tempo não se apresentara para ele sob a forma de um questionamento da sua opção de vida como sacerdote católico, e que ele se situa na linha da criação ética de Jesus, e do seu Evangelho, que tinham para ele valor permanente, não só em virtude da sua origem divina reconhecida pela fé, mas também em virtude da sua eficácia histórica. Rigorosamente falando, a questão não deveria ser de relação com a religião e a fé, pois elas não se apresentavam como algo extrínseco com o qual se relacionar, mas como vida e alimento. Quanto à compatibilidade das suas convicções religiosas

²² Cf. LIMA VAZ, H. C. de. Crise e verdade da consciência moral. *Síntese Nova Fase*, v. 25, n. 83, p. 461-476, out/dez 1998, p. 466. Sobre as origens cartesianas da ética moderna, cf. “A sabedoria cartesiana” em: LIMA VAZ, H. C. de, *Escritos de Filosofia IV*. Introdução à ética filosófica I. São Paulo: Loyola, 1999, p. 267-291. (Nota do entrevistado)

“Talvez o sintoma que mais o preocupou foi o niilismo ético, anunciado de maneira tão impressionante por Nietzsche na aurora do século XX”

com a profissão de filósofo, ele nunca experimentou grandes conflitos, dado que sempre se guiou pela diretriz de Santo Agostinho: “crê para entenderes e entende para creres”. Cito as palavras de Lima Vaz: “Essa dialética agostiniana entre fé e razão assegurou para mim um convívio fecunda entre a fé que professava e a razão que praticava. Meu trabalho filosófico mantém-se rigorosamente dentro das exigências metódicas e doutrinárias da razão e todas as vezes em que atinge as fronteiras onde a razão se encontra com a fé essa linha divisória é explicitamente traçada”.²³

IHU On-Line - Como avalia a recepção da filosofia vaziana?

Marcelo Perine - A meu ver, a obra de Lima Vaz ainda não recebeu o lugar que lhe é devido no panteão das grandes filosofias do nosso tempo, particularmente no Brasil. Entretanto, cresce continuamente o número de estudos monográficos dedicados a ela. Já citei no início desta entrevista a obra de Rubens Godoy Sampaio, que é fruto de uma tese de doutorado por mim orientada, mas é preciso citar também a sua dissertação de mestrado, que foi orientada pelo Pe. Marcelo de Aquino.²⁴ Também orientei recentemente uma tese de doutorado de Maria Celeste de Sousa, defendida em 2009 na PUC-SP, com o título “Comunidade ética: reconhecimento, consenso e sociedade em Henrique Claudio de Lima Vaz”, e estou orientando outra tese de doutorado na

²³ Cf. *Conversas com filósofos brasileiros*, op. cit., p. 40 s. (Nota do entrevistado)

²⁴ Cf. Sampaio, R. G., *O ser e os outros*: Um estudo de teoria da intersubjetividade. São Paulo: Unimarco, 2001. (Nota do entrevistado)

PUC-SP, de Juliano de Almeida Oliveira sobre “Crise, niilismo e sentido: uma leitura hermenêutica e prospectiva a partir de H. C. de Lima Vaz”, e participei recentemente de uma banca de dissertação de mestrado na FAJE, de Emidio de Faria Junior, sobre “As condições de possibilidade da metafísica segundo Pe. Vaz”. Na FAJE há um grupo de estudos vazianos e que, por iniciativa deste grupo, tem-se organizado anualmente os Colóquios Vazianos de Belo Horizonte, abertos a todos os interessados e estudiosos da obra de Lima Vaz. Como se vê, aos poucos multiplicam-se os estudos monográficos e amplia-se o número de pessoas interessadas em conhecer e dar a conhecer a obra filosófica de Lima Vaz. Como suporte a esses estudos, além da obra já publicada, o Memorial Padre Vaz, constituído na Biblioteca da FAJE, tem planos de publicar parte do seu acervo ali conservado. Nesta linha, insere-se o já citado volume VIII dos *Escritos de filosofia*, reunindo textos de Lima Vaz sobre Platão e filosofia grega, e no próximo ano será publicada por Edições Loyola a tese de doutoramento de Lima Vaz, defendida na Gregoriana em 1953, sobre “Contemplação e dialética nos diálogos platônicos”, traduzida do latim pelo Prof. Dr. Juvenal Savian.

IHU On-Line - Como a sua trajetória enquanto filósofo foi marcada pela convivência com Lima Vaz? Quais são as principais recordações que guarda dele?

Marcelo Perine - Nunca fui aluno de Lima Vaz, e este é um fato que, sinceramente, posso lamentar. Entretanto, durante os quatro anos em que estudei Teologia na PUC do Rio de Janeiro, ele foi meu superior religioso, e este período foi decisivo em minha formação pessoal e intelectual, pois logo depois de terminar os estudos de teologia, fui destinado, como jesuíta, a fazer estudos especiais de filosofia na Gregoriana, em Roma. Naquele momento a presença de Lima Vaz foi determinante na escolha do meu objeto de tese. Na realidade, foi ele quem me sugeriu fazer o doutorado sobre a obra de Eric Weil e, diante das primeiras dificuldades sentidas no enfrentamento de

uma das obras filosóficas mais importantes do século XX, a opinião dele foi decisiva para mim. Quando regresssei ao Brasil, em 1986, comecei a lecionar na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, justamente a disciplina de História da Filosofia Antiga, que era de Lima Vaz e, depois de algum tempo, também da disciplina de Ética, que era ministrada por ele. Foram anos de uma fecunda convivência e de muito aprendizado para mim. Eu sabia que podia recorrer a ele a qualquer momento e diante de qualquer dificuldade. Nesse período assumi a direção da Coleção Filosofia e da Revista Síntese, que também eram dirigidas por ele, e pude aliviar um pouco a carga de trabalho que pesava sobre ele, de modo a possibilitá-lo ter uma intensa produção, que se concretizaram nos dois volumes da sua *Antropologia filosófica* e da sua *Introdução à ética filosófica*. Também em 1994, no momento em que eu estava decidindo deixar a Companhia de Jesus, a presença serena de Lima Vaz foi muito importante para mim e devo confessar que a sua ajuda no meu processo de discernimento e decisão foi decisivo. Mesmo depois de ter deixado Belo Horizonte e me estabelecido em São Paulo, mantive sempre um contato muito fraterno e fecundo com ele, até o final de sua vida. Conservo até hoje algumas poucas cartas que ele me escreveu nesses últimos anos de vida. A maior recordação que tenho dele é a de um homem magnânimo, isto é, de alma grande, imensa, capaz de acolher a todos com generosidade extrema e muita bondade.

Unidade

Sobre Lima Vaz como intelectual, quero recordar aqui o mesmo parágrafo final de um pequeno texto que apresentei num colóquio realizado na PUC-Rio, poucos meses depois do seu falecimento, e que foi publicado num volume que organizei em sua homenagem, e com o qual também encerrei uma entrevista publicada no n. 197 da revista IHU On-Line em 25 de setembro de 2006²⁵. O texto a que me refiro se intitula “Pe. Vaz: a plenitude de uma

²⁵ Confira a entrevista *Pe. Vaz e o diálogo com a modernidade*, disponível em <http://bit.ly/rckclg>. (Nota da IHU On-Line)

“A maior recordação que tenho dele é a de um homem magnânimo, isto é, de alma grande, imensa, capaz de acolher a todos com generosidade extrema e muita bondade”

vida filosófica”, e se conclui assim: “A meu ver, a explicação para a admirável unidade entre a vida e a obra de Lima Vaz está em que nele a *razão* e o *coração* estiveram irmanados, reconciliados, na serena busca da verdade, que desde a origem foi a estrela polar da filosofia. Eis porque quanto mais ele se aproximou das suas vésperas, tanto mais a vida filosófica de Lima Vaz revelou aquilo mesmo que a fez matinar. Foi por isso que, no encerramento da Semana Filosófica em homenagem aos seus 70 anos, concluí minha saudação com um adágio italiano que, a meu ver, se aplicava perfeitamente à vida e à obra filosófica de Lima Vaz. Com aquelas palavras, então, ditas no tempo presente, hoje, saudosamente no irreversível pretérito, concluo também esta homenagem: Padre Vaz *era come il vino, invecchiando diventa fino*”.²⁶

IHU On-Line - A filosofia de Lima Vaz pode ser considerada uma resposta ao relativismo e ao declínio da razão ética de nosso tempo? Por quê?

Marcelo Perine - Volto, mais uma vez, para concluir, à entrevista do Lima Vaz em *Conversas com filósofos brasileiros*, na qual afirma que na raiz do relativismo universal e do hedonismo está o fenômeno de um desequilíbrio ou descompasso entre o que chamamos a produção material da sociedade e seu universo simbólico. O crescimento vertiginoso da tecnociência e da produção de objetos levam a que a categoria do útil se erija como categoria primeira e

²⁶ Cf. PERINE, M. *Diálogos com a cultura contemporânea*, São Paulo, Loyola, 2003, p. 164. (Nota do entrevistado)

quase exclusiva da prática social. Ora, afirma Lima Vaz, “o útil não pode, por definição, sendo condicionado pelo objeto por ele visado, desejado ou possuído, presidir o universo simbólico do ser humano onde estão presentes fins, normas e valores irreduzíveis ao critério da simples utilidade”.²⁷ Diante dessa situação que caracteriza o nosso tempo, a reflexão filosófica de Lima Vaz tem algo a apresentar. Trata-se justamente da tarefa da filosofia, que ele realizou em sua obra. A tarefa da filosofia foi formulada de diferentes maneiras nos escritos de Lima Vaz, de maneira cada vez mais clara nos últimos dez anos, particularmente a partir da *lectio magistralis* sobre “Morte e vida da filosofia”²⁸, pronunciada no encerramento da Semana Filosófica em homenagem aos seus 70 anos. Precisariamos reler aquela memorável conferência, na qual expõe as grandes linhas da sua autobiografia intelectual, para nos darmos conta da clarividência com que é formulada a tarefa da filosofia, magistralmente realizada na sua vida filosófica.

Baste aqui uma única citação para resumir o seu pensamento a respeito: “Para mim, o exercício do ato de filosofia é sempre uma ‘memoração’ (uma *Erinnerung*, como diria Hegel), e uma ‘atenção’ que podemos chamar conceptualizante, ou seja, pensada, refletida e discursivamente explicada, à realidade. Duas dimensões que nascem da mesma origem do ato de filosofar - ou da decisão de filosofar, da qual fala Hegel - e que definem o espaço espiritual onde a Filosofia tem a sua morada e onde vive. Filosofia é *anamnesis* - recordação - e é *nóesis* - pensamento. Na verdade, toda cultura é *anamnésica*, pois nem os indivíduos nem as sociedades podem viver sem continuamente recuperar sua vida vivida - seu passado - para nele perscrutar as razões da sua vida presente. Mas a Filosofia assume como tarefa *pensar* tematicamente seu próprio passado - unir *anamnesis* e *nóesis* - e, nessa rememoração pensante, reinventar

²⁷ Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Conversas com filósofos brasileiros*, op. cit., p. 37. (Nota do entrevistado)

²⁸ Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Morte e vida da filosofia, Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 55, p. 677-691, out/dez 1991. (Nota do entrevistado)

os problemas que lhe deram origem e, assim, cumprir o destino que, ainda segundo Hegel, está inscrito na sua própria essência: captar o tempo no conceito - o tempo que foi e o tempo que flui no *agora* do filosofar”.²⁹

Experiência original e fundante

Essa tarefa teórico-prática é traçada para a filosofia em artigo de 1998 intitulado “Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI”³⁰. Após afirmar que a formação histórica da chamada modernidade estaria provavelmente chegando ao seu fim, ao qual seguir-se-ia “a passagem da modernidade como *programa* de civilização para a modernidade como *forma* definitiva de uma civilização”, isto é, “a forma do *existir* sob a norma da *tecnociência*, regendo todos os campos da nossa atividade”³¹, Lima Vaz esboça um lugar possível para Tomás de Aquino no horizonte filosófico onde se destacam três elevações: história, metafísica e ética. O prognóstico de um novo surto do pensamento metafísico, que traduz a secreta esperança do filósofo, é formulado em face do dilema não apenas *teórico*, mas eminentemente *prático* “que se arma em torno da maneira de viver e interpretar a relação do ser humano com o domínio da realidade *objetiva*, dita *relação de objetividade*, e que estrutura o seu *estar no mundo*. Na relação de *objetividade* que prevalece na nossa cultura a realidade do mundo

29 Id., *ibid.*, p. 684 s. (Nota do entrevistado)

30 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Síntese nova fase*, v. 25, n. 80, p. 18-42, jan/mar 1998. (Nota do entrevistado)

31 Id. *ibid.*, p. 32. (Nota do entrevistado)

“Na raiz do relativismo universal e do hedonismo está o fenômeno de um desequilíbrio ou descompasso entre o que chamamos a produção material da sociedade e seu universo simbólico”

passa a oscilar cada vez mais entre a *objetividade produzida* pela atividade técnica e materializada nos *objetos* da produção técnico-industrial de um lado e, de outro, a *objetividade dada* ao ser humano na sua experiência original e fundante - experiência metafísica por definição - da transcendência do Ser sobre a finitude dos *seres*. Ora, essa experiência propriamente metafísica implica, em última análise, em virtude do dinamismo da *afirmação*, a posição de um Absoluto na ordem da existência”.³²

A mesma tarefa já tinha se esboçado como exigência de retomar a vocação pedagógica que inspira a filosofia desde a sua origem. A reflexão sobre “Ética e justiça”³³ no início do segundo lustro dos anos 1990 converge para a afirmação de que o caminho para superar os impasses em que nos

32 Id. *ibid.*, p. 41. (Nota do entrevistado)

33 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Ética e justiça: Filosofia do agir humano. Síntese Nova Fase*, v. 23, n. 75, p. 437-454, out/dez 1996. (Nota do entrevistado)

encontramos estaria, talvez, na retomada da primeira revolução antropológica da nossa tradição, iniciada pela descoberta socrática da *psyché* como dimensão da interioridade humana portadora do *logos*, capaz de abrir-se à universalidade do Bem para se tornar sede da virtude e princípio interior da vida na justiça. Aquela revolução antropológica, imortalizada por Platão no *Fédon*, considerado também por Lima Vaz como “a carta magna do pensamento ocidental”³⁴, dirige a nossa atenção para a tarefa primordial da educação ética como educação para a liberdade, formulada no *Fédon* em termos de imortalidade. Segundo Lima Vaz, o “mundo ético não é uma dádiva da natureza. É uma dura conquista da civilização. Como também tem sido uma conquista longa e difícil o estabelecimento e a vigência do Estado democrático de Direito. Trata-se de conquistas permanentes, sempre recomeçadas e sempre ameaçadas pela queda no amoralismo, no despotismo e na anomia. E é, sem dúvida, no campo da *educação* que se travam, a cada geração, as batalhas decisivas dessa luta. É aí, afinal, que as sociedades são chamadas a optar em face da alternativa onde se joga o seu destino: ou a de serem sociedades da liberdade que floresce em paz ao sol do Bem e da Justiça [...], ou a de enveredarem pelos obscuros caminhos da horda sem lei”.³⁵

34 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Morte e vida da filosofia*, p. 689. (Nota do entrevistado)

35 Cf. LIMA VAZ, H. C. de, *Ética e justiça*, p. 451. (Nota do entrevistado)

Leia a Entrevista do Dia em
www.ihu.unisinos.br

A dimensão comunitária de Lima Vaz, Taylor e MacIntyre

Elton Vitoriano Ribeiro pesquisou a filosofia dos três pensadores, considerados comunitaristas e de viés intersubjetivo, e constata que a existência ética é exercício árduo a ser conquistado a cada dia pela humanidade

POR MÁRCIA JUNGES

Um sistema majestoso como uma catedral. Assim é o pensamento de Lima Vaz, na opinião do filósofo Elton Vitoriano Ribeiro, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. “Catedral que, numa exposição de grande rigor e beleza formal, à maneira de uma catedral gótica feita de conceitos, armada em articulações simétricas e elegantes, expõe a existência naquilo que ela possui de mais essencial. E se, como vivemos os cristãos, entramos numa catedral para louvar a Deus e saímos para servir aos irmãos, mutatis mutandis, entramos no pensamento de Lima Vaz para contemplar o Absoluto e a existência e saímos para assumir responsavelmente nossa existência com os outros, no mundo”. Para o filósofo, “o pensamento ético de Lima Vaz quer ser um instrumento conceitual que nos permita pensar nossa existência ética com os outros no mundo”. Mas esse mundo ético não será uma conquista fácil da civilização, pelo contrário: trata-se de “uma conquista permanente, sempre recomeçada e sempre ameaçada pela queda”. Em sua tese de doutorado, Ribeiro examina as aproximações entre as filosofias de Charles Taylor, Alasdair MacIntyre e Lima Vaz, todos preocupados com a dimensão comunitária, intersubjetiva “da questão ética na sociedade contemporânea”.

Graduado em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, de Belo Horizonte, é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio com a dissertação *A questão da intersubjetividade no pensamento ético filosófico de H. C. Lima Vaz*. Na Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, cursou doutorado em Filosofia, com a tese *Entre Charles Taylor e Alasdair MacIntyre: Reconhecimento ético e virtudes na filosofia de Henrique C. de Lima Vaz* (Roma: PUG, 2010). É professor na FAJE. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como analisa a importância da obra vaziana no contexto filosófico brasileiro e mundial?

Elton Vitoriano Ribeiro - Para mim, a obra vaziana é um campo ainda a ser explorado. Apesar de vários intelectuais estudarem o pensamento de Lima Vaz, eu penso que ainda falta uma maior e mais abrangente atenção aos problemas apontados por ele e suas pistas de elucidação destes problemas, bem como uma maior aproximação de sua obra a obra de outros filósofos contemporâneos. Apenas com uma pesquisa mais aprofundada e contínua poderemos perceber o valor de Lima Vaz como um mestre que construiu um pensamento de inestimável valor filosófico.

IHU On-Line - O que é a questão da intersubjetividade no pensamento de Lima Vaz?

Elton Vitoriano Ribeiro - Lima Vaz sempre teve uma preocupação de pensar filosoficamente uma ontologia da pessoa humana, ou seja, uma antropologia filosófica. Ora, uma antropologia que se quer filosófica deve refletir e discorrer sobre o ser humano do ponto de vista de sua inteligibilidade radical, isto é, da inteligibilidade que fundamenta a sua afirmação como ser. Assim, para Lima Vaz, todo o trabalho da antropologia filosófica é pensar a oposição fundamental finito/infinito. Quero dizer, pensar a oposição onde o ser em nós, sendo por essência finito, está implicado numa presença do infinito que se manifesta em diferentes for-

mas. Para isso ele pensa um caminho dialético por onde se desenvolve essa questão antropológica que deverá percorrer os momentos estruturais e relacionais através dos quais o *Eu sou* se constitui na sucessão dialeticamente articulada das formas das expressões que manifestam seu ser subsistente finito (pessoa) como incondicionalmente aberto ao ser infinito. Esse caminho dialético percorrido pelo pensamento de Lima Vaz, ao construir a arquitetura da antropológica filosófica, é a organização conceitual da experiência fundamental do homem-sujeito como sujeito, e terá como primeiro momento a tematização da subjetividade, o homem dizendo-se a si mesmo enquanto estrutura, e que ele compreende como sendo composto pela estrutura

somática (categoria de corpo), estrutura psíquica (categoria de psiquismo) e estrutura noético-pneumática (categoria de espírito).

Após o momento estrutural do ser do homem, Lima Vaz coloca a questão de como nesse dizer-se a si mesmo, o homem diz igualmente o mundo, o Outro e o Absoluto, seja nas dimensões objetivas das coisas, seja nas dimensões intersubjetivas dos sujeitos. Desta forma, mundo, história e Absoluto são os termos das relações constitutivas da abertura do homem à realidade na qual o corpo, o psiquismo e o espírito são, respectivamente, as condições de possibilidade da presença humana à realidade.

Percorrendo este caminho dialético elucidado por Lima Vaz, após passarmos pelas categorias de estrutura, o discurso filosófico avança para o momento das categorias de relação. Num primeiro momento temos a relação de objetividade que se refere ao ser humano ao mundo. Depois, o passo dado será o de apresentar a categoria de intersubjetividade, categoria que constitui o ponto principal desta pergunta. Lima Vaz busca elaborar a categoria de intersubjetividade tentando superar a absolutização da práxis. Absolutização que, baseada apenas na razão instrumental, se traduz em critérios do útil, do eficaz, do produtivo, do consumo; bem como, na tentativa de superação do solipsismo. Para esta grandiosa tarefa, ele encontra elementos fundacionais na filosofia hegeliana do espírito e na dialética do reconhecimento. Por outro lado, Lima Vaz fundamenta a sua reflexão no campo semântico da categoria de transcendência. Para tal tarefa, será preciso colocar-se numa posição que esteja livre do conjunto epistemológico que a tecnociência lança sobre o universo intersubjetivo. Depois, tentar alcançar uma saída mediadora entre as posições extremas da heterologia e da egologia. Assim, a tarefa será então buscar uma solução diversa, uma via média que supere a precariedade do reconhecimento próprio da nossa sociedade individualista de consumo. Inicialmente, ao expor a categoria de intersubjetividade, o nosso autor apresenta o paradoxo do relacionamento dialético entre duas infini-

“Assim, para Lima Vaz, todo o trabalho da antropologia filosófica é pensar a oposição fundamental finito/infinito”

tudes intencionais. O próprio Hegel já recorrera ao conceito de infinitude no momento em que a autoconsciência, após a duplicação com a outra de si mesma, passa a lutar pelo seu pleno e efetivo reconhecimento. Para Lima Vaz, a dialética da infinitude acontece no plano intencional e se manifesta primeiramente na linguagem. Assim, a linguagem será compreendida como uma estrutura significativa que se diferencia em múltiplas formas, desde a postura corporal e o gesto até a articulação do discurso. Ora, mesmo o aparecimento do outro no horizonte da intencionalidade do *eu* tem lugar no *medium* da linguagem, sendo a linguagem definida como *medium* da interlocução ou como terreno no qual se desdobra a relação recíproca entre os sujeitos. Relação de reciprocidade essa que será o lugar origem da relação dual *eu/tu* e da relação plural do *nós*. Portanto, a infinitude intencional e a reciprocidade fazem parte do núcleo semântico do conceito de intersubjetividade proposta por Lima Vaz.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre o reconhecimento ético e as virtudes na filosofia desse pensador?
Elton Vitoriano Ribeiro - Uma definição da perspectiva de Lima Vaz é aquela com a qual ele mesmo interpretou seu trabalho: “reencontrar a tradição na contemporaneidade”. Esta autocompreensão ele a expressou dizendo que, para ele, tradição e contemporaneidade entrelaçam-se indissolúvelmente no ato de pensar filosoficamente, meditando, investigando, ensinando e aprendendo. Ora, no discurso ético de Lima Vaz, essa relação entre tradição e contemporaneidade pode ser lida a partir de dois filósofos, Aristóteles e Hegel. Com He-

gel, Lima Vaz pensa a dinâmica da luta pelo reconhecimento como princípio do discurso sobre a intersubjetividade ética. Com Aristóteles ele interpreta a vida ética como uma vida na virtude. Com este pano de fundo, eu penso que em Lima Vaz existe uma circularidade dialética entre reconhecimento ético e virtudes. Minha interpretação é a de que é possível compreender a ação ética do indivíduo com relação ao outro como ação virtuosa, na medida em que, buscando o reconhecimento recíproco, cada indivíduo possui como horizonte uma vida virtuosa em uma sociedade organizada racionalmente.

IHU On-Line - Qual é o nexos que aproxima essas ideias às de Charles Taylor e Alasdair MacIntyre?

Elton Vitoriano Ribeiro - Em minhas pesquisas eu investiguei o universo simbólico da sociedade contemporânea e a dinâmica da intersubjetividade ética. Meu estudo foi confrontar as posições dos três filósofos citados. A escolha destes filósofos eu fiz especialmente por certas concordâncias na herança filosófica destes autores: Aristóteles e Hegel. Aristóteles no caso de Lima Vaz e MacIntyre. Hegel no caso de Lima Vaz e Taylor. A herança aristotélica de MacIntyre eu encontro em sua reinterpretação da ética das virtudes. Para MacIntyre, os fundamentos da lei e das virtudes devem ser buscados nas tradições e nas relações intersubjetivas que constituem uma determinada comunidade. O vínculo central é uma visão dos bens comuns partilhados pelos membros de determinada tradição e comunidade. Esta é a forma de restituir a inteligibilidade e a racionalidade no empenho moral e social das sociedades contemporâneas. A herança hegeliana de Taylor encontro na reinterpretação da questão do reconhecimento. Ainda, para Taylor o homem é um animal social que age privilegiando certos fins e valores que são normalmente compartilhados socialmente. Estes fins e valores fazem parte do horizonte de sentido compartilhado a partir do qual cada indivíduo vive sua identidade. A partir de Hegel, Taylor interpreta a eticidade e a racionalidade como sendo fundadas socialmente. Por sua vez, Lima Vaz herda de

Aristóteles a interpretação do *ethos* como mundo das coisas humanas. Mundo onde o ser humano vive racional e livremente suas práticas éticas, as quais se traduzem em exercícios das virtudes como uma ordenação permanente e progressiva do agir ético ao horizonte universal do bem.

Assim, a virtude, como qualidade do sujeito e como movimento para um crescimento humano, é a categoria segundo a qual deve ser interpretada a universalidade da razão prática operando na vida do indivíduo e na vida da comunidade. De Hegel, Lima Vaz herda a questão do reconhecimento como o primeiro momento para a efetivação concreta da autoafirmação do sujeito como *eu*, que acontece sempre no encontro com o *outro*. Nesse encontro, o coexistir é constitutivamente um coexistir em um espaço ético, espaço de relações, de fins comuns e de horizontes partilhados.

Uma sociedade enigmática

Também, no caso destes três autores, é importante perceber semelhante avaliação de perplexidade com relação à situação atual da sociedade. MacIntyre fala de um *desacordo moral da modernidade*, em que a linguagem da moralidade contemporânea está num estado tão grave de desordem que não possuímos mais que fragmentos de um esquema conceitual que juntos não formam um todo coerente. Para Taylor, a sociedade contemporânea sofre um agudo *mal-estar* que tem suas raízes no individualismo, no primado da razão instrumental e num despotismo suave no qual as instituições e as estruturas da sociedade técnico-industrial restringem nossas escolhas. Este mal-estar triplica-se numa perda de sentido, a qual obscurece os horizontes morais (nível ético), eclipsa o horizonte dos fins (nível teleológico) e diminui o horizonte da liberdade (nível político). Por sua vez, para Lima Vaz, a sociedade contemporânea se apresenta como enigmática, a saber, como uma sociedade avançada em sua razão técnica e indigente em sua razão ética.

Apesar das diferenças de abordagem à questão ética por parte destes autores, eles apresentam uma mesma

**“Para Lima Vaz, a
sociedade
contemporânea se
apresenta como
enigmática, a saber,
como uma sociedade
avançada em sua razão
técnica e indigente em
sua razão ética”**

preocupação com a dimensão comunitária, vale dizer intersubjetiva, da questão ética na sociedade contemporânea. Não é de surpreender-se que MacIntyre e Taylor são, muitas vezes, colocados entre os filósofos comunitaristas. Ora, a mesma preocupação não é ausente na reflexão ética de Lima Vaz. Porém, diferentemente de MacIntyre, que faz uma reinterpretação da tradição aristotélica das virtudes, e diferentemente de Taylor, que faz uma reinterpretação da tradição hegeliana do reconhecimento, Lima Vaz interpreta aquilo que ele chama de *categoria de intersubjetividade ética*, numa dialética construída entre a ideia hegeliana de reconhecimento com a noção aristotélica das virtudes. Desta forma, a reflexão de Lima Vaz, ao se situar com e entre MacIntyre e Taylor, acrescenta um elemento de novidade ao construir uma leitura da intersubjetividade ética a partir de uma interpretação que, à sua maneira, relacione dialeticamente Aristóteles e Hegel. Aristóteles, a partir de uma leitura acerca do conteúdo das virtudes. Hegel, a partir de uma leitura da forma dialética do reconhecimento. Para mim, este intento faz parte do esforço filosófico de Lima Vaz de interpretar a “tradição na contemporaneidade”.

IHU On-Line - Qual é a atualidade do pensamento vaziano em termos éticos? Em que sentido suas ideias inspiram um novo agir para nosso tempo?
Elton Vitoriano Ribeiro - A atualidade está em que, ao mergulharmos no pen-

samento de Lima Vaz, somos inexoravelmente levados, em constante diálogo com a tradição, a compreendermos a nós mesmos e nossa sociedade, seus caminhos e descaminhos, suas vitórias e suas derrotas, seus oásis e seus desertos, na ânsia humana de superar as vicissitudes da vida. Ora, o trabalho de reflexão de Lima Vaz quer ser um pensamento que responda aos desafios éticos presentes em nosso tempo a partir de uma rememoração de toda a tradição filosófica. Desta forma, o pensamento ético de Lima Vaz quer ser um instrumento conceitual que nos permita pensar nossa existência ética com os outros no mundo.

Por outro lado, a arquitetônica construída por Lima Vaz, assim eu entendo, amplia grandemente nosso campo de visão filosófica sobre a modernidade, seus desafios éticos e suas possíveis soluções. Mas não é só isso. Ele articula diferentes categorias importantes para o pensar contemporâneo como *ethos*, cultura, razão prática, reconhecimento, consenso, comunidade ética, consciência moral social, justiça, identidade ética, dignidade humana, buscando compreender as partes no todo, compreender as intrincadas conexões e relações das categorias éticas no todo da reflexão ética, escapando do risco de ficarmos condenados a uma eterna e variada multiplicidade de situações desconexas. Como é fácil perceber, a reflexão filosófica de Lima Vaz, ao buscar revelar o que existe de mais profundo no nosso existir, nos apresenta necessariamente desafios para a compreensão e para a ação. Estes desafios têm como raízes o nosso próprio existir em comum.

Para ilustrar penso em dois exemplos. O primeiro desafio será o da política, ou melhor, da cisão moderna entre ética e política. Como bem sabemos, a arte da política tem a delicada tarefa de conciliar o possível e o melhor. Esta arte é uma invenção grega que nasce no momento em que as cidades gregas se constituem democraticamente. Surge, então, a necessidade de apelar aos conceitos e procedimentos da razão para estabelecer os critérios e as regras do consenso cívico. A política vai surgir como a busca de um con-

senso racional em torno do mais justo, que será por definição o melhor para a cidade. A pergunta então será a de como fazer da ação política uma ação razoável, ou seja, obediente a normas de convivência racional consensualmente aceitas.

Arquitetônica da economia

O econômico também nos trará desafios, isto porque, a primazia dada ao funcional e ao operacional na sociedade em que vivemos faz da eficácia, da produtividade, da utilidade, do remunerável, do lucrativo, critérios que ultrapassam todos os limites para se estender ao âmbito do existir em comum. Como consequência, reconhecimento e consenso éticos estão em alto grau de precariedade. Isto porque, reconhecimento e consenso são frutos, muitas vezes, não de um imperativo ético, mas de toda uma arquitetônica da economia em que as capacidades de aquisição e de consumo são os principais fatores para uma possível avaliação do valor do outro. O mercado financeiro como eixo organizador das sociedades capitalistas simplesmente neutraliza a tradição cultural, as estruturas simbólicas do mundo vivido, o fundamento normativo dos conceitos de ação, bem como desconsidera o mundo do existir em comum subjacente a ele. Neste contexto, temos como desafios para a compreensão pensar o lugar do econômico a partir da ética, ou seja, a partir de uma comunidade de reconhecimento e consenso que se realiza na justiça. Comunidade que enfrenta questões como, por exemplo: a vida humana está orientada somente para a necessidade e acumulação de bens materiais? A produção ilimitada e o consumo sem fim constituem os objetivos centrais da vida humana? A questão econômica não deveria caminhar em direção da efetivação da justiça social e ecológica a nível mundial? Quais os mecanismos que nos possibilitarão contrapor à lógica excludente global uma lógica de reconhecimento e consenso ao nível econômico?

Apresentei apenas dois exemplos. Mas o mais importante é que a reflexão de Lima Vaz converge para essa simples e profunda evidência de que a ética, antes de ser um assunto de eruditos e ilustrados, é um programa pedagógico que visa educar o indiví-

“Apesar das diferenças de abordagem à questão ética por parte destes autores, eles apresentam uma mesma preocupação com a dimensão comunitária, vale dizer intersubjetiva, da questão ética na sociedade contemporânea”

duo e a comunidade para a vida plenamente humana. Sem educação ética, podemos afirmar, não há autêntica participação política, não há direitos humanos, não há constituições justas, não há predomínio do humano sobre o econômico. A tarefa primordial da ética será a de ser uma verdadeira educação para a liberdade. O mundo ético será não uma dádiva graciosa da natureza, mas uma lenta, dura e exigente conquista da civilização. Uma conquista permanente, sempre recomeçada e sempre ameaçada pela queda.

IHU On-Line - Dentro de sua obra, qual é a posição de *Raízes da Modernidade*, e quais são os aspectos mais importantes que traz ao debate filosófico?

Elton Vitoriano Ribeiro - Para mim, nessa última obra de Lima Vaz, em que apresenta suas inquietações filosóficas e seu pensamento mais maduro, é importante a discussão sobre aquilo que chamo de universo simbólico da sociedade contemporânea. Nesta obra, Lima Vaz busca pensar uma “dialética entre continuidade e descontinuidade” que lhe permita definir, na sociedade contemporânea, o novo em relação ao progressivo desaparecimento do antigo. Entre as várias interpretações, ele escolhe algumas para ilustrar sua tentativa de compreender a situação da sociedade contemporânea em relação

a seu passado. Para isso, Lima Vaz discute várias interpretações.

Algumas interpretações identificam na sociedade contemporânea a presença de arquétipos teológicos tradicionais que, distantes da transcendência, são compreendidos na imanência do acontecer histórico. Exemplos desta leitura são as análises de Carl Schmitt¹ (leitura política), Karl Löwith² (leitura historicista) e Eric Voegelin³ (leitura teológico-metafísica). Por outro lado, analisa Lima Vaz, outros intelectuais partem da compreensão da sociedade contemporânea como um acontecimento único na história da humanidade. Exemplos desta leitura são as obras de Marcel Gauchet⁴ e Hans Blumenberg⁵, em que, neste novo mundo da vida, o ponto central é a autoafirmação do indivíduo que se manifesta na atitude da curiosidade teórica diante de um mundo a ser compreendido e transformado, e que

1 Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A IHU On-Line 139, de 2-05-2005, publicou o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. (Nota da IHU On-Line)

2 Karl Löwith (1897-1973): filósofo alemão. Sua obra mais famosa é *Von Hegel zu Nietzsche* (Stuttgart, Kohlhammer, 1958). (Nota da IHU On-Line)

3 Eric Voegelin (1901-1985): estudioso alemão que causou comoção nos meios acadêmicos ao classificar movimentos políticos modernos - como o positivismo e o marxismo - como gnósticos, de modo que não passariam de novas versões de uma velha heresia combatida pela Igreja Católica. De suas obras, citamos *A nova ciência da política* (2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982). (Nota da IHU On-Line)

4 Marcel Gauchet: filósofo francês, que com Luc Ferry é autor do livro *O religioso após a religião* (Paris: Grasset, 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard, 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* (Paris: L'atelier, 2004). Confira, no site do Instituto Humanitas Unisinos, www.unisinos.br/ihu, **Notícias do Dia**, o seguinte material: “Os direitos individuais paralisam a democracia”, assegura Marcel Gauchet, em 20-02-2008, disponível para download no link <http://bit.ly/n2Fdcx>, “Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião”, entrevista com Marcel Gauchet, em 09-02-2008, disponível para download em <http://bit.ly/rnplhl>, e “A França é um país profundamente deprimido”, afirma Marcel Gauchet, em 23-04-2007, disponível em <http://bit.ly/ngHBLO>. (Nota da IHU On-Line)

5 Hans Blumenberg (1920-1996): filósofo alemão autor de, entre outros, *Die Legitimität der Neuzeit* (2ª ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988), traduzido para o francês como *La légitimité des Temps Modernes* (Paris: Gallimard, 1999). (Nota da IHU On-Line)

se torna fundamento último de si mesmo e do mundo.

A partir destas análises e buscando entendê-las à luz da dialética de continuidade/descontinuidade, Lima Vaz postula que as ideias que fundam a sociedade contemporânea não são simples transposições das categorias teológicas cristãs para o universo da imanência política, mas gozam de certa legitimidade como aponta Blumenberg. Por outro lado, para ele não são totalmente novas em relação ao passado, mas possuem suas raízes nas disputas teológico-filosóficas medievais. A articulação desta hipótese ocupa grande parte do seu trabalho *Raízes da Modernidade*, em que ele, analisando as controvérsias medievais do século XIII, busca compreender o surgimento de uma nova idade na história intelectual do Ocidente a partir da nova configuração do universo simbólico que começa a surgir. Será este novo universo simbólico, marcado pelo abandono da metafísica do ser com a filosofia de Duns Scot, a filosofia nominalista de Ochkam e a metafísica de Suarez, que preparará para Lima Vaz o advento da razão moderna.

IHU On-Line - Por que Lima Vaz é chamado de peregrino do Absoluto?

Elton Vitoriano Ribeiro - Eu penso que esta afirmação pode ser ilustrada acompanhando a importância da problemática da transcendência no pensamento de Lima Vaz. Para ele, o ser humano se abre ao outro e à história. Isto será expresso pela categoria de intersubjetividade. Mas, também, o ser humano pode abrir-se ao Absoluto, num mais elevado nível relacional, que se exprime na categoria de transcen-

“Em minhas pesquisas eu investiguei o universo simbólico da sociedade contemporânea e a dinâmica da intersubjetividade ética. Meu estudo foi confrontar as posições dos três filósofos citados”

dência. Todavia, da mesma forma com que o ser humano é um sujeito de uma relação propriamente humana, porque nele o espírito suprassume o corpo próprio e o psiquismo, assim o seu mundo só se constitui como tal porque a relação de transcendência suprassume as relações de objetividade e intersubjetividade. Desta forma, o ser humano só se abre à realidade objetiva na forma de um mundo humano porque movido intencionalmente pela sua ordenação profunda ao Absoluto, seja ao Absoluto formal, como universalidade do Ser, seja como Absoluto real, Deus. Penso que podemos afirmar que, para Lima Vaz, a figura do Absoluto habita o universo intencional do ser humano e acompanha como uma sombra todas as suas formas de autoexpressão e a sua autopoção como sujeito, pela qual ele se faz presente entre os seres. Desta forma, no seu manifestar-se a si mesmo ou na sua reflexão so-

bre si mesmo, o ser humano desvela a sua ordenação essencial ao Absoluto, ordenação que constitui o dinamismo ontológico fundamental do espírito humano e que exprime a ordenação do ser humano, como ser inteligente, para a Verdade, e como ser livre, para o Bem.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Elton Vitoriano Ribeiro - Para encerrar eu gostaria de afirmar que, ao estudar o pensamento de Lima Vaz, fico com a certeza de que me foi permitido mergulhar, apesar de minhas limitações, no pensamento de um grande autor de nosso tempo, pensamento que busca a compreensão da realidade nos mais diferentes aspectos e em sua significação dentro do todo. Pensamento que exige empenho para ser compreendido, mas que oferece a todo aquele que ousa sua travessia uma nova compreensão de nossa época, de nosso mundo da vida, de nós mesmos. E, oferece como recompensa, o desfrutar da serena e doce alegria da inteligência. Por isso, eu comparo a obra de Lima Vaz a uma catedral. Catedral que, numa exposição de grande rigor e beleza formal, à maneira de uma catedral gótica feita de conceitos, armada em articulações simétricas e elegantes, expõe a existência naquilo que ela possui de mais essencial. E se, como vivemos os cristãos, entramos numa catedral para louvar a Deus e saímos para servir aos irmãos, *mutatis mutandis*, entramos no pensamento de Lima Vaz para contemplar o Absoluto e a existência e saímos para assumir responsabilmente nossa existência com os outros, no mundo.

Confira a programação de eventos do IHU em www.ihu.unisinos.br

Lima Vaz, um trabalhador da filosofia

Avesso a rótulos acadêmicos, o pensador jesuíta poderia ser justamente definido como alguém interessado na “filosofia que se sabe filosofia”, assinala Delmar Cardoso. Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz e Memorial Padre Vaz dedicam-se a continuar debates sobre seu pensamento

POR MÁRCIA JUNGES

“Qualquer pessoa que se defrontar com um texto vaziano há de perceber sua indiscutível identidade e profundidade filosófica. Padre Vaz não era só um erudito da filosofia, mas um filósofo conscientemente dedicado ao trabalho filosófico. É assim que gosto de defini-lo: um trabalhador da filosofia. Ele nunca aceitou ser rotulado como platônico, tomista ou hegeliano”. A explicação é de Delmar Cardoso, professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, em Belo Horizonte, Minas Gerais. A unidade do pensamento de Lima Vaz é um dos traços marcantes de sua obra filosófica: “É impressionante como intuições e compreensões que lhe serão características nos últimos 25 anos de sua vida já se encontram, por exemplo, no texto de sua tese de doutoramento”. E completa: “Em linhas gerais, podemos dizer que seu interesse é pela filosofia que se sabe filosofia”. A respeito do Memorial Padre Vaz, Cardoso explica que lá estão todos os documentos ligados à produção filosófica desse pensador. “O objetivo do Memorial está ligado à conservação desses documentos. Uma vez que tudo se encontra em formato digital, outro objetivo é disponibilizar este acervo para pessoas interessadas em pesquisar o pensamento filosófico do Pe. Vaz”.

Coordenador do Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz e um dos pesquisadores ligados ao Memorial Padre Vaz, coordenado pelo Pe. João Mac owell, Delmar Cardoso é graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Inácio, da Companhia de Jesus, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, onde cursou mestrado em Filosofia. Na Pontifícia Universidade San Tommaso D’Aquino realizou doutorado em Filosofia com a tese *A alma como centro do filosofar de Platão: uma leitura concêntrica do Fedro à luz da interpretação de Franco Trabattoni*. É pós-doutor pela Universidade de Fordham, em Nova Iorque, Estados Unidos, e autor de *A alma como centro do filosofar de Platão* (Roma: s.d., 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste o Memorial Padre Vaz? Poderia recuperar sua formação, objetivos e funcionamento?
Delmar Cardoso - Primeiramente, esclareço que não sou o responsável pelo Memorial Padre Vaz. O primeiro responsável por ele é o Pe. João Mac Dowell. Faço parte do grupo de pesquisadores ligados ao Memorial. O Memorial consiste basicamente no arquivo dos materiais ligados ao pensamento de Lima Vaz. Isso significa que o memorial conserva todos os documentos ligados à produção filosófica de Lima Vaz. Quem o conheceu sabe que ele era alguém muito organizado e que deixou manuscritos preciosos dos cursos e conferências que dava. Além disso, muitos de seus alunos gravaram suas aulas em fitas magnéticas ou em

formato VHS. Houve também quem transcreveu cursos seus quase que por inteiro. Após a morte de Lima Vaz, ocorrida a 23 de maio de 2002, o então reitor da FAJE, Pe. João Mac Dowell, se esmerou em reunir os pertences de Lima Vaz e também materiais vindos de seus ex-alunos para a formação do memorial. Todo o material recolhido foi digitalizado por Rubens Godoy Sampaio, ex-aluno de Lima Vaz, que fez seu mestrado e doutorado sobre a filosofia de Lima Vaz. Ele realizou um trabalho minucioso que só poderia ser feito com perfeição por alguém que tivesse afinidade com a filosofia e com o pensamento de Lima Vaz, além da competência técnica.

Fica claro que o objetivo do Memorial está ligado à conservação desses

documentos. Uma vez que tudo se encontra em formato digital, outro objetivo é disponibilizar este acervo para pessoas interessadas em pesquisar o pensamento filosófico de Lima Vaz.

As instalações do Memorial se encontram no interior da Biblioteca Padre Vaz - FAJE. Os interessados em pesquisar *in loco* têm de entrar em contato com o pessoal da biblioteca para agendar sua pesquisa. Por outro lado, toda a base de dados do Memorial se encontra disponível para ser adquirida através da rede mundial de computadores, no portal eletrônico <www.padrevaz.com.br>. O contato direto com o administrador do Memorial pode ser feito por correio eletrônico: <administramemo@faculdadejesuita.edu.br>.

IHU On-Line - Quais são os principais projetos do Memorial que estão em andamento?

Delmar Cardoso - O principal projeto consiste em preparar a publicação dos textos inéditos. Sob a coordenação do professor João Mac Dowell, foi formada uma comissão de professores que conheceram de perto o pensamento de Lima Vaz a fim de preparar tais publicações. Isso, porém, há de levar uns anos. Espera-se que no ano que vem, quando se completam 10 anos da morte de Lima Vaz, tenhamos a publicação de sua tese de doutoramento, escrita em latim. O texto foi traduzido pelo professor Juvenal Savian Filho, da Unifesp.

IHU On-Line - Que facetas estão sendo descobertas na obra vaziana a partir dos trabalhos empreendidos pelo Memorial?

Delmar Cardoso - Não se trata bem de algo novo, mas da confirmação de um dado bem conhecido por quem estuda e conhece os textos de Lima Vaz: a unidade de seu pensamento. É impressionante como intuições e compreensões que lhe serão características nos últimos 25 anos de sua vida já se encontram, por exemplo, no texto de sua tese de doutoramento.

IHU On-Line - Há um florescimento no Brasil nos estudos vazianos. A que atribui essa “descoberta” do pensamento de Lima Vaz?

Delmar Cardoso - Não diria propriamente um florescimento nem uma “descoberta”, mas um fato de honestidade intelectual. Qualquer pessoa que se defrontar com um texto vaziano há de perceber sua indiscutível identidade e profundidade filosófica. Lima Vaz não era só um erudito da filosofia, mas um filósofo conscientemente dedicado ao trabalho filosófico. É assim que gosto de defini-lo: um trabalhador da filosofia. Ele nunca aceitou ser rotulado como platônico, tomista ou hegeliano. Mas creio se o chamássemos de simplesmente filósofo ou de trabalhador da filosofia, ele não se oporia. De modo que, se formos escrever uma biografia de Lima Vaz, creio que um bom título seria: Vida filosófica.

“Imediatamente após seu retorno ao Brasil, em 1953, mesmo no âmbito pacato e monacal da Faculdade Pontifícia de Filosofia dos jesuítas em Nova Friburgo, Lima Vaz foi notado por sua personalidade filosófica”

IHU On-Line - Como podemos compreender a trajetória intelectual desse pensador dentro da tradição filosófica jesuíta e no cenário brasileiro?

Delmar Cardoso - Lima Vaz começou seu magistério em 1953, após completar sua formação como jesuíta. Quem o conheceu àquela época diz ter ele conservado ainda um rosto bem jovem. Tinha só 31 anos. Lembremos que ele terminou sua licenciatura canônica em Filosofia em Nova Friburgo em 1945, onde passara três anos. Naquela época seus professores e superiores notaram sua extraordinária capacidade intelectual para estudos filosóficos. Daí que o enviam a Roma para os quatro anos de teologia e o doutorado em filosofia, que ele defendeu no início de 1952. De modo que ficou em Roma entre 1946 e 1952. Podemos dizer que imediatamente após seu retorno ao Brasil, em 1953, mesmo no âmbito pacato e monacal da Faculdade Pontifícia de Filosofia dos jesuítas em Nova Friburgo, Lima Vaz foi notado por sua personalidade filosófica. Seus alunos daquela época testemunham ter ele trazido ventos de renovação e profundidade àquele ambiente. Mas ele não ficou só no interior daqueles muros. Sua atuação como assessor da Juventude Universitária Católica - JUC o colocou em contato com jovens cristãos cujo ideal postulava justamente novos tempos. O trem da história o trouxe, em 1964, para o departamento de filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH, da Universidade Fe-

deral de Minas Gerais - UFMG, onde ele encontrou um ambiente favorável para sua filosofia. Neste ínterim, a faculdade de filosofia dos jesuítas tinha ido para São Paulo e permaneceu lá entre 1966 e 1974, neste período, ou seja, de 1964 a 1974, Lima Vaz esteve fisicamente ausente da formação dos jovens jesuítas. Mas seu nome nunca deixou de ser referência filosófica entre os jesuítas. Em 1975 ele voltou a colaborar com a faculdade dos jesuítas, que funcionou no Rio de Janeiro entre 1975 e 1981. Ele continuou na FAFICH em Belo Horizonte. A vinda para Belo Horizonte da faculdade de filosofia dos jesuítas em 1982 veio a coroar a presença do Lima Vaz na formação filosófica dos jovens jesuítas.

Durante o tempo em que esteve na FAFICH ele cultivou grandes amizades entre seus colegas professores e também entre seus alunos, muitos dos quais se transformaram em professores da FAFICH. Em 2001, ele foi agraciado com o título de professor emérito da UFMG, sinal de como sua vida foi significativa para essa instituição universitária, considerada uma das melhores do Brasil. Outro dado importante é sua atenção e gentileza para com todos. Quem precisou de uma conversa, de uma orientação, de um diálogo no âmbito da filosofia, encontrou em Lima Vaz um interlocutor pronto a responder.

IHU On-Line - Quais são os aspectos mais instigantes de sua filosofia?

Delmar Cardoso - Não é fácil responder a essa pergunta. Seus *Escritos de filosofia* chegaram a sete volumes durante sua vida. Lembro que o livro publicado neste ano como oitavo volume dos seus *Escritos de filosofia*, cujo subtítulo é *Platonica* (em latim) foi-lhe apresentado como projeto editorial em 2001. Também enquanto vivia, ele publicou os dois volumes de sua *Antropologia filosófica*. Esses dados nos permitem dizer que tais publicações revelam aspectos que ele próprio considera relevantes de sua filosofia. E aqui faço questão de sublinhar os dois volumes de sua *Introdução à ética filosófica*. Em linhas gerais, podemos dizer que seu interesse é pela filosofia que se sabe filosofia, daí que o próprio papel e tarefa de filosofia são

os temas especialmente tratados por Henrique Vaz.

IHU On-Line - Sua filosofia seria uma resposta ao relativismo e ao declínio da razão ética de nosso tempo? Por quê?

Delmar Cardoso - O filósofo não existe propriamente para dar respostas, mas para questionar e questionar-se. Questionar e questionar-se a partir da filosofia. Quem acompanhou os últimos dias de vida de Lima Vaz diz que ele malmente chegou a ver seu último livro publicado, *Raízes da modernidade*. Esse episódio bem revela o que vem a ser um autêntico filósofo: não pode ser alguém dado a assuntos e temas badalados, mas alguém realmente preocupado em pensar seu tempo. E, para pensar o seu tempo, o filósofo tem de tomar distância e investigar. O interesse de Lima Vaz pela história das ideias não consistia simplesmente no trabalho de um arqueólogo, mas na atitude investigativa de alguém que se pergunta com os instrumentos da filosofia em vista do hoje humano.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Delmar Cardoso - Só mais um ponto: gostaria de falar um pouco do Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz, que nasceu na FAJE no começo de 2007. Sua pretensão consiste em incentivar entre os estudantes da FAJE, mas também de outras instituições, a leitura e estudo da obra filosófica de Lima Vaz. É interessante que a FAJE é, por assim dizer, a casa de Lima Vaz. Nossos professores fazem sempre referência a ele e o GEVaz se mostra como uma instância a mais dessa presença de Lima Vaz entre nós. Encontramo-nos a cada 15 dias para as reuniões ordinárias do grupo. A partir de 2008 começamos a organizar os Colóquios Vazianos. Este ano o colóquio teve sua quarta edição. Mesmo com uma divulgação bastante restrita o colóquio tem despertado interesse em muitas pessoas, principalmente de Belo Horizonte e região. Em Fortaleza-CE, há um grupo semelhante. E, como coordenador do GEVaz, muitos pelo Brasil afora me têm contactado demonstrando interesse pela obra filosófica de Lima Vaz.

Repensando a qualidade dos alimentos e da alimentação: o “bom, limpo e justo” na perspectiva do Movimento Slow Food



Evento: IHU ideias - Outubro 2011
Fabiana Thomé da Cruz - Doutoranda em
Desenvolvimento Rural - UFRGS

Data: 20/10/2011

Informações em www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Livro da Semana

Foucault e a função-educador. Sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana (Ijuí: Unijuí, 2010).

A função-educador e a educação desviante

Barrar a singularidade dos sujeitos é o principal empecilho para constituir sujeitos ativos, emancipados e críticos, acentua Alexandre Filordi. “Vestibularização” da existência precisa dar lugar a uma educação que dê voz às discursividades marginais e infames, como diria Foucault

POR MÁRCIA JUNGES

“**D**ar voz às discursividades que são marginais, pontuais, específicas e, como diria Foucault, infames nos vários contextos da experiência com a educação”. É isso que pretende a função-educador, explica Alexandre Filordi, na entrevista que concedeu por Facebook à IHU On-Line. Em sua opinião, um dos grandes desafios enfrentados atualmente pelos educadores é “abrir mão de seus dogmas, tanto epistêmicos como empíricos. Vivemos um momento de intensa ruptura de práticas e de referências, dada a intensidade das transformações tecnológicas, sociais, simbólicas”. Aperceber-se das subjetividades dos educandos é um dos primeiros passos do educador na condição de função-educador para não “planificar, hierarquizar, comparar ou disciplinar os comportamentos, as atitudes, as posições intelectuais”, frisa. E completa: “Toda prática pedagógica que questione, que indague e que se interponha a qualquer estratégia normativa é desviante. A norma fixa os alvos. Ela é uma concepção a priori das prioridades. É a ‘vestibularização’ da existência”.

Graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul - SPS, em Campinas, e em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Filordi é um dos integrantes do Grupo de Estudos sobre Diferenças e Subjetividades - DiS/Unicamp. cursou mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, doutorado em Filosofia pela USP e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp com a tese *Da sujeição às experiências de si na função educador: aproximações foucaultianas*. Docente de Filosofia da Educação na Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, possui diversas publicações em revistas especializadas e capítulos em livros organizados com temáticas foucaultianas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como pode ser definida a função-educador em Foucault?

Alexandre Filordi - Inspirada na noção função-autor de Michel Foucault, a noção função-educador pretende ser um intercessor, no sentido que Deleuze¹ propõe, **1 Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da IHU On-Line)

para se pensar, tanto conceitualmente como nas experiências com a educação, modos de educar que intercedam por uma produção de subjetividade ativa. Isto quer dizer que a função-educador tenta convidar os educadores a se colocarem na posição de rompimento com as séries de jogos sujeitantes que silenciam as potencialidades das diferenças e das singularidades dos educandos. Procura também não bloquear possibilidades de acontecimentos na educação, pois a função-educador é antinormativa. Acontecimento é toda dinâmica que quebra com um estado pré-definido e pré-desejado

de finalidades. Assim é possível produzir acontecimentos com o pensamento, com as ações, com a organização do trabalho pedagógico, etc. O acontecimento é da ordem da criação do novo. Finalmente, apesar de não pretender inaugurar nenhuma discursividade original, como faz a função-autor, a função-educador pretende dar voz às discursividades que são marginais, pontuais, específicas e, como diria Foucault, infames nos vários contextos da experiência com a educação. Em outras palavras, a função-educador pretende ser um diagnóstico das múltiplas maneiras de se educar, de forma a

não reproduzir condições de sujeições quando se ensina, se educa e se constrói uma relação intersubjetiva entre quem educa e quem é educado.

IHU On-Line - Em que aspectos um educador é, também, um aprendiz de si?

Alexandre Filordi - Na medida em que um educador, na posição da função-educador, toma consciência de que cada subjetividade deve ser respeitada em sua singularidade, as suas ações empíricas não vão no sentido de planificar, hierarquizar, comparar ou disciplinarizar os comportamentos, as atitudes, as posições intelectuais, por exemplo. Mas para tanto, ele deve perceber que isto se deve ao próprio fato de ele possuir uma subjetividade que lhe é singular. Ver-se como um sujeito ativo é notar que o seu modo de ser deve ser respeitado. Se ele aprende isso consigo ele se torna um aprendiz de si. E, talvez, seja nesta proporção que ele opere no sentido de não querer bloquear a subjetividade de outrem.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios dos educadores dada a conjuntura tecnológica crescente, inclusive nas práticas pedagógicas, como em experiências do tipo do Ensino a Distância - EAD, por exemplo?

Alexandre Filordi - Creio que um dos maiores desafios dos educadores na atualidade é o de abrir mão de seus dogmas, tanto epistêmicos como empíricos. Vivemos um momento de intensa ruptura de práticas e de referências, dada a intensidade das transformações tecnológicas, sociais, simbólicas, etc. Na função-educador, somos convidados a atentar para as rupturas históricas das quais fazemos parte e, ao mesmo tempo, produzimos. Não é nos portando como “apocalípticos”, como diria Umberto Eco², que poderemos avançar no

² Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais destacam-se Apocalípticos e Integrados, A estrutura ausente e Kant e o ornitorrinco. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo O nome da rosa, adaptado para o cinema. A ilha do dia anterior; Baudolino e A misteriosa chama da Rainha Loana são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

“O que mais impede, a partir da educação escolar, portanto institucional, a constituição de sujeitos ativos, emancipados e críticos, a meu ver, é a barragem das singularidades dos sujeitos”

sentido de experimentar o novo. É no integrando àquilo que passa a compor as dimensões condicionantes de nosso próprio modo de ser neste tempo, nesta sociedade, nesta história. Se precisamos mudar algo em nossa sociedade, precisamos usar também as ferramentas que são produzidas nela e por ela.

IHU On-Line - Como podemos compreender o aprendizado na construção coletiva do conhecimento? Estão borrados os limites entre o educador e o educando? Podemos falar numa construção-desconstrução do conhecimento tradicionalmente concebido?

Alexandre Filordi - É difícil mapear o que é uma relação de educação tradicionalmente concebida. Talvez, numa breve virada de tempo social, tudo o que façamos hoje pode se tornar tradicional, no sentido ao que se opõe ao mais emergente ou ao mais novo. Parece-me que a questão atual é de referência. Os espaços virtuais, como bem apontou Pierre Lévy³, são mais “reais” do que supomos. Neles há uma concepção de construção coleti-

³ Pierre Lévy: filósofo da informação que estuda as interações entre a Internet e a sociedade. Mestre em História da Ciência e doutor em Sociologia e Ciência da Informação e Comunicação, pela Universidade de Sorbonne, França, Lévy é titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva na Universidade de Ottawa, Canadá. Entre outras obras, escreveu A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial? São Paulo: Loyola, 1998. e O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996. (Nota da IHU On-Line)

va do conhecimento que não se pode ignorar. Apesar disto, esta espacialidade está incorporada à nossa tradição atual de se pensar, de se mover, de se relacionar e de visar o mundo. A meu ver, esta dimensão não borra certo limite entre o educador e o educando, mas inaugura outra espacialidade, outra perspectiva, outra dimensão de experiência, que deve e pode ser explorada. Imaginemos nós como deve ser cansativo para um aluno, estimulado o tempo todo por uma oralidade e uma riqueza pictórica totalmente dinâmica, acompanhar uma aula esboçada no fundo verde monótono de uma lousa. Isso não é pouca coisa!

IHU On-Line - O que é uma educação heterotópica? Em que medida ela é possível?

Alexandre Filordi - Uma educação heterotópica é aquela que permite uma circulação de experiências de aprendizagens, de constituição de subjetividades, de relação com o conhecimento e de posicionamentos de comportamento que não sejam estritamente normativos. O *heteros* é tudo o que assinala para a diferença em certos *topoi*, ou seja, em certos lugares. Uma das maiores dificuldades que a educação formal tem, a meu ver, é a de respeitar os mais diferentes lugares dos sujeitos na instituição escolar, que é essencialmente normativa e disciplinarizadora.

IHU On-Line - Numa sociedade ao mesmo tempo tão livre e tão controlada quanto a nossa, quais são os maiores desafios em se constituir sujeitos ativos, emancipados e críticos?

Alexandre Filordi - Esta questão se relaciona com a possibilidade de uma educação heterotópica. O que mais impede, a partir da educação escolar, portanto institucional, a constituição de sujeitos ativos, emancipados e críticos, a meu ver, é a barragem das singularidades dos sujeitos. Talvez precisemos repensar o que venha a ser “organização” na escola, prestar “atenção”, “comportar-se”. O medo de errar, tão presente nos modos pelos quais se educa, muitas vezes contribui para a posição de um sujeito barrado, inseguro, com temor de se expor. Na

posição heterotópica, consideraríamos distintas maneiras de conceber os lugares e as posições dos sujeitos em qualquer forma de educar, o que vale tanto para quem educa para quem é educado. É por isto, também, que o educador necessita se tornar um aprendiz de si; indagar-se o tempo todo: “quando faço algo visando uma finalidade, o que é que estou a reproduzir?”. Não seria isto que está em jogo?

IHU On-Line - Em que aspectos é possível haver práticas pedagógicas desviantes? O que elas trariam de novidade ao ensino e à autonomia do sujeito?

Alexandre Filordi - Toda prática pedagógica que questione, que indague e que se interponha a qualquer estratégia normativa é desviante. A norma fixa os alvos. Ela é uma concepção *a priori* das prioridades. É a “vestibularização” da existência. Desviar é permitir, como sugeriu Guattari⁴, um “caos criativo”, ou seja, é quebrar as serializações, as redundâncias, os esquematismos repetitivos; é abrir o cotidiano para o impensado, para um devir sem barreira. As escolas são estruturas em rituais extremamente conhecidos e previsíveis. É muito penoso aprender algo novo por fórmulas que se repetem *ad nauseam*. A pergunta que temos de fazer é a seguinte: o que mudou na escola dos nossos avós, de nossos pais, para esta de nossos filhos, em termos de práticas pedagógicas?

LEIA MAIS...

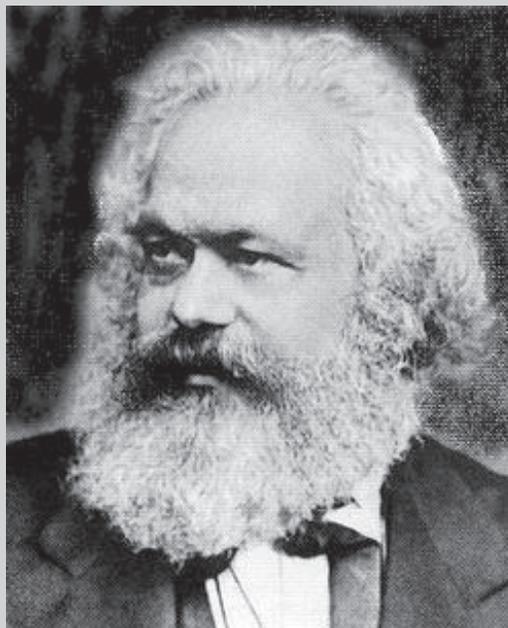
Alexandre Filordi já publicou artigos na IHU On-Line:

* Foucault e a questão da crítica em torno da biopolítica. Artigo publicado na edição 203 da revista IHU On-Line, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/oi0dJ>

* Do gozo Ubu ao gozo degenerado: a afirmação de sexualidades heréticas a partir de Foucault. Artigo publicado na edição 335 da revista IHU On-Line, de 28-06-2010, disponível em <http://bit.ly/okv3Nr>

⁴ Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O Anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011



Karl Marx: importância e atualidade de sua obra em tempos de crise financeira

Prof. Dr. Fernando Maccari Lara - FEE/
Unisinos

Data de início: 26 de setembro de 2011

Local: Sala Ignacio Ellacuría
e Companheiros - IHU

Informações em www.ihu.unisinos.br



Glauber e a catedral latino-americana. Ou o legado que não devemos renunciar!

POR AUGUSTO DE SÁ OLIVEIRA*

Em 1958, um jovem baiano de apenas 19 anos, autoproclamado crítico de cinema, escreveu uma sobre o filme *Raíces*, do cineasta mexicano Benito Alazraki. Se ainda hoje o intercâmbio de filmes latinos dentro do próprio continente é precário, muito mais o era naquela época. Também eram limitadas as informações gerais sobre a cultura destes países no Brasil, e vice-versa. No entanto, o crítico escreve uma resenha longa, comenta o papel pioneiro do jovem realizador Alazraki, a superação das fontes culturais mexicanas, seja o romantismo de Figueroa e Fernández, seja o muralismo de Orozco, Rivera e Siqueiros. Discorre sobre a influência de Zavattini e Eisenstein na obra de Alazraki. Define o filme como uma visão das “raízes do espírito mexicano”, presentes no índio. Indica a importância de uma narrativa psicológica, de o diretor fazer o “lançamento da fome”, e de a cena final trazer um *travelling* sobre a corrida do marido e da filha no deserto “até a terra diluir o homem e completar a intenção dramática”.

Mais tarde, estes três elementos - o índio, a fome e o *travelling* da

corrida final - estarão presentes em seu filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), sendo o índio substituído pelo sertanejo nordestino, enquanto a fome será o elemento em torno do qual se articularia aquilo que deveria ser o Cinema Novo, bem como o cinema latino-americano, em sua opinião. Conclui reconhecendo que o filme “contribui para o futuro da linguagem cinematográfica no México, nos países latinos e principalmente na Argentina e no Brasil”.

O jovem crítico participará, já como cineasta reconhecido, da *Resenha Latino-Americana de Cinema*, Gênova (Itália), em 1965, com o seu texto manifesto que ficou internacionalmente conhecido como *Estética da fome* ou *Estética da violência*. A fome já foi lançada e reconhecida como tema, no filme de Alazraki. O que desejo destacar aqui é que, em 1958, além de amplo conhecimento geral sobre cinema, principalmente se se considerar a escassez de fontes no Brasil daquela época, ele possui um saber específico do cinema e da cultura latino-americanos - neste caso, do México -, em um período histórico no

* Professor do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade 2 de Julho (FZJ/Bahia), membro do Cepos, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PPG-CCC) pela Faculdade de Comunicação - Facom e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ambos da Universidade Federal da Bahia - UFBA. O autor agradece bolsa de estudos da Capes, realizada na França. E-mail: augusto.sa2009@yahoo.com.br.

qual a intelectualidade brasileira vivia de costas para a América Latina. O diálogo que estabelece com o continente desde o começo de suas reflexões críticas e suas primeiras obras, sendo pouco mais do que um adolescente, é pioneiro no cinema brasileiro. Neste ponto, ele se antecipa à intelectualidade brasileira (hegemonizada pelo “nacional-desenvolvimentismo”), que só tomará a América Latina como tema importante de suas preocupações a partir da segunda metade da década de 1960.

Definidos adversários e companheiros de viagem do Cinema Novo, a forma e a intensidade da inserção do movimento na realidade sócio-histórica do país, era necessário deixar claro o contexto em que o Brasil estava inserido, o campo maior de batalha. Isto é, realizar em nível internacional as definições estabelecidas no campo interno, os aliados e os inimigos no plano internacional e a particular contribuição brasileira a partir do cinema. Tratava-se, portanto, de definir o lugar de fala do Cinema Novo nos planos interno e externo, e este era, naquele momento, prioritariamente a América Latina.

Glauber Rocha é o primeiro e principal cineasta brasileiro a ser efetivamente latino-americano, isto é, dotado de uma perspectiva de pensar o cinema e o Brasil inseridos na América Latina, mesmo quando isto era algo que parecia extemporâneo. Sua condição de um “sertanejo”

“Glauber Rocha é o primeiro e principal cineasta brasileiro a ser efetivamente latino-americano, isto é, dotado de uma perspectiva de pensar o cinema e o Brasil inseridos na América Latina”

baiano, que ele mesmo fez questão de afirmar e explorar em diversos momentos, a exemplo de “[sou] um sertanejo de Vitória da Conquista que chegou à compreensão científica do mundo e a exprimi em cinema e letras e política” (*Análise do último período*, texto inédito), e seu vínculo carnal com o Brasil, afirmado e sustentado por diversos personagens, entre cineastas e críticos (Cacá Diegues, Paulo Emílio, entre outros), já foram por demais estudados e apontados na vasta literatura sobre Glauber e sua obra.

Penso que faltava estudar a sua condição de cineasta latino-americano. É o que estamos fazendo, e, ao ponto

que chegamos, já é possível apontar que sua condição de latino-americano, no sentido que afirmamos aqui, é desde sempre, isto é, está umbilicalmente ligada à sua “h(eu)stória”. É verdade também que, nomeadamente a partir dos seus exílios, voluntários ou não, Glauber se torna cada vez mais, principalmente após filmar na África e na Europa, um cineasta terceiro-mundista, mas isto é uma fase posterior.

Glauber Rocha foi um intelectual comprometido com as “causas importantes de seu tempo”, sendo sua originalidade a compreensão de que o Cinema Novo “não pode desenvolver-se efetivamente enquanto permanecer marginal ao processo econômico e cultural do continente latino-americano” (*Estética da fome*). Para Glauber, o Cinema Novo e o Brasil tinham seus destinos ligados à América Latina, o que não fazia parte do pensamento hegemônico na esquerda brasileira, nem do reformista e tampouco do revolucionário, até meados dos anos 1960. Foi dentro deste cenário intelectual e nesta perspectiva que Glauber se movimentou com grande versatilidade.

Para as novas gerações, 30 anos após a sua morte (22-08-1981), o melhor do legado de Glauber é a sua latinidade, seu internacionalismo. O cineasta Cacá Diegues afirmou que Glauber foi “um grande artista visionário que não se conformou com o estado do país que lhe deram para viver”. E nem com a América Latina que lhe deram para viver.



PROGRAMA **DIVERSIDADE**.
O FORMATO É DE TV. A DISTRIBUIÇÃO É VIA INTERNET.
E O CONTEÚDO É PARA FAZER PENSAR.
TODAS AS EDIÇÕES DISPONÍVEIS EM WWW.GRUPOCEPOS.NET/CEPOSTV.

COORDENAÇÃO: PROF. DR. VALÉRIO CRUZ BRITTOS | PROF. MS. ANDRES KALIKOSKE



DIVERSIDADE

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 19-09-2011 a 24-09-2011.

Tapajós e Carajás, realidade possível

Entrevista especial com Edilberto Sena, coordenador da Rádio Rural de Santarém-PA

Confira nas Notícias do Dia de 19-09-2011

Acesse no link <http://bit.ly/pPPi1R>

O coordenador da Rádio Rural de Santarém reflete sobre o plebiscito pelo 'sim' ou pelo 'não' da divisão do estado do Pará, que acontecerá no dia 11 de dezembro. "Duas regiões estão em jogo: o sul e o oeste, Carajás e Tapajós", diz.

Comissão da Verdade e consolidação da democracia

Entrevista especial com Jair Krischke, advogado

Confira nas Notícias do Dia de 20-09-2011

Acesse no link <http://bit.ly/p6UZIA>

O advogado observa que o esclarecimento dos crimes contra a humanidade praticados entre 1964 e 1985 precisam vir a público através de documentos e do relatório final da Comissão da Verdade.

"A política ambiental não passa de retórica para enganar incautos"

Entrevista especial com Ivo Poletto, assessor de movimentos e pastorais sociais

Confira nas Notícias do Dia de 21-09-2011

Acesse no link <http://bit.ly/qkOtJH>

O assessor diz que, até agora, tudo o que se refere à dívida pública e às mudanças climáticas está sendo decidido pelo

Congresso e pelo governo sem consultar a cidadania.

Reconhecer a diversidade para mudar a sociedade

Entrevista especial com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, professora

Confira nas Notícias do Dia de 22-09-2011

Acesse no link <http://bit.ly/pMrGW1>

A docente da Universidade Federal de São Carlos - SP frisa que, para que as pessoas convivam respeitosamente, elas devem conhecer umas às outras e devem conhecer a história e a cultura, o que é difícil, porque conhecer a história traz à tona muitas dores e talvez até muita culpa.

A 'moderna' indústria brasileira da carne. Produção à custa da saúde e da vida dos trabalhadores

Entrevista especial com Siderlei de Oliveira, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação - Contac

Confira nas Notícias do Dia de 23-09-2011

Acesse no link <http://bit.ly/nHqmvN>

Siderlei avalia que, hoje, um jovem de 25, 30 anos, com 5 ou 6 anos de frigorífico já está doente, com lesões irreversíveis.

"Embora haja socialistas no PT, ele perdeu sua referência socialista".

Entrevista especial com Lincoln Secco, historiador

Confira nas Notícias do Dia de 24-09-2011

Acesse no link <http://bit.ly/r2WB1w>

O historiador e professor da USP constata que "o PT, ao contrário do que diziam seus documentos, teve uma típica trajetória de um partido social democrata desde o início".

Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos nas Políticas Públicas

Paulo de Martino Januzzi - Secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Soci

Data: 27/9/2011

Informações em <http://migre.me/5uQ6N>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

twitter | Buscar Home Profile

O que está acontecendo?

Histórico @Mencões Retweets Buscas Listas

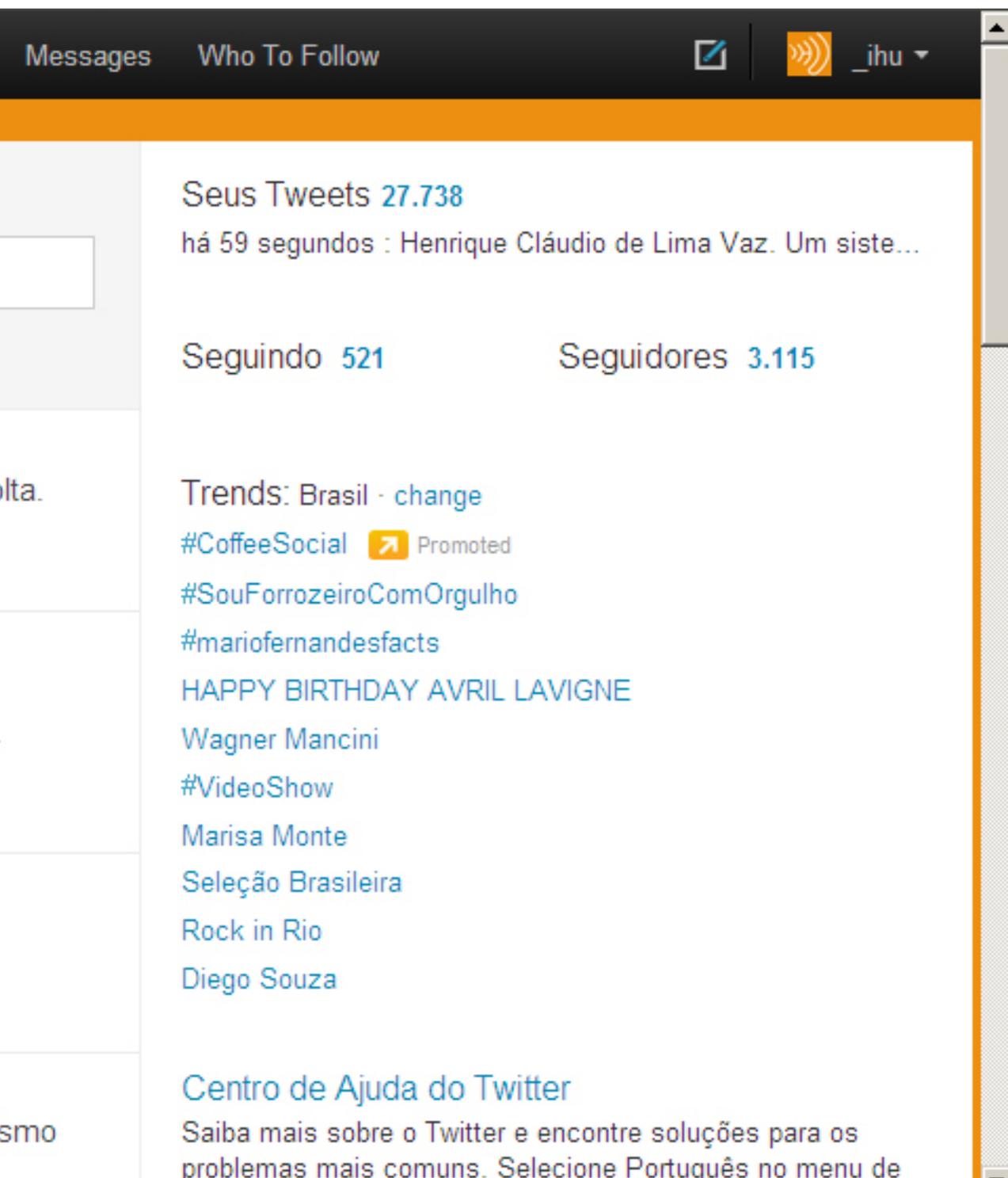
 **sakamori30** Ossami Sakamori
Quem seguir [@SakaBrasil](#), sem diálogo, recebe following de 100% certo.
há 30 segundos

 **redebrasilatual** Rede Brasil Atual
OIT: sem recuperação, países do G20 mantêm 200 milhões de desempregados: Estudo conjunto com a OCDE destaca nece...
bit.ly/nk7mbL
há 40 segundos

 **Imazon** Imazon
O Imazon atualiza semanalmente a tabela com os preços dos Produtos Florestais Não Madeireiros. Confira em bit.ly/iuDZ6i
há 1 minuto

 **_ihu** IHU
Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niil...
ético bit.ly/n7vQsu

http://twitt



Messages Who To Follow   _ihu ▾

Seus Tweets **27.738**
há 59 segundos : Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um siste...

Seguindo **521** Seguidores **3.115**

Trends: Brasil · [change](#)

- [#CoffeeSocial](#)  Promoted
- [#SouForrozeiroComOrgulho](#)
- [#mariofernandesfacts](#)
- HAPPY BIRTHDAY AVRIL LAVIGNE
- Wagner Mancini
- [#VideoShow](#)
- Marisa Monte
- Seleção Brasileira
- Rock in Rio
- Diego Souza

[Centro de Ajuda do Twitter](#)
Saiba mais sobre o Twitter e encontre soluções para os problemas mais comuns. Selecione Português no menu de

er.com/_ihu

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 26-09-2011
<p>Evento: Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia Palestrante: Prof. Dr. Fernando Maccari Lara - FEE/Unisinos Tema: Karl Marx: importância e atualidade de sua obra em tempos de crise financeira Horário: 20 às 22h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: http://bit.ly/ndTF3S</p>
<p>Evento: Giorgio Agamben: "O Homo Sacer I, II, III . A exceção jurídica e o governo da vida humana" Palestrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos Tema: Força de lei Horário: 14 às 17h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: http://bit.ly/qQ7NQP</p>
Dia 27-09-2011
<p>Evento: Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos nas Políticas Públicas Palestrante: Prof. Dr. Paulo de Martino Januzzi - Secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social Tema: Indicadores socioeconômicos e políticas públicas Horário: 19h30min às 22h Local: Auditório Bruno Hammes - C4 Maiores informações: http://bit.ly/oCfCTc</p>
Dia 28-09-2011
<p>Evento: Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos nas Políticas Públicas Palestrante: Prof. Dr. Paulo de Martino Januzzi - Secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social Tema: Indicadores socioeconômicos, concepções, metodologias e políticas públicas; Pesquisas realizadas no MDS Horário: 9h às 11h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU Maiores informações: http://bit.ly/oCfCTc</p>
<p>Evento: Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos nas Políticas Públicas Palestrante: ObservaSin, ObservaPOA, Observatório do Trabalho, Observatório da Juventude, Observatório PPG Letras Unisinos, Observatório de Seg. Pública de Canoas e Wikicidade - Unisinos Tema: Indicadores socioeconômicos, concepções, metodologias e políticas públicas Horário: 11h15min às 18h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU Maiores informações: http://bit.ly/oCfCTc</p>
Dia 29-09-2011
<p>Evento: IHU ideias Palestrante: MS Júlia Coelho de Souza - Pesquisadora Associada e Técnica do NEA/ITCP/UFRGS Tema: Do consumo responsável à responsabilidade no consumo: reflexões sobre cadeias agroalimentares, slow food e mercados alternativos Horário: 17h30min às 19h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU Maiores informações: http://bit.ly/oxFVZB</p>

A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin

Força de lei é o tema do evento desta semana, que norteia o artigo do seu conferencista, o filósofo espanhol Castor Bartolomé Ruiz

POR CASTOR BARTOLOMÉ RUIZ

“**A** exceção desmascara o soberano que tem o poder de decidir sobre a ordem e, como consequência, tem a potência de capturar a vida humana como vida sem direitos, um homo sacer”. A afirmação faz parte do artigo a seguir escrito por Castor especialmente à IHU On-Line, adiantando aspectos que irá tratar na conferência Força de lei, dentro da programação do evento Tópicos Especiais II: Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III . A exceção jurídica e o governo da vida humana”, nesta segunda-feira, dia 26-09-2011. Confira a programação completa do evento em <http://bit.ly/qQ7NQp>.

Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos, Castor Bartolomé Ruiz é graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006); *Propiedad o alteridad, un dilema de los derechos humanos* (Bilbao: Universidad de Deusto, 2006); *Os Labirintos do Poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Leia, ainda, o livro eletrônico do XI Simpósio Internacional IHU: o (des) governo biopolítico da vida humana, no qual Castor contribui com o artigo *A exceção jurídica na biopolítica moderna*, disponível em <http://bit.ly/a88wnF>. Confira o artigo.

Giorgio Agamben¹, em sua obra *Es-*

¹ Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://>

tado de exceção - Homo sacer II, desenvolve seu estudo sobre esta figura jurídico-política remarcando que ela representa uma zona de indistinção que está dentro e fora do direito. Nela a vida humana é capturada como mera vida nua. Ao ser suspenso o direito, a vida fica desprotegida como pura vida natural. Mas a captura da vida humana na exceção revela também a potência da vontade soberana que tem o poder de suspender os direitos e, como consequência, a ordem jurídica. A exceção desmascara o soberano que tem

migre.me/uNkY. Confira, também, a entrevista Compreender a atualidade através de Agamben, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna, disponível em <http://migre.me/uNo5>. (Nota da IHU On-Line)

o poder de decidir sobre a ordem e, como consequência, tem a potência de capturar a vida humana como vida sem direitos, um *homo sacer*.

Agamben destaca que o interesse contemporâneo por esta temática tem muito a ver com o eficiente papel político que desenvolveu na implementação dos fascismos e do nazismo na Europa. Ao que poderíamos acrescentar sua importância para a implantação das ditaduras latino-americanas de toda índole, em particular as que se impetraram durante a segunda metade do século XX. Agamben destaca que o debate contemporâneo sobre o estado de exceção remete a dois autores principais: Carl Schmitt² e Walter Ben-

² Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A IHU On-Line 139, de 2-05-2005, publicou o artigo O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A

jamin³. O paradoxal destas referências é que Schmitt é um teórico do autoritarismo que contribuiu amplamente para legitimar juridicamente o regime nazista, enquanto Benjamin é um radical militante antifascista que pagou com a própria vida seu compromisso intelectual contra o nazismo.

Agamben destaca o diálogo explícito e encoberto que ambos os autores sustentaram a respeito do estado de exceção como chave hermenêutica para entender algumas consequências genealógicas. Schmitt escreveu em 1921 sua obra *Die Diktatur*; nela faz uma distinção entre ditadura comissária e ditadura soberana. Na ditadura comissária o estado de exceção visa defender ou restaurar a constituição vigente e, para tanto, suspende seu efeito. Na ditadura soberana anula-se a ordem jurídica existente, mas em seu lugar não fica o vazio do poder, a anarquia, senão que vigora o estado de exceção em que a vontade soberana é lei para a nova ordem.

Em 1922 Schmitt escreveu uma segunda obra *Politische Theologie*, na qual não mais relaciona o estado de exceção com as diversas formas de ditadura, mas introduz a decisão como figura política da soberania. Nos dois livros Schmitt se propõe mostrar que o estado de exceção pertence a uma forma de ordem jurídica e não de anarquia. Embora reconheça que tal articulação é controvertida, uma vez que aquilo que deve ser inscrito no direito, a exceção, é algo extrínseco ao próprio direito. Nessa última obra Schmitt destaca a importância da decisão (soberana) como a garantia última do direito e da ordem. Ao suspender a ordem, a exceção revela um elemento formal e jurídico: a decisão. Nessa obra a doutrina da exceção se torna a base da teoria da soberania.

Walter Benjamin escreveu no ano 1921 seu ensaio: *Zur Kritik der Gewalt (Crítica da violência: crítica do poder)*. O ensaio foi publicado na revista

fascinação por noções fundadoras do nazismo. (Nota da IHU On-Line)

3 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

Archiv für Sozialwissenschaften und socialpolitik, n. 47, da qual Schmitt era leitor assíduo e também colaborador. O ensaio de Benjamin inicia com a ambiguidade do próprio título em que o termo *Gewalt* pode significar, indistintamente, poder e violência. Essa ambiguidade será mantida de forma deliberada (ou não?) ao longo de toda a obra, de forma que o leitor é induzido a ler violência quando em muitos casos pode significar poder, e vice-versa. Ainda cabe questionar se a unificação em *Gewalt* de poder e violência obedece ao princípio de que todo poder é violento e toda violência é poder. Temos neste conceito o primeiro elemento de debate e questionamento pois nem todo poder é violento. Hannah Arendt, em sua obra *Sobre a revolução*, propôs-se a fazer distinções conceituais mostrando que o sentido positivo do poder inerente à ação política. Foucault desenvolveu mais amplamente as pesquisas sobre o poder mostrando que o poder deve ser entendido como potência. Há muitas formas de poder como potência, inclusive pode ter um sentido positivo: poder salvar, poder curar, poder ajudar, poder ensinar... O poder é inerente à relações humanas e não deve ser confundido como a mera violência. Mas o ensaio de Benjamin mantém deliberadamente a indistinção o que obriga a todos os intérpretes a acrescentar mais esta dificuldade.

Diferentes violências

Benjamin faz nesse ensaio uma diferença entre violência que institui e conserva o direito, que seria uma violência mítica, e a violência que depõe o direito, que seria uma violência divina. Esta se traduziria politicamente por uma violência revolucionária. O direito não pode admitir que exista uma violência fora do direito, por isso tende a deslegitimar toda violência contra a ordem como ilegítima. Recordemos que a greve foi declarada, ainda nos tempos de Benjamin, como uma violência inadmissível contra a ordem. Na atualidade ela está regulamentada por direito e se decretam como ilegítimas outras formas de luta social (ocupação de terras, moradias, etc.) acusando-as de violência fora do direito. O objeti-

vo de Benjamin é provar que há uma violência (poder?) fora do direito que não se limita a criar novo direito nem a conservá-lo, mas que pode instaurar uma nova época histórica.

Embora Benjamin não mencione em seu ensaio sobre a *Crítica da violência*, 1922, o conceito de exceção, sua tese questiona radicalmente a de Schmitt na sua obra *Die Diktatur*, 1921, daí que seja legítimo pensar que a obra do ano seguinte *Politische Theologie*, seja uma espécie de resposta não declarada ao ensaio de Benjamin. Schmitt tenta mostrar que não é possível uma violência fora do direito, pois na exceção que suspende o direito a violência se encontra incluída por sua própria exclusão. Para Schmitt a vontade soberana concentra a potência de toda violência, negando a tese de Benjamin, segundo a qual é possível uma violência pura, fora do direito e não reconhecida como proveniente de uma decisão, mas originária de uma ação humana inteiramente anônima.

Em 1928 Benjamin escreve sua obra *Origem do drama barroco*. Conserva-se uma carta de Benjamin a Schmitt de dezembro de 1930 em que Benjamin afirma o reconhecimento e a influência que a obra de Schmitt teve no desenvolvimento do conceito de estado de exceção na *Origem do drama barroco*. Agamben desafia a fazer uma leitura crítica (quase irônica) do texto de Benjamin como sendo uma resposta ao modelo de exceção defendido por Schmitt. Benjamin em seu texto introduz uma ligeira mais decisiva modificação a respeito da relação do soberano barroco com o estado de exceção. Para Benjamin, a concepção barroca de soberania desenvolve-se a partir do debate sobre o estado de exceção e se atribui ao príncipe o cuidado de *excluí-lo*. O príncipe barroco tem como atribuição excluir o estado de exceção e não decidir sobre ele. Isso altera nos fundamentos a concepção de Schmitt sobre a relação entre soberania e exceção. A tese de Benjamin é que o soberano não pode decidir sobre a exceção incluindo-a na ordem, mas excluindo-a de toda ordem. Deve deixar a exceção fora da ordem.

Esta leve (e aguda) modificação de Benjamin leva-o a formular uma teoria

da *indecisão soberana*. Se para Schmitt o que vincula a soberania à exceção é a decisão, Benjamin mostra que o soberano barroco está permanentemente impossibilitado de decidir. Desta forma tão sutil Benjamin estaria respondendo as teses de Schmitt na obra *Politische Theologie*, que por sua vez pretenderia criticar o ensaio de Benjamin *Por uma crítica da violência*.

A conclusão de Benjamin é ainda mais extrema. O deslocamento sobre o paradigma da exceção não mais conduzirá ao milagre, como preconizava Schmitt, mas que levará inexoravelmente para a catástrofe. Tal catástrofe é decorrência de uma convicção escatológica do barroco. Um tempo que produz um *eschaton* vazio, sem redenção, e permanece imanente ao tempo. A escatologia que não tem um além redimido, mas que entrega a terra a um céu vazio, configura o estado de exceção como catástrofe. O estado de exceção não aparece mais em Benjamin como o limiar que articula o dentro e o fora do direito e da soberania. Ele é uma zona de indeterminação em que a criação e a própria ordem jurídica são arrastadas para a mesma catástrofe. Na tese IX *Sobre o conceito de história*, Benjamin desenvolverá a categoria de catástrofe. Enquanto a modernidade vê o progresso como uma lei inexorável dos vencedores, o anjo da história olha para trás e percebe que esse progresso está fabricado sobre multidões de vítimas da história. *“Onde vemos acontecimentos, ele vê uma catástrofe única”*. O anjo gostaria de voltar e ajudar os vencidos da história, mas um vento impetuoso (o progresso) o impede. A leitura da história desde os vencidos levará Benjamin a exclamar, na tese eficiente VII dessa obra, que *“nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie”*.

Um outro capítulo deste debate, o último e decisivo para Benjamin, se encontra na VIII *Tese sobre o conceito de história*. Nela Benjamin afirma explicitamente: *“A tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos se tornou a regra. Devemos chegar a um conceito de história que corresponda a este fato.*

Teremos então como tarefa a produção de um estado de exceção efetivo; e isso fortalecerá nossa posição contra o fascismo”. A primeira parte da tese, que o estado de exceção se tenha tornado regra, resulta compreensível, especialmente no apogeu dos fascismos desse momento. Contudo, ela ainda tem uma outra leitura, para os excluídos sociais que vivem privados de direitos fundamentais, a exceção que suspende de fato (ainda que não de direito) esses direitos, tornou-se a norma de sua vida. Para os excluídos a exclusão é seu modo normal de vida. Vigora sobre suas vidas a suspensão de determinados direitos fundamentais, o que torna suas vidas vulneráveis e as condena a zonas de indignidade.

O que Benjamin (d)enuncia em sua tese VIII é que a exceção e a normalidade se tornaram indiscerníveis. Exceção e regra se fundiram ao ponto de agir de forma unitária. Nesse caso a distinção entre violência e direito desaparece, propiciando o aparecimento de uma zona de anomia em que age uma violência sem roupagem jurídica. Benjamin desmascara a pretensão estatal de querer anexar-se a tal zona de anomia através do estado de exceção. Benjamin se propõe pensar uma exceção que esteja livre do direito. Uma zona de anomia em que a vida humana não caia nas malhas da *violência soberana*. O que ele denomina de verdadeiro estado de exceção contra o fascismo, poderia ser entendido como uma exceção da exceção. Uma suspensão da violência sobre a vida humana exercida como violência mítica do direito que a captura sob uma ordem e a mantém nela. Enquanto Schmitt se esforça ao máximo por reinscrever toda violência no contexto jurídico, Benjamin procura assegurar uma *“Gewalt pura”* além do direito, que possibilitaria à vida humana existir por si mesma sem submissão à violência institucional.

Esta tese de Benjamin aparece como o enigma da esfinge que, se não se decifra corretamente, te devora. Apelar para o conceito de *reine Gewalt* (poder ou violência pura) como recurso para defender a vida da violência e além do direito, resulta quase um aforismo délfico. Agamben chama aten-

ção para o conceito puro (*reine*). Para Benjamin, o puro não reside na essência das coisas, mas na relação que as constitui: *“não origem da criatura não está a pureza, mas a purificação”*. O que desloca o debate sobre a diferença entre violência pura e violência mítica para uma relação com algo exterior. Tal relação foi delimitada por Benjamin no início do seu ensaio *Por uma crítica da violência*, quando afirma que a crítica da violência há de ser definida em sua *relação* com o direito e a justiça. Para o direito, a violência está sempre envolvida na lógica de fins e meios. Para o jusnaturalismo a violência se legitima pelo fim justo; para o positivismo a legitimidade da violência está nos meios pelos quais se torna legítima. Em ambos os casos, a violência é um meio para um fim: a defesa do direito e a ordem social. Nessa lógica a vida humana fica capturada pela ameaça da violência e portanto deve ser manter submissa ao direito e a ordem para não sofrê-la.

Vida enclausurada

Schmitt pretende enclausurar a vida no direito; pretende identificar o direito com ordem, sendo a decisão soberana quem estabelece e garante a ordem jurídica. Esta se baseia, em última instância, no dispositivo da exceção que tem por objetivo tornar a norma aplicável, suspendendo provisoriamente sua eficácia. Benjamin se propõe a pensar uma vida fora do direito, uma justiça não mítica nem contaminada pela lei, que ele denominará de justiça divina. Que justiça é esta e como pode se relacionar com uma violência pura que redime a vida de toda violência? A violência divina, sem dúvida, faz referência à relação implícita da teologia com a política. Algo que a modernidade sempre quer esconder ou pretende desconhecer. Os laços que vinculam ambas as dimensões são muito mais estreitos do que podemos imaginar. No caso que nos ocupa, a exceção jurídica, temos que realocar o debate no campo linguístico para entender seu real significado político e teológico.

A exceção opera como dispositivo jurídico político que suspende a lei deixando-a em vigor, porém sem va-

lidade. É uma lei sem valor mas que vigora. Ela tem uma vigência sem significado. Na exceção opera um dispositivo que reduz a lei a uma vigência sem significado. Os direitos estão formulados e se consideram vigentes, porém não têm validade porque estão suspensos. Ainda quando ocorre a exceção soberana, que anula toda ordem jurídica, opera um mecanismo inverso, a lei, que não existe mais (não vigora) porque foi anulada, tem validade plena no arbítrio da vontade soberana. Na exceção plena a vontade soberana é lei, nesse caso a lei que não vigora (porque não está formulada juridicamente) se aplica imediatamente no arbítrio soberano.

A lei que vigora sem significado é amplamente representada por Kafka em sua obra *O processo*. Uma lei vazia, que vigora como lei mas que não se aplica como solução para a vida. A fórmula da exceção que suspende a aplicação da lei, mantendo a sua vigência, atinge diretamente a vida humana. O que se suspende da lei é aquilo que favorece a vida humana, os direitos que possibilitam sua defesa e emancipação. É uma lei vazia, que reconhece os direitos, mas que não os aplica. Kafka denuncia tal vazio como elemento constitutivo do sistema jurídico e Benjamin o estende para a compreensão do direito como instrumento da imposição da ordem. A conexão desta problemática com a teologia aparece nítida na tese de São Paulo sobre a lei em relação à salvação e vida. A lei, para São Paulo, é um artifício que não consegue dar a plenitude da vida. Ela vigora sem significar. Representa um paliativo para a vida, porém a vida para atingir sua plenitude, a salvação teológica, terá que se libertar da lei. São Paulo, principalmente na carta aos Romanos, é enfático em afirmar que a lei existe como meio para culpar a vida. Sem lei não há culpa. A verdadeira vida existe além da lei.

Benjamin contra Schmitt se propõe a pensar uma vida além do direito, uma vida que não seja coagida pelo direito e que para viver em plenitude possa até prescindir do direito. Este é o verdadeiro estado de exceção que ele preconiza. A verdadeira exceção (uma exceção da exceção) dispensaria o di-

reito porque o tornaria desnecessário. Agamben destaca que é neste sentido que Foucault também afirmaria a tese de que é necessário pensar um novo direito livre de toda disciplina e de toda relação com a soberania. Como pode ser pensada uma vida sem direito? Agamben destaca que esta questão foi explicitamente formulada primeiramente pelo cristianismo primitivo, e depois pela tradição marxista. O cristianismo primitivo, especialmente o pensamento de São Paulo, colocou a questão de viver numa ordem social (o império), porém com a urgência de pensar a nova ordem (a Parusia). Na nova ordem a vida humana estaria plenamente libertada da lei. É uma ordem pleromática em que a salvação se realiza pela plenitude da vida e por isso mesmo torna desnecessária a lei. A vida plena suspende definitivamente a lei. Seria o estado de exceção verdadeiro. São Paulo é ciente da tensão que supõe viver na ordem do império, com a lei, mas na expectativa da nova ordem da vida salva, sem lei. Por isso propõe uma relação agonística diacrônica com o império e a lei. Ele aconselha a todos os cristãos a viverem na ordem social numa tensão do *já sim mas ainda não*. Estar na ordem sem se acomodar a ela. Esta é uma fórmula política da compreensão messiânica da histórica. Na confiança de que a nova ordem virá, é necessário não se submeter docilmente à ordem do império. Para tanto São Paulo ainda formula que a melhor forma de tornar inválida a lei do império para os cristãos é superá-la com a vida. Os cristãos não devem se submeter às leis e serem obedientes porque estão decretadas; eles devem superá-las, ir além das leis, invalidá-las por práticas que as tornem fúteis e desnecessárias. Neste ponto São Paulo aposta no amor como prática que supera a lei. Ainda está por se desenvolverem as potencialidades políticas do amor como categoria que invalida a lei.

Um anão feio

Agamben destaca que foi na tradição marxista que esta problemática da verdadeira exceção tornou-se um problema político central. O ideal da sociedade comunista em que cada

um dá segundo suas possibilidades e recebe segundo suas necessidades (fórmula literal das comunidades cristãs primitivas nos Atos dos Apóstolos) dispensa o Estado e seus dispositivos jurídicos de poder/violência (*Gewalt*). O anarquismo é a corrente política que mantém aceso o problema como um tema político de primeira ordem. Na tradição marxista o problema criado é que, para se chegar à sociedade sem classes, que dispensa a violência do direito, pensou-se numa fase de transição através da *ditadura do proletariado*. Justamente aquilo que se pretendia suspender, a exceção, é proposta com fórmula política. A ditadura do proletariado é o estado de exceção pensado de forma transitória, embora historicamente nunca realizou tal transição. O que tornou a exceção a regra de governo. O cristianismo viveu sua própria decepção, uma vez que, em vez de manter a tensão do *já sim mas ainda não*, proposta por São Paulo, assimilou-se à ordem imperial instalando-se dentro do poder com um aparato jurídico próprio.

Contudo, a tese que Benjamin se propõe a pensar sobre a possibilidade de uma vida além do direito remete diretamente às potencialidades teológicas da política. Há uma aposta messiânica de Benjamin que pensa a história como possibilidade de ruptura a qualquer momento. Ele define o messias como o instante em que a ruptura pode acontecer. Não se resigna a uma concepção mecânica do progresso histórico e pensa a história como acontecimento. O que abre a possibilidade de uma passagem para a justiça não é a anulação do direito, mas a sua atual desativação de modo que possa dar lugar a um outro uso. A justiça divina é a que consegue anular todo direito fazendo que a vida humana possa viver plenamente sem a violência da lei. A justiça divina é a exceção definitiva, a exceção da exceção. Ainda podemos pensar que se a exceção jurídica, tal e como a fórmula Schmitt, tem por objetivo suspender a vigência do direito para capturar a vida humana, não é a mera norma, que regula o que pode ou não ser feito, a que realiza a vida humana. Pelo contrário, a biopolítica moderna mostra que a norma é o

instrumento pelo qual a vida é apreendida como objeto de adestramento utilitarista. A vida normatizada é controlada como recurso produtivo e governada como bem útil a serviço de outros fins. A exceção jurídica não se neutraliza com a norma, pois ambas capturam a vida humana, cada uma a seu modo, com o objetivo de instrumentalizá-la.

Embora Agamben não desenvolva o tema, cabe pensar na condição agônica do ser humano que lhe permite tensionar a realidade, aceitando sua contingência. Se a lei não é o que realiza a vida, a exceção é o dispositivo que permite condená-la a um controle extremo. Nesse caso, a potência teológico-messiânica da política a deixa inconformada com a submissão da vida à ordem jurídica e torna inaceitável a exceção como dispositivo de controle. Porém, cabe pensar em que a verdadeira exceção, aquela que torna desnecessário o direito para a vida, tem uma outra vertente prática na gratuidade. Os atos de gratuidade dispensam a lei. O que se faz de graça anula a norma que obriga a fazer. A gratuidade supera toda lei, suspende sua validade tornando-a desnecessária. As condutas de gratuidade desconhecem a lei porque sua relação não é com a norma mas com a vida. O específico da

gratuidade é que não cumpre a norma que manda fazer algo; pelo contrário, relaciona-se diretamente com a vida do outro. O que se faz de graça tem como referência direta a vida e não a lei. A lei não pode mandar fazer de graça. A graça é que invalida toda lei. Ao agir por e com gratuidade tem-se como referência a relação com o outro, sua realização. A lei que pretender normatizar a gratuidade a anulará. A essência da gratuidade é a dispensa total da norma e do direito. A vida que se realiza pela gratuidade realiza-se além do direito. De alguma forma implementa a plenitude do direito porque o dispensa, o torna desnecessário. Na medida em que a gratuidade diminui, o direito aumenta. Quanto menos gratuita é uma ação, mas tem que ser normatizada. A suspensão do direito pela gratuidade é o ato de poder (*Gewalt*) supremo que não nega vida, mas que a realiza. O poder da gratuidade é superior ao do direito no que se refere à realização da vida humana. Isso torna o poder (*Gewalt*) da graça um poder puro porque está em relação à vida humana, a vida do outro.

Talvez este breve exemplo possa nos mostrar que as potencialidades políticas da teologia não estão ainda totalmente exploradas. Remetemos à metáfora que Benjamin utiliza em sua

Tese sobre o conceito de história, em que representa a teologia como um anão feio e escondido debaixo do tabuleiro da história, que ninguém vê, mas que maneja os fios da política. O objetivo da teologia na política não é sedimentar a ordem jurídica que normatiza a vida, mas pensar a possibilidade de uma vida política que se realiza além da normatização biopolítica ou do controle violento da exceção jurídica.

LEIA MAIS...

Castor Ruiz já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* O campo como paradigma biopolítico moderno. Revista IHU On-Line, edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nPTZz3>

* Homo sacer. O poder soberano e a vida nua. Revista IHU On-Line, edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://bit.ly/naBMm8>

* “O campo não foi inventado pelos nazistas. Eles só levaram a suas últimas consequências a figura política da exceção”. Notícias do Dia 26-07-2011, disponível em <http://bit.ly/qzaodV>

* Esquecer a violência: uma segunda injustiça às vítimas. Notícias do Dia 17-04-2011, disponível em <http://bit.ly/fkJo2T>

* Alteridade, dimensão primeira do sujeito. Revista IHU On-Line, edição 334, de 21-06-2010, disponível em <http://bit.ly/ce9wfa>

* A exceção jurídica na biopolítica moderna, Revista IHU On-Line, edição 343, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/dk0Sv5>

Karl Marx e a crise financeira

Em tempos de crise econômica global, uma boa alternativa pode ser retomar os autores clássicos da economia, no sentido de buscar possíveis respostas para o cenário atual. É dentro desta proposta que o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove o **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia**, que busca discutir as possibilidades e os limites de uma economia social e eticamente regulada e fomentar o debate de ideias a fim de se perceber uma possível contribuição para a solução de problemas do nosso tempo ou, no mínimo, procurar alertar para que não se repitam os mesmos erros.

Hoje, dia 26 de setembro, é dia de estudar sobre Karl Marx, a impor-

tância e atualidade de sua obra em tempos de crise financeira. Quem conduz o debate das 20h às 22h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, é o professor Dr. Fernando Maccari Lara, da Unisinos.

Para ele, Marx é, sem dúvida, “um dos mais importantes economistas políticos clássicos. Sua investigação trouxe contribuições nos dois campos essenciais: a teoria do valor e distribuição e a teoria da acumulação”. A respeito da teoria do valor e distribuição, Fernando Lara recorda que Marx “introduziu o esquema de preços de produção e, na teoria da acumulação, foi um dos pioneiros no questionamento à lei de Say”, observando que a “‘realização’ da mais-valia e da produção em geral dependia essencialmente dos gastos capita-

listas”. No entanto, como é comum entre os pensadores, continua Lara, Marx “deixou algumas lacunas, a partir das quais puderam avançar outros economistas políticos importantes como Kalecki e Sraffa. O aspecto da continuidade no trabalho intelectual dos economistas políticos clássicos é de fundamental importância e foi certamente valorizado por Marx, que empreendeu um exaustivo estudo para compreender a história do pensamento clássico, publicado sob o título de *Teorias da mais-valia*”.

O **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia** segue até o dia 7 de novembro de 2011. O próximo autor a ser estudado será John Keynes, em 10 de outubro. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/ndTF3S>

Do consumo responsável à responsabilidade no consumo

Julia Coelho de Souza considera que o consumo é um ato repleto de coletividades e permeado por emaranhados sociopolíticos. “Além do consumo responsável não ser sozinho, ele não é isento”, explica

POR GRAZIELA WOLFART

Você reflete antes de comprar ou consumir algo, no sentido da sua responsabilidade como consumidor, pensando em como aquele produto foi fabricado? Pois a ideia de consumo responsável, segundo a pesquisadora Julia Coelho de Souza, “traz a proposta de que o consumidor é responsável pelas desejadas mudanças e melhorias sociais e ambientais rumo a um planeta mais verde e a uma sociedade mais justa, isentando absolutamente todo o sistema institucional e político mais amplo (seja nos sistemas agroalimentares, no consumo de bens duráveis, de cultura, de informação, de viagens)”. Julia estará à frente do debate “Do consumo responsável à responsabilidade no consumo: reflexões sobre cadeias agroalimentares, slow food e mercados alternativos” na próxima quinta-feira, dia 29 de setembro, em mais uma edição do evento IHU ideias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Julia destaca que “a construção e a distorção das imagens relacionando os aspectos saudável, ecológico, puro e sustentável a partir de uma matriz produtiva que se sustenta na pobreza, na desigualdade, na devastação da biodiversidade e da transgenia, realizada através das articulações de detentores de commodities, de sementes e do grande monopólio alimentar, é algo assustador”.

Julia Coelho de Souza possui formação acadêmica multidisciplinar, abrangendo estudos sobre mediações político-culturais no meio rural. Dedicou-se a projetos em gestão de empreendimentos associativos, cadeias agroalimentares, planejamento e organização territorial a partir de sistemas produtivos e redes socioeconômicas. Integra o Núcleo de Economia Alternativa e Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, vinculado à Faculdade de Ciências Econômicas na qualidade de pesquisadora associada e membro da equipe técnica. Atualmente, tem se voltado a investigar, através de uma perspectiva culturalista, o papel das mediações político-sociais entre sujeitos sociais coletivos e instituições. É também tutora do Curso de Graduação Tecnológica em Gestão Rural (UAB/PGDR/UFRGS); colaboradora na Equipe Editorial da Revista Brasileira de Agroecologia e colaboradora no Projeto Pedagógico da 8ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que diferenças podemos estabelecer entre o consumo responsável e a responsabilidade no consumo?

Julia Coelho de Souza - O consumo responsável é entendido como “a forma comum” do papel político do consumidor. A forma como tem se visto o apelo midiático a uma atitude responsável por parte dos consumidores é muito mais um apelo ao consumo de classe média de “produtos verdes”, com foco no aspecto ecológico, justo, sustentável. É uma tendência de consumo, a moda do responsável, do papel

cidadão. A responsabilidade no consumo residiria num segundo olhar sobre essa responsabilidade e esse consumo, uma “segunda pele” ou mesmo níveis mais profundos de reflexão sobre esse papel do consumidor, responsável pela “cura” do planeta e pela justiça social através do ato de compra de produtos, bens, dos mais variados tipos. Na verdade, uma das questões-chave é: “em que tipo de produção esse consumo se insere”?

A questão da responsabilidade no consumo significa a compreensão do sistema onde se insere o consumo e

o produto consumido. Seria a capacidade crítica e reflexiva de contextualizar a produção e o consumo numa perspectiva de projetos e modelos de desenvolvimento que estão em questão: seja quando se opta, no ato de compra, por um ou por outro produto, ou mesmo no quanto essa opção de consumo efetivamente modifica todo um sistema de produção, ou ainda o quanto o ato do consumo, mesmo deste consumo crítico, é reflexo de quais políticas de desenvolvimento. Os questionamentos possíveis e pertinentes são muitos, pois me parece falaciosa a

ideia de que no consumo da classe média e alta existe um problema grave de (des) equilíbrio ambiental. Existem, sim, problemas sociais de desigualdade, exploração e diversas outras questões outrora abafadas que estão vindo à tona na sociedade de maneira geral hoje em dia (dentro de um longo contexto de lutas ambientais, de classe, etc.). E essa atitude de consumo “qualificado” talvez seja o impulso essencial para mudanças nesse equilíbrio, na natureza do planeta terra, na sociedade ou no que quer que seja que se deseje quando se compra um determinado produto nas prateleiras dos supermercados, ou nas feiras, nos restaurantes, nos sítios de compras, para além do próprio produto, como um objeto de consumo.

A ideia que está sendo construída, via de regra, traz a proposta de que o consumidor é responsável pelas desejadas mudanças e melhorias sociais e ambientais rumo a um planeta mais verde e a uma sociedade mais justa, isentando absolutamente todo o sistema institucional e político mais amplo (seja nos sistemas agroalimentares, no consumo de bens duráveis, de cultura, de informação, de viagens).

IHU On-Line - Que ações práticas caracterizam um consumidor responsável?

Julia Coelho de Souza - Sem estabelecer aqui “tipos” de consumidor (“o responsável” e “o que tem responsabilidade”), me parece que a prática da responsabilidade no consumo é, antes, uma atitude crítica e reflexiva para, a partir daí, pensar na materialidade do consumo ou de práticas que levem a um “consumo responsável”, crítico. Claro que, no âmbito das cadeias agroalimentares, atitudes como a escolha de mercados em que se consome, escolha de marcas, busca das informações de origem, procedências tidas pelos consumidores são atitudes importantes que, de certa forma, caracterizam um consumidor responsável. Parte dessa responsabilidade está na seleção que se faz no consumo, e isso em um espectro bem amplo de consumo, inclusive de informações, de cultura, de produtos e subprodutos das mais distintas indústrias.

Imagino que o que se consome em termos de conteúdo de imagem (de propagandas e campanhas, da história contada, de versões) se reflete em opções de consumo de grande parte da sociedade. Isso quer dizer, também, que tem uma grande e convincente “máscara” entre produtos, processos e mercados. Um exemplo bem elucidativo, nesse sentido, é o consumo de sucos e leites refrescantes e saudáveis, com “selos verdes” (pelo menos na embalagem, enquanto um elemento no *layout* do produto) em forma de folha, onde está escrito algo como “leve, saudável e natural”, quando são feitos a partir de um subproduto de soja transgênica. Existe aí uma contradição, uma confusão que é um divisor de águas para se definir as escolhas de consumo como responsáveis, críticas, reflexivas e claras quanto ao que se refere efetivamente a essa “escolha” individual (e porventura coletiva também) de consumo.

A construção e a distorção das imagens relacionando os aspectos saudável, ecológico, puro e sustentável a partir de uma matriz produtiva que se sustenta na pobreza, na desigualdade, na devastação da biodiversidade e da transgenia, realizada através das articulações de detentores de commodities, de sementes e do grande monopólio alimentar, é algo assustador. O problema é que, como são essas empresas que “organizam” a alimentação de grande parte dos países (diga-se, com base em poucas espécies animais e vegetais, desnutridas de conteúdo nutricional e cultural), existe um conflito de interesses e, como falamos antes, de projetos de sociedade.

IHU On-Line - Quais as principais reflexões que você trará para o debate sobre cadeias agroalimentares, *slow food* e mercados alternativos?

Julia Coelho de Souza - A reflexão é sobre os processos (políticos, econômicos, culturais) envolvidos no processo de produção, comercialização e consumo, com o foco nas cadeias agroalimentares. Para entender de forma mais clara a delimitação conceitual dessas cadeias, me apoio na reflexão de Terry Marsden, geógrafo holandês, sobre os sistemas agroalimentares e

as cadeias curtas e longas. A cadeia envolve todo o caminho e relações: a produção, os processos e beneficiamentos, a distribuição e suas redes, atores sociais individuais e coletivos. Nisso se insere a discussão dos mercados alternativos e, de certa forma, as cadeias que fomentam algumas das redes e grupos participantes das ações do movimento *slow food*. Aqui vale uma separação também, não para dividir, mas para explorar melhor cada um dos temas.

Como “mercado alternativo”, podemos entender diversas formas de mercado, de redes de compras por internet, passando pelo comércio informal nas cidades, até as feiras de trocas e boutiques especializadas de produtos com determinado atributo. Um “mercado alternativo” não existe sozinho; ele é alternativo em relação a algo. Então é preciso delimitar, ou pelo menos entender, com qual campo de forças se está lidando, quais são as disputas que estão envolvidas, a partir do alternativo em relação à estrutura ou as dinâmicas sociais atuais, colocadas à coletividade da sociedade como situação, como verdadeiras.

Aqui estamos pensando nas dinâmicas dos mercados que envolvem alimentação, buscando observar alguns desdobramentos das dinâmicas de produção, distribuição e consumo de alimentos e entendendo alimentação como um produto de consumo e como um bem simbólico. Tudo isso na intenção de identificar alguns dos tantos processos políticos diretamente envolvidos nas dinâmicas de distribuição de alimentos, talvez fator primeiro na relação com o consumo e a produção.

IHU On-Line - O que faz parte do conceito de *slow food* hoje?

Julia Coelho de Souza - Meu envolvimento com o *slow food* aconteceu durante os anos de 2008 e 2009 e, desde então, não tenho me envolvido tanto com os grupos *slow food* a ponto de poder situar o debate atual conceitual no âmbito dessa organização. O que posso é buscar alguns fios de relação entre os debates que estão sendo colocados e algumas linhas de ação puxadas por essa organização, essa rede formada por sujeitos sociais individuais e coletivos.

A ideia de alimentos como fortaleza e comunidades do alimento me parecem riquíssimas para relacionar o tema da biodiversidade (agrobiodiversidade, sociobiodiversidade) e dos processos culturais envolvidos na produção, comercialização e consumo de alimentos, com a grande campanha, ou mesmo essa busca contemporânea, por um papel político do consumidor e dos atores sociais envolvidos. Aí se unem de maneira interessante o consumidor final e, seguindo a cadeia, os distribuidores de produtos agroalimentares (que podem ser o supermercado, loja especializada ou mesmo o restaurante gerenciado por chefes de cozinha), envolvendo os diferentes elos destas amarras, com o produtor, seu meio produtivo (ambiental, cultural). A iniciativa desta organização de identificar alimentos como fortalezas traz consigo uma ideia e ação de salvaguarda em relação a determinados alimentos, o que é muito importante e interessante. Esta pauta se organiza através de estímulo a projetos concretos de desenvolvimento e fomento à produção (seja agrícola ou mesmo extrativista) em relação à territorialidade (contexto socioeconômico, espacial e cultural) onde se insere esse produto. É uma importante “lembran-

ça” que muitos processos produtivos estão diretamente relacionados com comunidades, com culturas, com saberes e sociabilidades através de um bem de consumo é um gancho interessante para o debate do consumo e do fomento de cadeias produtivas inseridas em modelos e paradigmas de desenvolvimento social e econômico.

O que é importante colocar nesse momento é que existem referências para o *slow food* em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. A indicação que tenho é o e-mail de um grupo local de articulação da organização *slow food* com a pesquisa acadêmica e os saberes locais em cima do que se conceitua como “produtos da terra”. O contato com esse grupo é produtosdaterra@slowfoodbrasil.com

IHU On-Line - Qual o papel da economia solidária neste contexto de consumo responsável?

Julia Coelho de Souza - A economia solidária é outro conceito que tem que ser trabalhado com a atenção de atribuir sentido a esse tema, situando-se, primeiramente, o que se entende como economia solidária, ou em ter-

mos práticos, como tenho buscado trabalhar com esse tema no âmbito do coletivo em que me insiro hoje. Como política pública, efetivamente não se está avançando muito no sentido da aposta no debate político entre economia solidária e consumo. O tema da economia solidária (assim como o *slow food*), como um “movimento”, não é facilmente aceito e digerido de maneira consensual, clara, o que para além de ser simplesmente uma posição teórica, reflete-se em diversas instâncias políticas, de legitimação, de articulação e de fomento. Na UFRGS estamos experimentando o fomento a circuitos de informação, estímulo para a formação de redes que se direcionem à formação de atores sociais coletivos. Esse sentido de coletividade, inserido na ideia de solidariedade (que está tão gasto), de economia solidária (que está tão turbulento), parece ser uma ideia-força fundamental para pensar os temas que se relacionam com o consumo. Porque, por mais individual(ista) que o consumo possa ser, ele é um ato repleto de coletividades e está permeado por emaranhados sociopolíticos. Além do consumo responsável não ser sozinho, ele não é isento.

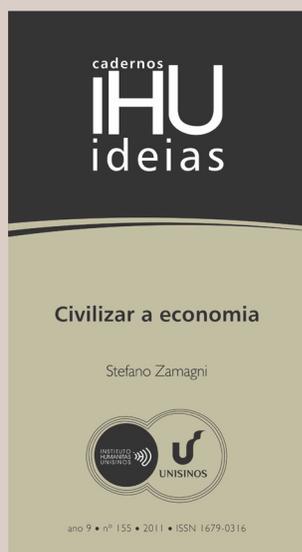
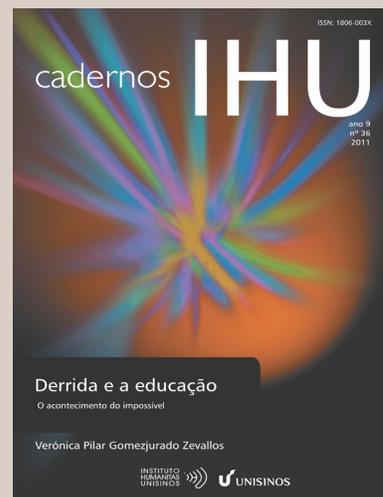
CICLO DE PALESTRAS: ECONOMIA DE BAIXO CARBONO. LIMITES E POSSIBILIDADES

PROF. DR. SERGE LATOUCHE, PROFESSOR DE ECONOMIA NA UNIVERSIDADE
DE PARIS XI,
SCEAUX / ORSAY

SOCIEDADE CONVIVIAL E ECONOMIA DE BAIXO CARBONO: UMA RELAÇÃO CONVIVIAL?
DATA: 23/11/2011

INFORMAÇÕES EM [HTTP://MIGRE.ME/5FWYL](http://MIGRE.ME/5FWYL)

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destaques

O amor e o lucro após a crise econômica

“Há lugar para a categoria do dom como gratuidade no âmbito do discurso e da prática da economia? Ou esta última está ‘condenada’ a falar a linguagem e, por isso, a ocupar-se somente de eficiência, lucro, competitividade, desenvolvimento e, no máximo, de justiça distributiva?” A pergunta é de Stefano Zamagni, autor do texto *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica*, publicado nos **Cadernos IHU ideias** número 155, que acaba de ser lançado. Stefano Zamagni, economista italiano, é professor da Universidade de Bolonha, na Itália. O artigo em sua versão integral estará disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) a partir de 14-10-2011 em formato PDF. Já a versão impressa pode ser adquirida desde já na Livraria Cultural da Unisinos ou pelo e-mail humanitas@unisinos.br



Cadernos Teologia Pública

Razão e fé em tempos de pós-modernidade

Franklin Leopoldo e Silva

ano VIII - número 60 - 2011

ISSN 1807-0590
INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS
UNISINOS

Razão e fé em tempos de pós-modernidade

Recém lançado, o número 60 dos **Cadernos Teologia Pública** traz o texto *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* de Franklin Leopoldo e Silva, professor de Filosofia na USP. Segundo o autor, “a questão que no momento atual nos aflige é se a razão técnica, no exercício de sua vocação dominadora, é capaz de reconhecer os seus limites e deter-se diante deles, a fim de que se possa descortinar, nos tempos que estão por vir, quais seriam as

possibilidades de reconstituição histórica da relação entre a razão e a fé”. O artigo estará disponível, na íntegra, a partir de 17-10-2011 em formato PDF no sítio www.ihu.unisinos.br. E a versão impressa pode ser adquirida na Livraria Cultural da Unisinos ou pelo e-mail humanitas@unisinos.br

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no

facebook

(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:

